

fundamentos

ANO V * N.º 31 * 1953

GRACILIANO RAMOS

MEMORIAS DA CADEIA

SOBRE AS ARTES E CIENCIAS

G. MALENKOV

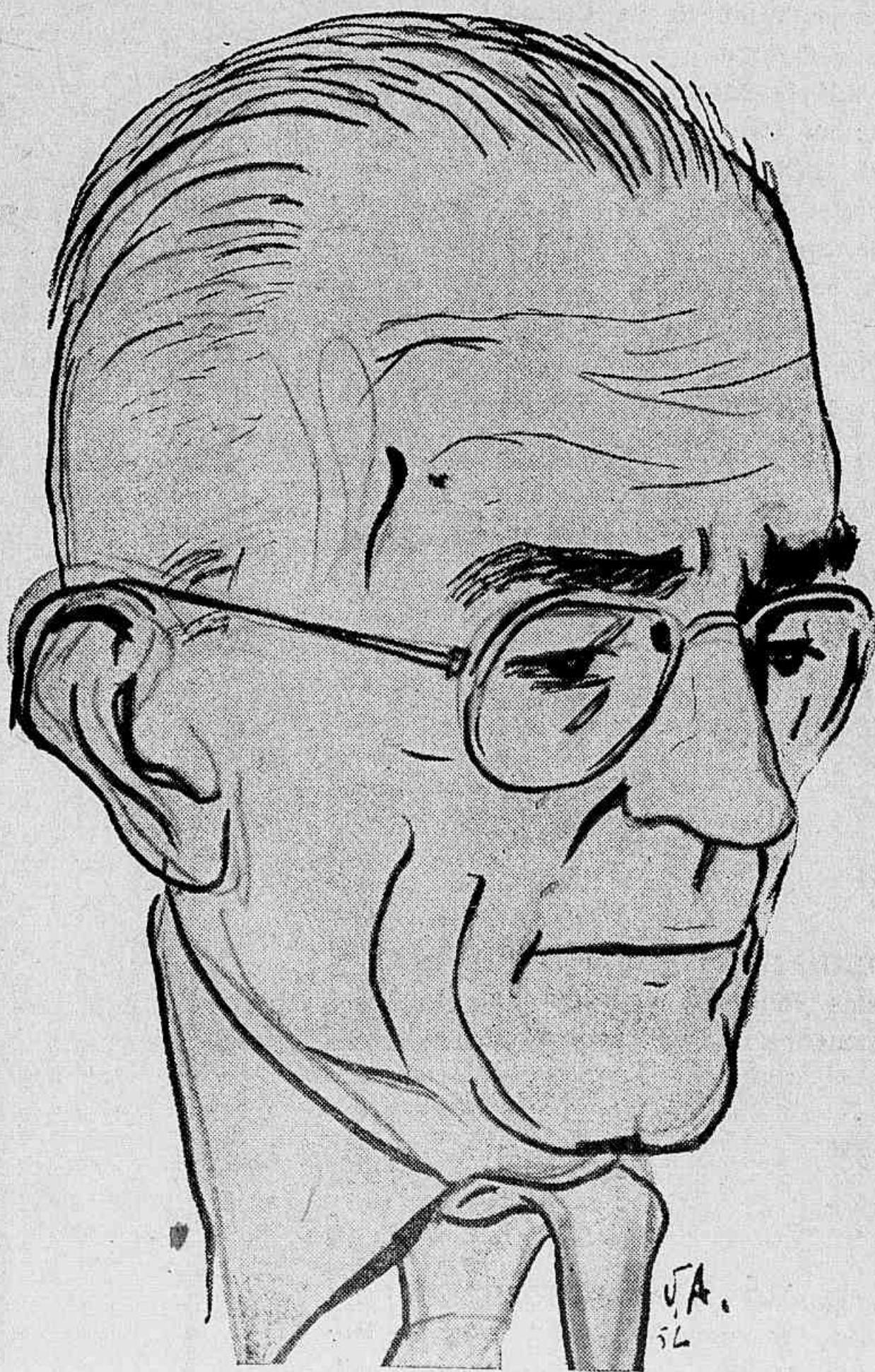
POESIA PARTICIPANTE

- LILA RIROLL
- JACINTA PASSOS
- CLOVIS MOURA
- SOSÍGENES COSTA
- ROSSINE C. GUARNIERI
- ANTONIETA D. M. SILVA
- JORGE MEDAUAR
- ALUIZIO MEDEIROS

Preço Cr\$ 5,00

REVISTA DE CULTURA MODERNA

FUNDADOR
MONTEIRO LOBATO



GRACILIANO RAMOS • Desenho de Virginia Artigas

fundamentos

ANO V - JANEIRO - N.º 31 - 1953

CONSELHO DE REDAÇÃO

Afonso Schmidt
Alvaro de Faria
Aparício Torelly
Artur Neves
Astrojildo Pereira
Bráulio Pedroso
Caio Prado Júnior
Clovis Graciano
Edson Carneiro
Eduardo Sucupira Filho
Eunice Catunda
Fernando Henrique Cardoso
Fernando Pedreira
Fernando Segismundo
Gilberto de Andrada e Silva
Graciliano Ramos
Gonçalves Machado
Ibiapaba Martins
José Eduardo Fernandes
José Menezes Campos
João Belline Burza
Luiz Enjolras Ventura
Léo Ribeiro de Moraes
Mário Schemberg
Moacyr Werneck de Castro
Omar Catunda
Rivadavia Mendonça
Rossine Camargo Guarnieri
Rui Barbosa Cardoso
Samuel Barnsley Pessoa
Vilanova Artigas
Walter Sampaio

DIRETOR PROPRIETARIO

Rui Barbosa Cardoso

REDATOR CHEFE

Afonso Schmidt



FUNDAMENTOS não se responsabiliza
pelos conceitos emitidos em trabalhos
assinados. Não devolve originais.



REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: —
Av. Ipiranga, 570 — 1.º andar — Fo-
ne: 34-7388 — São Paulo — Brasil.

ÍNDICE

Homenagem a Graciliano Ramos Aluysio Sampaio	3
Birinyi Graciliano Ramos	4
Opiniões sobre Graciliano Ramos	6
O povo em ação forja a sua poesia Walter Sampaio	8
A Rosa e a Mosca Clovis Moura	9
Canção para Maria Jacinta Passos	10
A Um Poeta Lila Ripoll	11
A Hora das Epopéias Sosígenes Costa	12
Pomar Rossine Camargo Guarnieri	13
Poema da Paz Antonieta Dias de Moraes Silva	14
As Pedras Jorge Medauar	15
Flor do Futuro Aluizio Medeiros	16
Literatura não é bicho de sete cabeças Rep. de Raul Azedo Neto	17
O Papel da Superestrutura no Desenvolvimento da Sociedade G. Alexandrov	19
El Soldado Miguel Paz Y El Sargento José Inés Nicolás Guillén	22
Paul Eluard Rossine Camargo Guarnieri	24
Balanco histórico-crítico do cinema nacional Carlos Ortiz	26
O papel das artes e ciências na construção do comunismo G. Malenkov	29
S. Paulo pela Paz	30
Ontem e Hoje Eduardo Sucupira Filho	32
Que ismo é esse, Koellreutter? Guerra Peixe	33
O papel da coletividade na educação Maria Guerra	36
Notas e Noticias	38
Livros e Revistas	39
Diego Pires de Campos	41
A Opinião de Bruno Giorgi Fernando Pedreira	44



NOVO ENDEREÇO

Chamamos a atenção dos nossos leitores e amigos
para a mudança de endereço de «FUNDAMENTOS».
Solicitamos que enviem a sua correspondência para:
Av. Ipiranga, 570 — 1.º andar — São Paulo — Brasil.

Homenagem a Graciliano Ramos

ALUYSIO SAMPAIO

Sentidas homenagens prestaram o povo brasileiro, os escritores e os intelectuais, em todo o país, a Graciliano Ramos, na passagem do seu sexagésimo aniversário.

Toda a consciência nacional encheu-se de júbilo ante um fato tão auspicioso como este.

Graciliano Ramos é, realmente, dos mais dignos representantes da cultura brasileira. Inclui-se, com justiça, entre os mestres das letras nacionais. Escritor primoroso, enriqueceu o patrimônio cultural do país como poucos homens de letras o têm feito. Os seus romances, escritos com maestria, oferecem-nos páginas de inexcédível beleza na sua maneira original, poeticamente agreste, de narrar.

Se Graciliano Ramos é, entre os nossos romancistas, um dos que melhor souberam e sabem escrever a nossa língua, e um dos mais profundos conhecedores da técnica do romance, possui, como uma constante em sua vida, um aspecto que lhe é essencial: o amor ao povo.

Toda a sua atividade, como homem e como escritor, tem este sentido. Esse nordestino magnífico, que muito viveu integrado no agreste do sertão, em contacto direto com as populações sertanejas, soube captar aspectos essenciais da vida nessa região brasileira, onde as massas camponesas vivem esmagadas pela natureza inóspita e a exploração dos "coronéis", oferecendo-nos o seu "*Vidas Secas*" que, realista, retrata a vida do nordestino na sua resistência estóica às longas estiagens e no seu ódio transbordante ao soldado amarelo — símbolo do Estado opressor. Graciliano Ramos é, assim, a própria voz de protesto do nordestino.

Examine-se, por outro lado, a sua atividade como homem: aí, mais acentuado ainda, o seu amor ao povo.

Em todos os momentos de sua vida, frente a quaisquer situações, sempre se fez intérprete das aspirações populares. Tentando quebrantá-lo em sua atividade patriótica, pretendendo amordaçar a sua boca cheia de denúncias e de protestos, o ditador Vargas, nos dias negros do Estado Novo, prendeu-o, procurou humilhá-lo de todos os modos, raspando-lhe a cabeça e fazendo-o viajar, como uma fera acuada, num sórdido porão de navio.

Incólume e sem máculas, a tudo resistiu Graciliano Ramos.

Quando, em consequência da vitória sobre o nipo-nazifascismo, o Brasil entrou num processo de redemocratização, Graciliano Ramos tornou-se comunista.

Hoje, mantendo o seu passado honroso, consequente com a sua posição de homem e escritor progressista, amante do povo e da preservação cultural, ergue a sua voz de homem e de escritor em defesa da paz ameaçada pela política guerreira dos imperialistas anglo-americanos.

Ainda recentemente, Graciliano Ramos teve oportunidade de visitar a União Soviética, onde viu um povo livre empenhado em construções pacíficas, na transformação de estepes áridas em regiões cultivadas e felizes, nas grandiosas conquistas sobre a natureza, no desenvolvimento do padrão de vida e da cultura do povo.

Logo que chegou, de regresso, ao Brasil, começou a escrever um livro onde conta as suas impressões de viagem no mundo da paz. Será, sem dúvida, uma nova e importante contribuição à luta patriótica pela independência nacional e pela paz, um novo fruto do seu amor e de sua dedicação ao povo brasileiro.

Queremos, assim, nos associar às homenagens, por todos os títulos justas, que se prestam a Graciliano Ramos, mestre de cultura, filho querido do povo.

BIRINYI

GRACILIANO RAMOS

Waldemar Birinyi introduziu o jogo de xadrez no pavilhão dos primários. Vivia num isolamento profundo, necessitava comunicar-se. Por infelicidade, menoscabava os hinos e largava a frase importuna à chegada: — «Querem fazer revolução com essas bestas?» Em consequência, o antigo oficial de Bela Kun recebera excomunhão. Tentava conversar e ninguém o compreendia direito. Quis dizer-me qualquer coisa um dia. Ouvindo algumas palavras italianas fixei a atenção, mas a pronúncia horrível, idiomas diversos a misturar-se, em balburdia, atrapalhavam desesperadamente o discurso. Mais tarde perguntei ao russo:

— Que diabo de língua fala Birinyi, ó Sérgio? O italiano dêle é medonho.

— E o alemão também, respondeu o matemático. Não consigo entendê-lo.

Na falta de intérpretes, Waldemar Birinyi precisou recorrer a um português miserável. Com isso, expressões da sua algaravia internacional e gestos enérgicos, chegou a manifestar-se. Nessa linguagem referiu-me que a polícia lhe havia tomado oito malas, 25.000 francos suíços e, perda irremediável, uma valiosa coleção de selos, a terceira do mundo. Fôra anos atrás à Inglaterra, exhibir essa maravilha ao rei, filatelista. Narrou-me a viagem com segurança, a visita, bastante vaidoso.

Para abreviar o tempo, decidiu pintar numa folha de almanaque um tabuleiro de xadrez; formou peões, torres, cavalos, bispos, reis e rainhas com miolo de pão; coloriu de azul metade das peças e das casas. Desde então esse divertimento nos encheu as horas, venceu as lições, as cantigas, a Voz da Liberdade.

Ao cabo de uma semana houve desarranjô. Encontrei Birinyi a mexer-se irritado:

— Bicho.

Levou a mão à boca muito aberta:

— Bicho.

Mostrou as peças, roídas, várias inutilizadas, escancarou de novo os queixos, moveu os beijos. Percebi a intenção dêle:

— Comeu?

— É, comeu. Bicho comeu jogo.

— Que bicho, Birinyi?

O homenzarrão ficou um instante indeciso revolvendo a memória. Nada achando, estirou-se no chão de barriga para baixo, sacudiu à toa os braços e as pernas, enfim traduziu como pôde os movimentos de uma barata. Concluí facilmente que as baratas haviam estragado as figuras.

Esse contratempo não nos causou prejuízo sério. Waldemar Birinyi utilizou segunda vez o miolo de pão e o tinteiro. E na manhã seguinte, ao descer do banho de sol, vi junto à escada um rapaz moreno, barrigudo, com feitiço de pote, demolindo a canivete o cabo de vassoura. Concentrado e paciente, escavava a madeira rija. Admirei-lhe a pachorra, informei-me:

— Que é que o senhor está esculpindo,

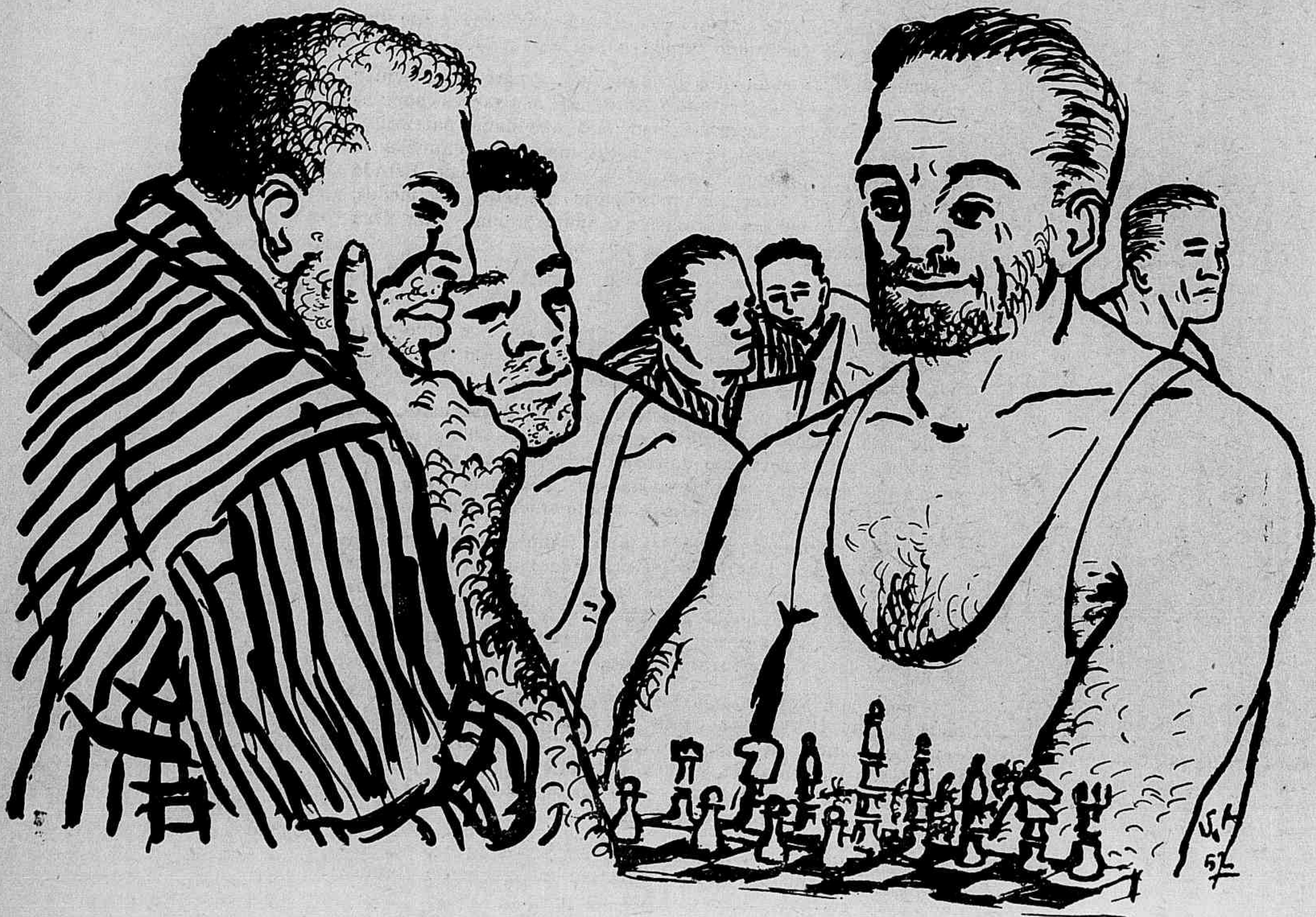
— Uma torre, explicou o moço em voz gemida, suspendendo o trabalho e fitando-me os olhos mansos.

— Quê! Tenciona arrancar daí as peças todas?

— Claro. Já dividi o cabo de vassoura em 32 partes. Olhe os riscos.

— Esse pau é duro como o diabo. Será difícil arranjar os cavalos.

— Não há pressa, volveu o sujeito. Vou fazê-los inteiros. É mais fácil, sem tarugo.



enormes. Logo nos acamparamos no chão, embaixo de algumas divergências.

No toque e no toque, fui amarrado com Rodolfo Ghioldi. Mandaram-me a roupa tomada na polícia. Agora, de pijama, parecia menos magro. Continuava a discorrer sobre a América do Sul e explicava os motivos da rejeição de 1955: muitas instituições que tinham figurado nela precisavam esclarecimentos. Os guardas passavam, detinham-se. E a voz calma não se alterava, as ideias afluíam rápidas, o conteúdo me dava impressão viva de pessoa armada laboriosamente, no papel. Outras pessoas se manifestavam: Medina, Pascual Lezama, Valério Konder, médico, alto, loura, de olhos enérgicos, Benício Fernandes, advogado tuberculoso. Lauro Lago narrou o nascimento de Natal, Sebastião Nery mostrou pedras de Alagôas. Quanta mais se aproximava, porém, era Rodolfo, secretário do Partido Comunista Argentino, homem de responsabilidade. Certamente o vigiavam de perto. Receávamos que o mandassem para lugar pior. Prestes e Berger viviam segregados e o segundo perdia a razão sob torturas.

Rodolfo Ghioldi se dirigiu a mim pela primeira vez descontente. Soubera que o considerava bom orador e aborrecia-se:

— Não sou orador. Apenas converso.

— É esquisito, respondi. Certas palavras se acanham imerecidamente. Gosto de dar a elas o sentido exato. Não julgo oradores os que declamam solecismos e lugares-comuns. Aqui no Brasil há uma birra como a sua: ninguém quer ser literato, não sei porquê. Eu me confesso literato, literato ordinário.

Fim do equívoco, tornamo-nos amigos jogando xadrez. Perdes, moviamos as pedras desazadamente, palestrando.

— Você acha que Birinyi foi realmente oficial de Bela Kun, Rodolfo?

— Talvez. Quem sabe? Os oficiais de Bela Kun não deviam ser muito diferentes daquilo.

Pobre de Birinyi, criança gigantesca. Uma vez chegou-se a mim, pediu-me o tabuleiro com que me entretinha.

— Um instante, Birinyi. Estou acabando a partida.

— Eu queria já.

— Bem.

Despedi-me do parceiro e contentei o húngaro. No outro dia, à hora do almoço, procurei-me na fila, apreensivo:

— Senhor, está zangado comigo?

— Zangado? Não. Por que?

— Está, sim. Por causa do tabuleiro.

— Que ideia, Birinyi! Quem lhe falou nisso?

— Souber.

— É brincadeira dele.

O cubano ficou um momento indeciso, estendeu-me o braço pedindo:

— A mão.

Apertei-lhe os dedos, rindo.

— Agora, exclamou sem navens. Agora sim. Camaradas.

Tempos depois chamou-me ao cárcere, mostrou malas abertas e fotografias das suas casas, em Buenos Aires e em Londres. Abriu álbuns fornidos onde se pregava a famosa coleção de selos. Faltavam diversos, os maiores, os mais bonitos, mas isto não significava perda grave.

— Ainda é a terceira do mundo, murmurou com alívio.

A terceira, levada à Inglaterra para o rei ver.

— Senhor pensava que era mentira.

— Que lembrança, Birinyi! Eu não disse tal coisa.

— Mas pensou. Verdade, verdade.

Apresentou-me, risonho, uma revista inglesa. Vi uma ilustração: dois tipos, ele e o príncipe de Gales, se absorviam, num daqueles grossos volumes que enfeitavam a cama estreita, cheios de papelinhos coloridos. Lá estava a notícia. A chegada à Londres, a audiência custosa, o valor dos símbolos examinados com atenção, pelos dois homens.

— A terceira do mundo. Verdade.

— Naquele tempo ele não era rei.

— Mas hoje é, respondeu Birinyi orgulhoso, tomando-me a revista.

Opiniões sobre Graciliano Ramos

"A falsa imagem de um Graciliano Ramos feito exclusivamente de pessimismo e de descrença, um desolado romancista e um cidadão de fundas amarguras, um desesperado, pode servir para silenciar sobre a mais clara e formosa lição de sua vida de escritor: — sua lealdade ao povo, a irredutibilidade de sua posição de combatente. Sob aquela imagem deformada, ficaria escondido o luminoso exemplo de escritor e do cidadão formando um todo único, ocultar-se-ia o crime contra a cultura cometido na pessoa de Graciliano Ramos, nos anos do Estado Novo, quando levaram-no de cadeia em cadeia, transportado em meio a ladrões e assassinos nos porões imundos dos navios, de cabeça raspada na infame Colônia Correccional dos Dois Rios, quando sacrificaram para sempre sua saúde por ser ele um anti-fascista e uma voz de acusação".

JORGE AMADO

★

"A vida do velho Graça tem aspecto simbólico dentro de nosso mundo de pensamento. Prefeito duma pequena cidade alagoana, secretário de Educação no governo de seu Estado, vai daí para as masmorras fascistas onde se pretendeu afogar a inteligência e o futuro do país."

"O importante dessa experiência vivida é a coerência consigo mesmo e com sua obra. O honrado homem de pensamento que, em cargos de governo, na prisão, em liberdade e trabalhando dura-

mente para viver, sempre atendeu àquele apelo da consciência que exige a verdade e absoluta decência".

"É realmente um símbolo na vida intelectual brasileira essa honestidade incorruptível, herdeira de nossa já longa história literária, em seu fundamental rebelde e humanista".

IVAN PEDRO DE MARTINS

★

"Enquanto certos poetas e prosadores que nos últimos tempos ganharam o que entre nós se conveniou chamar de fama fazem fila na vereda fácil que vai morrer no beco dos interesses mesquinhos e egoístas, Graciliano tomou a estrada larga e luminosa que se espraiava no mundo novo de alegria e felicidade".

MILTON PEDROSA

★

"No pessimista minucioso, agita-se o lírico que namora de longe as terras reais do mais alto e fecundo otimismo. No revoltado cheio de ideias de destruição, está um espírito lícido e quase contemplativo, aceitando e louvando uma revolução que desperta no homem todas as suas forças de criação e de uma ordem harmoniosa".

DALCIDIO JURANDIR

★

fundamentos

"Considero Graciliano Ramos, dos romancistas brasileiros de hoje, um dos poucos cuja obra se pode dizer desde já que se inscreve entre os clássicos da nossa literatura".

SERGIO BUARQUE DE HOLANDA

★

"Nunca disse de Graciliano Ramos todo o bem que dêle penso, embora o tenha elogiado sempre. E' que sua obra não se esgota facilmente. Há permanentemente nela alguma coisa a mais".

SERGIO MILLIET

★

"Girando na roldana da disciplina ascética, seu estilo desce a prumo como sonda ao poço híbrido da terra dos homens e do coração das criaturas.

"Mas, cada vez que sobe trazendo o que se cuida ser um livro, fica manifesto e testemunhado que o que está emergindo é uma raiz de ouvidos e bocas, trazendo enlaçada, como um polvo, a estrela submersa".

JOSÉ GERALDO VIEIRA

★

"Dêle se pode dizer que é a própria novelística brasileira".

GERALDO PINTO RODRIGUES

★

"Em Graciliano, sempre me impressionou profundamente a fidelidade do escritor ao homem que aflorou para a obra de criação à custa de muita luta, experiência e sofrimento".

DOMINGOS CARVALHO DA SILVA

★

"Graciliano ainda será um clássico nacional. Sua obra traz a marca das coisas que vieram para durar, para permanecer".

EDGAR CARVALHEIRO

★

"Quanto a mim, contento-me em recordar a água forte de "Vidas Secas", que ficará para sempre como a melhor simbologia do drama dos retirantes e da tragédia do Nordeste".

MARIA DE LOURDES TEIXEIRA

★

"A crítica está cansada de proclamá-lo o maior dos nossos romancistas vivos".

ELSIE LESSA

★

"Realmente, é o homem brasileiro, na complexidade do seu drama, que absorve, inteiramente, o romancista — e precisamente por ser profundamente regional tornou-se universalmente humana essa obra, que já alcançou tradução inglesa e espanhola".

Deputado COELHO DE SOUZA, na Câmara Federal.

★

"No fundo dos romances e dos contos de Graciliano Ramos há muito mais humanidade, muito mais verdade, muito mais penetração, muito mais conteúdo, do que na prosa empolada e campanuda de alguns escritores que passam ainda hoje por modelares".

R. MAGALHÃES JR.

★

"A certeza de que Graciliano Ramos não gerou apenas seres odiosos mas nos deu as razões, os motivos, as causas secretas, que explicam estes seres, criando para eles uma atmosfera de compreensão, uma luz que nos permite distinguir o que move as almas mais duras, dá-me a tranquila segurança de nada ter a mudar nas minhas palavras de 1942".

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

★

"Chega o mestre Graciliano Ramos aos sessenta anos sem que tivesse mudado um milímetro do homem que conheci há mais de vinte anos no sertão de Alagoas. Pode o corpo ter cedido, mas o espírito firme, incorfomado, a capacidade de reagir e dominar os acontecimentos são os mesmos".

JOSÉ LINS DO REGO

DECORAÇÕES ZANINE LTDA.

PROJETOS E DECORAÇÕES ARTISTICAS

★

R. MARQUÊS DE ITÚ, 1033 — FABRICA — FONE: 51-4231

O povo em ação forja a sua poesia

WALTER M. SAMPAIO

A poesia contemporânea somente poderá encontrar seu verdadeiro e rico manancial criador nos grandes temas da vida e ação das massas populares. Os melhores e mais fecundos sentimentos, capazes de imprimir à poesia um conteúdo de duradoura beleza, capazes de conduzi-la à sua mais nobre função, são justamente aqueles de que são portadoras as massas populares que neste instante lutam pela sua libertação e aspiram a paz e o progresso.

A boa poesia sempre nasceu das grandes idéias. E as grandes idéias são aquelas capazes de encarnar um grande ideal, o qual reflete as aspirações mais gerais da sociedade. E essa poesia é necessariamente rica de lirismo, de conteúdo e de poder comunicativo, porque inspirada em um elevado ideal e por ser produto de sentimentos mais gerais, coincidindo assim com a sensibilidade e o gosto do povo.

Inspirada nos grandes temas da vida, a arte adquire um cunho de universalidade e humanismo que possibilita a sua permanência histórica e sua projeção à épocas posteriores. O ideal de libertação, criação e transformação, determinado pela necessidade humana de progresso e aperfeiçoamento, é, inegavelmente, uma constante histórica. Daí, uma obra do século passado como por exemplo a de Castro Alves, que refletiu o ideal mais elevado de sua época, poder encontrar expressiva atualidade. As grandes obras, que resistem à força dos séculos e constituem patrimônio da humanidade, como as de Shakespeare, Heine, Balzac, Gorki, Tolstoi, Gogol, Vitor Hugo, etc., encarnam as idéias mais elevadas e mais gerais de sua época e contêm as aspirações do povo. Quando, entretanto, as idéias da classe dominante se dissociam e se opoem às do povo, a arte dominante se restringe ao gosto de uma elite, perde sua ligação com os problemas fundamentais da época para se transformar em instrumento de fuga, abstração e mistificação da realidade. Quando a arte mistifica, coloca-se o artista, consciente ou inconscientemente, à serviço dos interesses da classe dominante.

A arte mais divulgada atualmente nos países capitalistas, concebida sob a égide de um individualismo doentio e de uma filosofia anárquica que se afasta da realidade, não poderia ser o instrumento das idéias mais gerais e mais elevadas da sociedade. Pelo contrário, ela perdeu todo o conteúdo de beleza e comunicabilidade e exauriu-se em especulações metafísicas e amoralistas, e, nesse caminho, cada vez mais se distancia da realidade e dos sentimentos populares.

Uma arte desse tipo, é lógico que não poderá se converter em legado histórico e fonte de inspi-

ração e exemplo. Subsistirá, sim, a poesia cuja fonte é o lirismo, que transmite a realidade e as aspirações do povo. Subsistirá a poesia de Neruda, Lorca, Maiakowski, Hugues, Kimet, Guillen, Alberti, etc., que são os portadores da poesia viva de nosso tempo.

No Brasil é comum se ouvir falar em crise da poesia. A formulação peca pela sua generalização. Há de fato uma crise, mas de certa poesia e que coincide com a crise geral de uma determinada ideologia. Na realidade, há também em nosso país uma poesia viva, à margem da metafísica, do formalismo, do intimismo, da incomunicabilidade, das vocações inatas, dos versos difíceis, poesia que se desenvolve e se enriquece no contingente popular, procurando transmitir a realidade histórica, compondo assim, num vigoroso painel, o autêntico humanismo, cujas bases estão firmadas na vontade de progresso, libertação e paz.

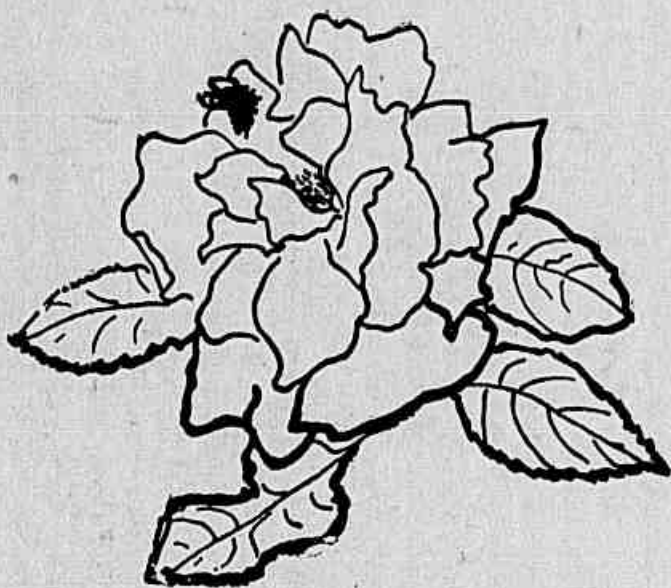
É a nossa poesia progressista, popular, humana e participante que está se construindo num trabalho difícil, porquanto sua elaboração exige do poeta não apenas uma rutura com os processos poéticos dominantes, mas especialmente sua identidade com os problemas do povo, com os grandes temas da vida social, o que importa para o artista em um compromisso político para com o povo.

"Fundamentos", na sua definida posição de lutar por uma cultura progressista e popular, bem a propósito faz publicar nesta edição alguns poemas cujo conteúdo bem caracterizam o esforço de vários poetas brasileiros que neste instante procuram enriquecer a arte, colocando-a à serviço das melhores causas do povo. São poemas de Rossini Camargo Guarnieri, Lila Ripoll, Jorge Medauar, Jacinta Passos, Sosigens Costa, Antonieta Dias de Moraes Silva, Aloisio Medeiros, Raimundo Araujo, Clovis Moura, escritores que estão forjando a poesia viva. Seus cantos procuram transmitir a existência do homem brasileiro, do operário, do camponês, e os desejos de paz e libertação do nosso povo. Ligada assim aos maiores temas de nossa época, portadora dos mais altos ideais do homem brasileiro, reencontra a nossa poesia suas ligações com as fontes fecundas e criadoras da beleza que construíram a poesia mais autêntica do nosso passado.

A poesia brasileira não está em crise. Pelo contrário, o povo que está em ação, demiurgo dos ideais mais dignos, também está criando a sua poesia e os seus poetas. O povo, lutando pela sua libertação, ao mesmo tempo forja a sua arte e a sua cultura. E é justamente esta a arte que se enriquecerá e se transformará em legado à posteridade.

A ROSA E A MOSCA

CLÓVIS MOURA



Os campos da Coréia semeiados de verduras, de flores e de frutos: cidades tumultuam a geografia: Seul resplande, destruída embora. Olhos de camponeses miram a terra boa, molhada e farta agora e sempre. Calcária paisagem branca e fria, estrugem rosas sobre a terra, o humus fertilizando e amenizando os frutos. Mais adiante é a guerra extorcente, exércitos em luta, os invasores que de Norte-América em aviões a jacto descem compactos para morrer dispersos, rotos, fugindo pelas terras frias, atacam patriotas que resistem.

E morrem. Entrecortados, devorados pela própria ambição. «Boys» mercenários estendem-se de bruços sobre a lama que é de sangue, argamassa e independência. Estendem-se nas terras coreanas: colheita acre, perpassada e podre. E a luta continua, Kim Ir Sen parece em bronze modelar vitórias. Os populares vão, atacam e vencem: vencem tanques forjados em Detroit, vencem fuzis que, feitos à socapa, deram dinheiro certo aos seus fautores, vencem dureza e instinto de animais que Wall Street conseguiu trazer para que no asfalto americano cadillacs conduzam estupro e sangue.

Exércitos, cotidianamente, descem nas terras Norte-coreanas. Mas, mesmo assim, a madrugada avança com as vitórias das forças populares, tropas que marcham eretas como lança, mar de braços, de olhos, de vitória que conduzem a bandeira de esperança!

Há sete mil janelas no edifício, abertas dia e noite, sempre acesas, órbitas frias perfurando a noite, ruídos pelas horas, noite a dentro perambulam sinistros pelas salas. Não é indústria de brincos ou chiclets, matéria plástica, coca-cola ou swing. É a indústria da mosca, raio e morte gerados por mil cérebros de bestas. Geram em tubos de ensaio o tifo, o cólera, cultivam como orquídeas peste e gripe, empacotam depois, rotulam e vendem para que a mercadoria dos ianques, safra de morte, febre, espasmo e pranto, seja atirada sobre os brancos campos das terras devastadas da Coréia!

E soltam a mosca, sobre o campo voador, pousa nos lábios da criança. Dorme o velho sobre o chão sono tão forte que não sente a picada de um inseto na véspera atirado por um avião a jacto.

E ficam os dois deitados para sempre, e para todo o sempre repousados! A mosca voadora sobre os rios, pára, injeta na água a podridão mais fria. Nos campos de colheita faz pousada e do trigo só resta a fome e a sede, desolação, sem hora de alegria. Desce a mosca; depois: ratos e pulgas, escorpiões, insetos, rãs, batráquios, a coleção macabra cultivada no arranha-céu de sete mil janelas por cientistas pagos e cevados: orgulho dos políticos da América.

Ea maldição da mosca varre os campos, em cidades destrói vida e beleza, perambula — fantasma de olhos fundos — pelos campos heróicos da Coréia. É a guerra de micróbios dos ianques! O voador da morte, impessoal, sem nome, que em peles deixa o vírus que destrói. Cabeleira de tifo, olhos de rata, meningite nos dentes! Ah, fantasma, ah, fantasma que exprime no semblante os alvares sorrisos de Eisenhower, ah, fantasma, a Coréia não se rende, não se entrega, que acima desse crime monstruoso que ficará no rosto dos Estados Unidos da América vive a determinação cotidiana de salvar para nós o campo e a rosa. A criança terá sono mais puro que o da morte que trazes como dádiva da civilização ocidental. Ah, mosca, ah, fantasma, ah, mr. Truman: a morte se deterá um dia, a Paz, fantasma para vós, para nós pomba que voadora semeando campo e vida é aço já forjado em nossas mãos: fibra dessa floresta vegetal que do Amazonas, Malaia, da Indonésia, Indo-China, Coréia, Viet-Nam, ergue um braço de sangue e tempestade, de aurora, de futuro e de esperança tendo entre os dedos de rocha e de aleluia, a rosa que o heroísmo já plantou!

Canção para Maria

JACINTA PASSOS

Por que estás triste, Maria
como noite sem espera,
por que estás triste, Maria
que eu vi no porto de Santos
e nos campos da Bahia?
Tua fala me responde:
sete e sete são quatorze,
carangueijo peixe é,
como custa ai! como custa
de remar contra a maré.

Vamos Maria vamos,
o mundo é céu, terra e mar.

Não tenho pena e consolo
nem fuga para te dar.

Tua sorte será feita
com o poder de tua mão,
se vence fera e doença,
também fome e solidão,
se vence até a loucura
com o poder de tua mão.
Amanhã vamos à lua
diz a ciência: por que não?
se vence governo e polícia
ó Maria
com o poder de tua mão.

Vamos Maria vamos,
o mundo é céu, terra e mar

Eu já vejo amanhecendo
tão belo, no seu olhar.

Tão real como teres pés
é a fala do velho Stalin
é o novo mundo chinês.
Tão certo como um provérbio
que a boca do povo fez.
A paz não chega de graça
como chuva cai do céu.
Quanto suor, pensamento,
quanta bravura escondida
Maria, neste momento.

Tua sorte é de teu povo
ninguém pode separar.

Sou povo não sou cativo,
Quitéria pegou nas armas,
Zumbi foi um negro ativo,
pelas mãos deste pracinha
foi Hitler queimado vivo,
ó senhor americano
sou povo não sou cativo:
teu poder? era uma vez
histórias da carochinha
e jugo do português.

Verdade tão verdadeira
nem precisa se enfeitar.

Vamos Maria vamos,
o mundo é céu, terra e mar.

São Paulo, 1952

A UM POETA

LILA RIPOLL



PORQUE as rosas morrem te sensibilizas.
Tens os nervos tensos,
quando o vento geme nas vidraças frias.

Se o outono chega, tuas mãos se apertam,
tens os olhos baços
e o teu peito é terra de melancolias.

Quando a chuva fina cobre o céu de cinza,
porque as aves fogem procurando os ninhos,
ficas comovido.

Tu que és tão sensível, por que te surpreendes?
por que me interrogas,
se meus versos hoje mudam de sentido?

Neste nosso mundo, onde as rosas morrem,
corre o sangue puro de crianças mortas
fecundando a terra

Lá na Espanha há luto
e a Coréia chora,
dividida ao meio,
coração partido.

Não te lembras, poeta, de Garcia Lorca?
Pois não te comoves?
Que dizem teus versos?
Onde tens os nervos?

Desce os olhos, poeta, pelas duras faces
dos mineiros tristes
bem junto de nós.

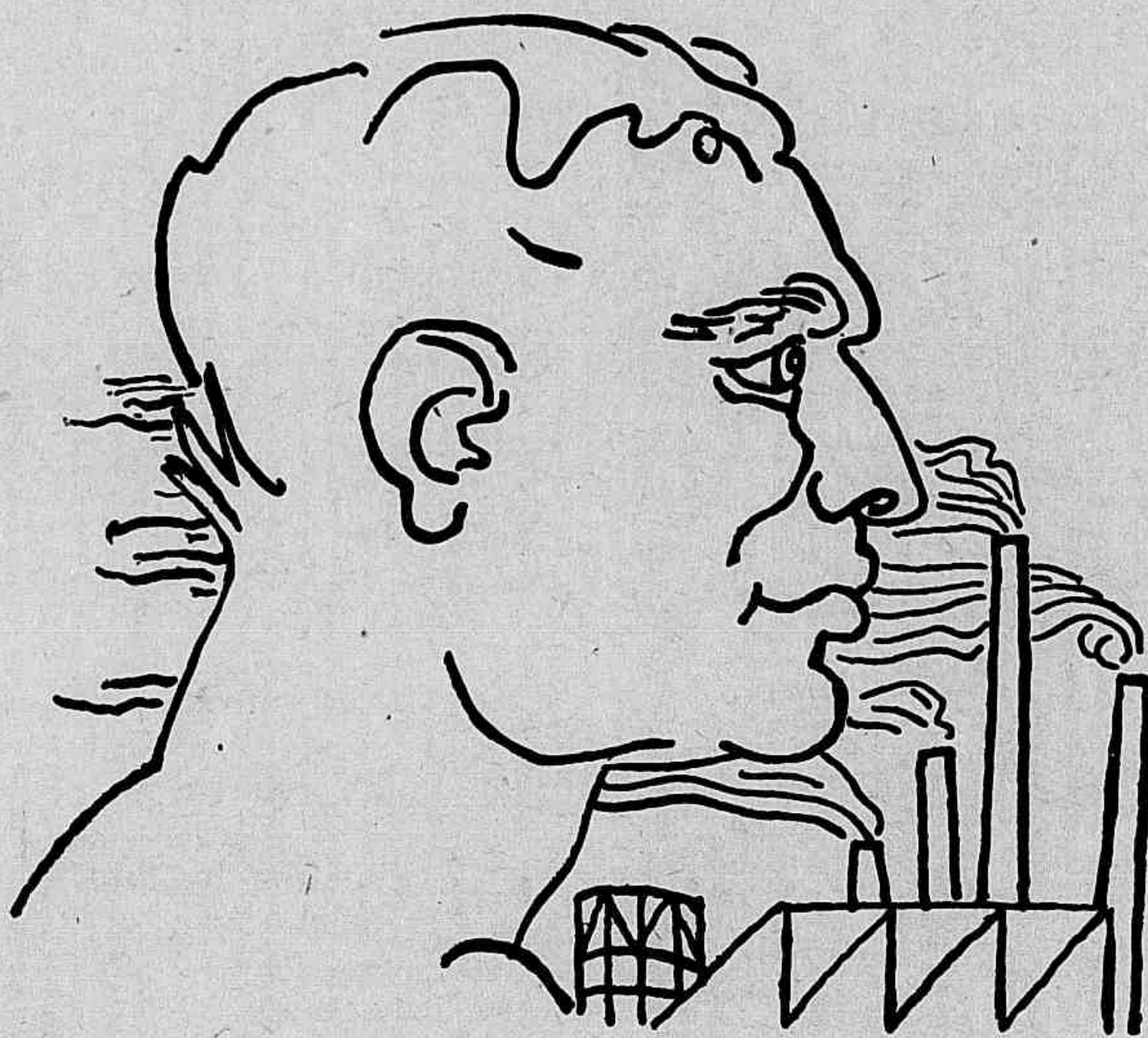
Por dez anos negros, numa cela escura,
Nazim Hikmet
soube erguer seu canto
por um mundo livre.
Tinha na alma o gosto pelas primaveras,
pelas claridades,
por fogueiras altas,
mas amava os homens
e o seu combate.

Tu que és tão sensível, por que te surpreendes?
Ama as claridades,
as vidraças frias,
ama o sol de outono
e ama as aves tontas.

Mas além das flôres, das estrêlas baças,
ama a vida pura,
ama o pão sem manchas,
e ama aos homens, poeta.

A Hora das Epopéias

SOSIGENES COSTA



Há de chegar êsse dia
das epopéias divinas
e divinas odisséias.

Castro Alves há de ver
na tumba dos seus avós
a hora das epopéias.

Tiradentes, que estás pálido,
com tua fronte de Cristo,
não tenhas medo da força,
desperta essa multidão.

Não tenhas medo da força,
enfrenta Maria Pia,
que essa rainha é uma louca
e está com epilepsia,
embora viva no trono
coberta de pedraria.

Com tua fronte de Cristo
e êsse teu manto da morte
que a glória está constelando,
Tiradentes que estás pálido,
desperta essa multidão.

Lá vem Felipe dos Santos
descendo do Itatiaia.
Não foi amarrado vivo
à cauda de um poldro bravo
e Vila Rica não viu
seu corpo despedaçado,
seu sangue pelas ladeiras?

A liberdade não morre.
Durante as trevas da noite,
se a sufoca a tirania,
muito mais bela renasce
quando surge a luz do dia.

Quem disse foi Castro Alves,
sob êste céu da Bahia,
que a liberdade não morre.

Lá vem Felipe dos Santos.
Ó noivo da liberdade,
não tenhas medo da morte,
enfrenta Maria Pia.

P O M A R

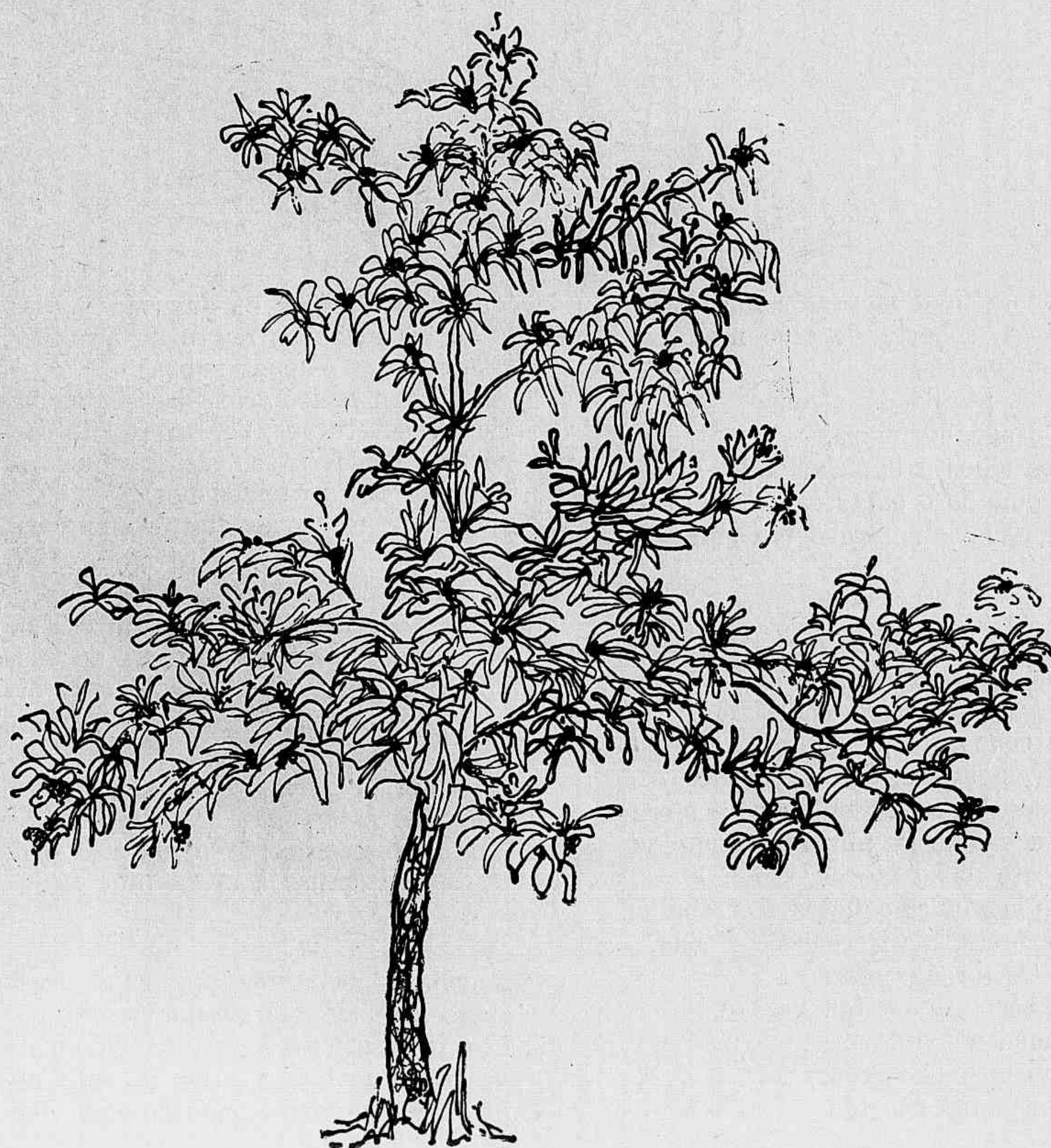
ROSSINE CAMARGO GUARNIERI

PENDEM dos ramos curvados
frutos maduros
que a terra fecundou para delícia de tôdas as
[bôcas...

BÔCAS sequiosas
no entanto
sofrem o martirio
da falta dos frutos
que vão caindo
vão rolando pelo chão
para o infortúnio da putrefação.

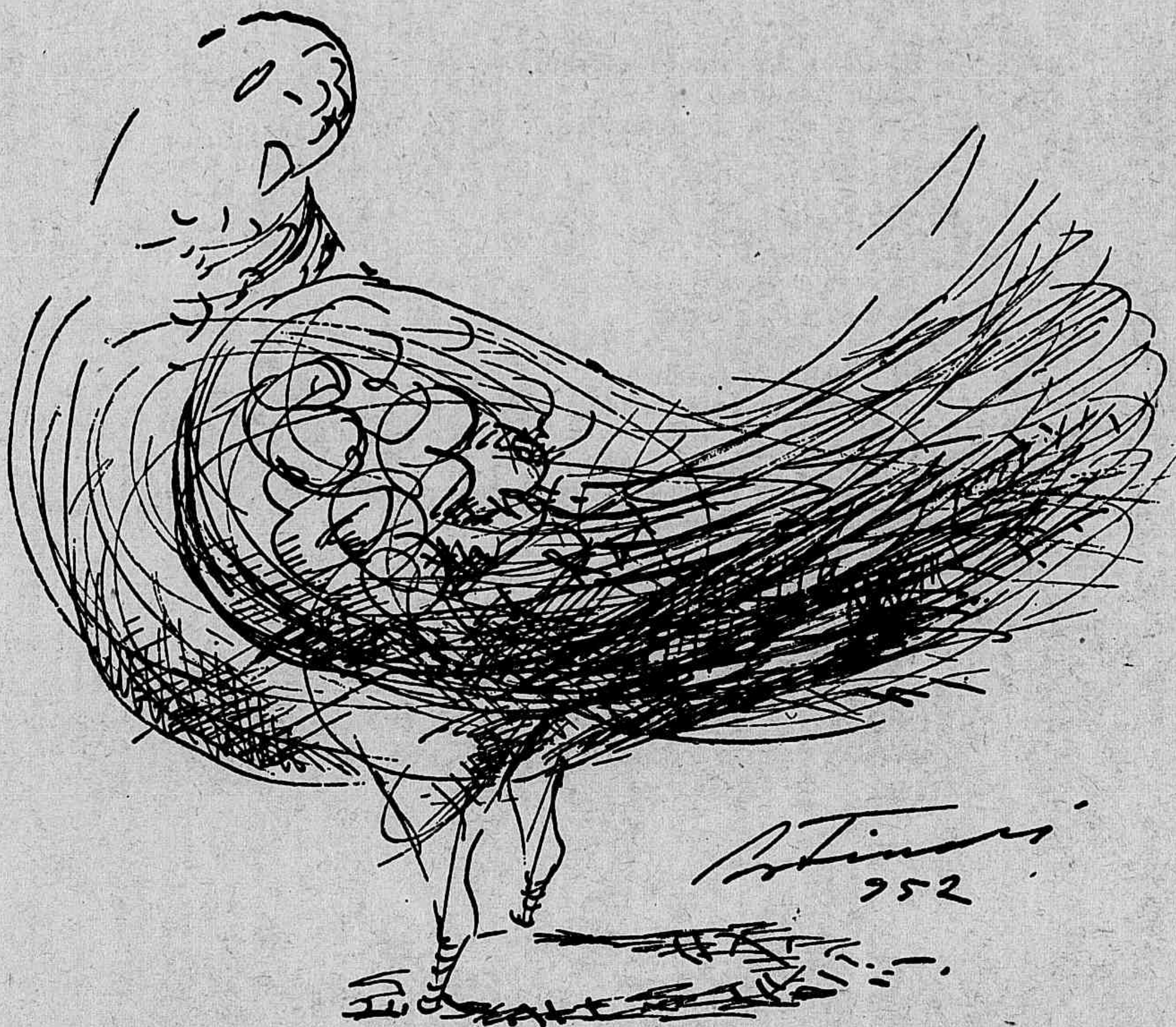
POR que será que os frutos estão caindo,
por que será que os frutos estão voltando
tristemente
ao seio maternal da terra
quando há tantas bôcas famintas
implorando inutilmente o que comer?

TODO pomar tem dono
e não é dado a todos ter pomar...



POEMA DA PAZ

ANTONIETA DIAS DE MORAIS SILVA



VOLTASTE das gélidas montanhas do destêrro
e vens, ó gloriosa, coberta de alvo manto
para os teus esponsais.
Nós te saudamos, pupila da alvorada,
trazes na face o orvalho matutino
e penetra nossos olhos a tua claridade.
A vida é astro quando o olhar se define
para o alto e longe vislumbra o teu fulgor.

Vem, ó bem-amada por entre as flâmulas de fumo
que das chaminés das fábricas te acenam.
De par em par te abrimos nossas portas,
senta-te e come conosco o pão de cada dia.
Através das novas janelas que se abrem
olha os campos que se estendem sôbre a terra
onde agora as sementes germinam tranquilas
e ouve a voz forte dos tratores
cantando em teu louvor as canções do trabalho.
A alegria em ti fonte, em ti renasce a vida,
ó verdejante estância da fartura!
A fraternidade repousa em teu regaço,
a tua volta é como a primavera!
De tôda parte viemos te saudar,
tem nossa pele a gama colorida

que vai do níveo ao amarelo
e do vermelho ao negro do azeviche.
Viemos das estepes rubras,
dos ardentes trópicos, das matas bravias
dos gelos eternos, das minas de carvão,
viemos das fábricas, dos campos,
de tôda parte viemos nós,
homens e mulheres que te amamos.

Somos o grande oceano, a massa líquida
que investe contra as plagas do passado
rasgando num esplendor o novo dia.

Curva-te, ó noiva, sôbre os planos do futuro
e aponte a tua mão os novos rumos
sendo tu mesma barco, bússola e destino
sirva de impulso à nossa luta o teu amor.

Recolhe, ó bem-amada, o nosso canto
cinge com êle tua serena fronte.
Em ti encontraremos sempre alento
pastôra da alegria, sino da verdade
pupila da alvorada, pão de cada dia.

AS PEDRAS

JORGE MEDAUAR

I

ESTA rígida espera há-de findar.
Por enquanto nem chuva, sol ou vento,
Nem mesmo cataclismos e relâmpagos
Romperão a granítica esperança.

Em silêncio, por séculos e séculos,
Enterradas em fundas estruturas,
Suportamos nos ombros todo o peso
De palácios, castelos catedrais.

Mas a rebelde flor há-de explodir
Na solidão marinha em que vivemos
Ou no alto solitário das montanhas.

Que não temos destino de muralhas,
De negra sombra imóvel entre flôres
Ou de brutas trincheiras para guerras.

II

Nada sabeis da voz da eternidade,
Nem do bronze, do níquel e do chumbo
Ligados por recônditos segredos
No amálgama profundo dos metais.

Dormem águias no cume dos rochedos,
Cabras selvagens grimpam nossos flancos,
Mas das pedras jamais minaram queixas
No orvalho eterno dos mananciais.

Nada sabeis de eternidade, nada
Sabeis dos diálogos noturnos entre
Relâmpagos, oceanos e montanhas.

Para efêmeros dias, construí
Quarteis inúteis, frágeis fortalezas:
Só nós, nas ruínas, ficaremos vivas.

III

Tereis passado como escorre a chuva
Pelos sulcos e rugas dos penedos.
E a bela flor de combativas pétalas
Será colhida por eternas mãos.

E nós seremos vivas, como é vivo
O tempo, como é vivo o peixe, como
As perenais estrêlas, fontes, pólem,
Algas, pássaros, bois e minerais.

E outros pedreiros, novos construtores
Ouvirão a palavra que revela
O mistério de eternos arcabouços.

De suas mãos, sòmente eternidade —
Como o leite, a semente, o amor e a paz —
Hão-de ficar na base dos rochedos.

S. Paulo, 12-8-52.

Flor do Futuro

ALUIZIO MEDEIROS

ESTA flor que balança docemente
e ao beijo quente do vento que a embala
desfaz-se em pétala, argila e semente
no solo imenso dêste continente;

êste passaro que adeja pelo mundo
êste passaro se aninha no meu peito
e pousa solene nas montanhas
— esperança, cantiga, liberdade;

êste calor que sobe das entranhas
da terra amargurada e sofrida
é bem no coração de cada homem
amargor, revolta, odio, ira;

êste sangue que corre como um rio
ao longo de tôda a tua vida
borbulha farto do peito generoso
dos mais queridos filhos do meu povo;

êste filho querido que tombou
recebe a honra, o crepe, nossa lagrima
nossa jura de seguir o seu caminho
deixado em meio no meio de canções;

esta muralha de carinho que se eleva
e cresce e cerca e envolve tua vida
contra ela esbarram teus verdugos
que tentam ferir o Prestes nosso;

êste riso, êste afago, esta ternura
que a ti devotam homens e mulheres
meu filho, eu, esta casa, nossa vida
a vida desta gente espezinhada;

esta doce melodia de espumas
a alegria fermenta cada dia
eleva estandarte em cada canto
nos cantos que se cantam em cada luta;

êste vento que sopra noite e dia
por sôbre a imensidão de minha Patria
desata a intriga e a baba do inimigo
semeia amor, fartura e o futuro;

êste amôr que se espraia pelas praias
pelos mares, montes, continentes
entrelaça-se em ramos solidarios
de solidarios homens de mãos dadas;

esta estrela que brilha no céu alto
ilumina veredas e caminhos,
a selva, o pampa, o árido deserto
minha Patria e a vida de seus filhos;

esta vida, minha terra e meu povo
esperança, cantiga, liberdade
esta flor que balança docemente
flor do futuro, Partido, minha vida.



Literatura não é bicho de sete cabeças

O Curso de Literatura da ABDE, uma iniciativa cultural para servir ao povo — Funcionários públicos, estudantes, professoras, pintores, advogados, um promotor público e até um aviador participaram do Curso — “Barnabé” é fan de Castro Alves.

Reportagem de RAUL AZEDO NETO

Para os intelectuais e outras camadas da população de São Paulo, sequiosas de cultura, desde Junho do corrente ano as quintas-feiras passaram a ter outro significado, passaram a ser um dia de gala, um dia ansiosamente esperado. Mas ninguém pense que isto se deve às entrevistas semanais do sr. Garcez. Não. Tal qual uma Cassandra provinciana, Sua Excelência, nas conversas ao pé do fogo das quintas-feiras, só anuncia aumentos de tarifas das ferrovias ou nega, reticente, os boatos de que seja um dos candidatos à Presidência da República...

É DEFICIENTE O ATUAL ENSINO

A história da literatura brasileira, pode-se dizer, ensinada nos estabelecimentos escolares, mesmo nas faculdades de filosofia é um catecismo sensaborão, ministrado aos alunos por obrigação. Aprende-se aí algumas regras, definindo os vários períodos da literatura nacional, classificados de modo arbitrário e que pouco aproveitam aos estudantes. E isto mesmo através de livros já superados, caducos, tanto em suas interpretações dos fenômenos literários do país, como no próprio tempo. Por incrível que pareça, muitos dos compendios utilizados no currículo escolar não incluem os nomes e as obras dos grandes escritores brasileiros dos nossos dias, continuadores diretos dos fundadores de nossa literatura. O resultado é que os estudantes saem das escolas e das universidades conhecendo esse catecismo, mas sem ter tomado contato com os romances e poemas que espelham a pujança da literatura nacional. O conhecimento das obras dos grandes romancistas e poetas, como Gregório de Mattos, Castro Alves, Manuel Antonio de Almeida, José de Alencar, Aluisio de Azevedo, Lima Barreto, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Jorge Amado e muitos outros, passados e atuais, fica espontâneo, dependendo mais dos pais e das amizades dos jovens do que da própria escola ou faculdade, que deveria ser, afinal de contas, a responsável por esse conhecimento.

Por tudo isso, o Curso de Literatura Brasileira da ABDE, seção de São Paulo foi revolucionário. Rompeu com a pachorra tradicional do ensino da literatura, dividindo a sua história em 12 pontos, que foram ministrados fielmente, a partir de 26 de Junho, todas as quintas-feiras, na sede do IAPETC Clube. Os 12 temas e respectivos professores foram: 1) «A Literatura brasileira e seu caráter popular e nacional», Cândido de Oliveira; 2) «Gregório de Mattos e a sua época»,

Quem transformou o significado de dia comum da quinta-feira foi a Associação Brasileira de Escritores, Seção de São Paulo, com a criação do seu já celebre Curso de Literatura.

O Curso é uma das consequências do III Congresso Paulista de Escritores realizado em Setembro de 1951. A comissão responsável pela sua realização é integrada pelos escritores Carlos Burlamarque Kopke, Abguar Bastos, Jamil Almansur Haddad, Walter Sampaio, Cândido de Oliveira e Itúrbides Serra.

Abguar Bastos; 3) «A Literatura Mineira na época da Independência», Miguel Costa Filho; 4) «Castro Alves», Jamil Almansur Haddad; 5) «Machado de Assis», Fernando Goes; 6) «Euclides da Cunha», Itúrbides Serra; 7) «Lima Barreto», Cândido de Oliveira; 8) «Evolução da Poesia Brasileira»; 9) «Evolução da prosa brasileira», Domingos Carvalho da Silva; 10) «Evolução da Crítica», Carlos Burlamarque Kopke; 11) «Fontes Populares da Literatura Brasileira», Rossine Tavares de Lima; 12) «Função Social do escritor e da Literatura», João Accioli.

O QUE É LITERATURA

Na aula inaugural, ministrada pelo professor Cândido de Oliveira, o Curso de Literatura da ABDE tomou posição, definindo suas concepções sobre arte.

«A História da Literatura é o inventário das obras literárias que resistem à crítica. Estas são sempre a expressão de um «momento», que surge como um todo». Mais adiante, afirmou o escritor que «a literatura apresenta o homem à vida: é instrumento social principalmente. Toda manifestação artística está comprometida com o desenvolvimento econômico social». Definindo o caráter popular da literatura, o professor Cândido de Oliveira mostrou que «literatura é soma de experiência humana e social. Ela sempre se apresentou ou como (a) ARTE SOCIAL ou como (b) ARTE PELA ARTE (que é exterior, desligada dessa experiência). As criações literárias são consequência de material já existente, patrimônio da nacionalidade, movimentado pelo povo — e o artista, que o modela, é também um indivíduo que pertence a dada nacionalidade. Todo este Curso de Literatura existe justamente para, estudando nossos valores literários, apontar sua ligação com a terra e com o homem e até que ponto nossos literatos reali-

zaram obras que são reflexo de nossa cultura. Cultura como «soma total das criações humanas». Literatura que nos leva de encontro à vida, não literatura de fuga.»

Para compreender melhor o caráter popular e nacional da literatura brasileira o professor Cândido de Oliveira recomendou uma alentada bibliografia: «Uma interpretação da Literatura Brasileira», de Viana Moog; «Introdução à Antropologia Brasileira», de Artur Ramos; «História Econômica do Brasil», de Caio Prado Junior; «Casa Grande e Senzala», de Gilberto Freyre; «Retrato do Brasil», de Paulo Prado; «Crítica Social de Eça de Queiroz», de Djacir de Menezes e «Evolucion Histórica de la Literatura Universal», de Arqueles Vela.

A INCONFIDÊNCIA

O reporter teve ocasião de assistir a uma das aulas do Curso. No interior do elevador do prédio nº 208, da rua Vinte e Quatro de Maio, os sons furiosos das musicas americanas, levadas ao ar pela Rádio Nacional, ali também instalada, doeram-nos nos tímpanos. No 12º andar, o professor Miguel Costa Filho ministrava a terceira aula do curso: «A Literatura Mineira na Época da Independência».

Tomaz Antonio Gonzaga foi o único poeta popular da época. Seus versos eram cantados por todos os rincões do país. As «Cartas Chilenas», cuja autoria durante muito tempo foi uma dúvida, foram feitas por Tomaz Antonio Gonzaga. Não foram publicadas, mas corriam de mão em mão. Era um punhado de sátiras contra a tirania do governador Luiz da Costa Menezes. As cartas, anônimas, surgiram por necessidade, para furar a censura dos dominadores portugueses.

LITERATURA “MAQUIS”

E o professor, filho do general Miguel Costa, um dos chefes da «Coluna Prestes», cita o caso de cartas que circulavam por São Paulo e pelo Brasil, em pleno estado de sítio, apoiando a causa dos revolucionários. Aliás, existe um exemplo mais recente desses intelectuais fieis ao nosso povo, que foram forçados a recorrer ao anonimato, a essas correntes clandestinas para fazer a sua voz chegar até ao povo e esclarecê-lo. É o caso do poeta Rossini Camargo Guarnieri, cujo poema «Stalingrado», circulou de mão em mão em 1942, quando ainda as forças anti-fascis-

tas não podiam exprimir através da imprensa em praça pública a sua admiração pela epopéia soviética.

Voltemos ao Curso. Quando lá estivemos os matriculados estavam assim distribuídos: 39 estudantes, 26 funcionários públicos, 21 professores, 6 jornalistas, 8 bancários, 5 advogados, 1 promotor público, 8 comerciários, 1 educadora sanitária, 1 médico, 1 aviador, 1 arquiteto, 3 escritores, 3 auxiliares de escritório, 1 enfermeiro, 7 de «rendas domésticas», 3 contadores, 1 desenhista, 1 securitário, 1 educador social, 1 vendedor, 1 economista, 1 corretor, 1 cineas-

ta e 1 pintor. Predominam as moças, mas as idades dos alunos variam. O mais moço tem apenas 15 anos: é o estudante Valnice Nogueira Galvão. O mais velho tem 48 anos de idade: é o advogado Alcides Machado.

Entrevistamos alguns alunos. O primeiro deles foi o promotor público Astor Guimarães Dias, espiritualista, que confessou as suas preferências por Graciliano Ramos, José de Alencar e Machado de Assis. E a entrevista terminou aí, porque o promotor já entrara no debate sobre a «escola mineira»...

A VOZ DOS ACADEMICOS

O acadêmico de Direito Declala Demétrio, quando abordado por nós, já passou a falar em tom polêmico:

— Discordo de Basílio da Gama como grande poeta. A «escola mineira», sim, foi o início do romantismo.

E também entrou no debate, manifestando a sua divergência com o conferencista Miguel Costa Filho em 4 pontos... Deixamo-lo entregue a justificar os seus pontos de vista e ouvimos a sua vizinha, a estudante da Faculdade de Filosofia, Luiza Eneida. Com um volume de «História da Literatura Brasileira», de Sílvio Romero nas mãos,

a academica esclareceu que se dedica ao estudo da nossa literatura, sendo seus autores preferidos os do «grupo mineiro», Zé Lins do Rego, José Mauro de Vasconcellos, Érico Veríssimo. Quanto ao seu conceito de literatura, entende Luiza Eneida que:

— A literatura é um fenômeno social. Neste mundo de após-guerra a literatura é quase que exclusivamente social. Tanto quanto ela possa exprimir a vida, aí ela é mais literatura. Não aceito a «arte pela arte». Nem na literatura nem em nada.

COMPLEMENTO DE ESTUDOS

Jun Okamoto, aluno da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, não estava matriculado no Curso da ABDE. Mas era a segunda vez que comparecia à sede do IAPETC Clube.

— Quero conhecer a literatura brasileira, como complemento do estudo que ministraram no colégio.

Suas leituras das obras nacionais resumem-se, disse-nos, em Alencar, Machado de Assis, Érico Veríssimo, Aluísio de Azevedo. Não leu «quase nada de poesia» nem sequer conhece Castro Alves. No momento está lendo Cláudio de Souza...

“BARNABÉ”

Para encerrar esta longa reportagem vamos aqui ao caso do contínuo do IAPETC, José Êzio Silva de Oliveira de 21 anos de idade e que retrata bem a sede de cultura de nosso povo. O funcionário do Instituto não está matriculado no Curso. Mas confessa que gosta muito de literatura. E acrescenta:

— Enquanto não conhecer bem a nacional, não posso me dedicar à estrangeira, embora já tenha lido autores estrangeiros. Assim de repente, posso citar alguns livros que já li: «Cacau» e «Terras do Sem fim», de Jorge Amado, «Um lugar ao sol» e «Clarissa», de Érico Veríssimo, «O feijão e o sonho», de Origenes Lessa, «O Rei Cavaleiro», de Pedro Calmon, «Eu e outras poesias», de Augusto dos Anjos, «Poemas Revolucionários» e «Espumas Flutuantes», de Castro Alves, etc.

José Êzio, como «Barnabé» federal, diz que não pode comprar livros como deseja porque ganha pouco e os preços são caros. A biblioteca da Delegacia do IAPETC praticamente não funciona. Os seus livros estão enfeitando as estantes do gabinete do Delegado...

Finalizando, José Êzio manifestou o seu conceito de literatura:

— Acho que este Curso é muito útil. Nunca estudei antes literatura. A meu ver, a literatura tem uma função social. Ela instrui a gente, afinal de contas. A literatura que não instrui, não serve.



Alunos assistindo uma aula do curso de literatura da A.B.D.E.

O PAPEL DA SUPERESTRUTURA NO DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE

G. ALEXANDROV

"A superestrutura, diz Stalin em seu trabalho sobre a linguística, são os pontos de vista políticos, jurídicos, religiosos, artísticos, filosóficos da sociedade e as instituições políticas, jurídicas e outras que lhes correspondem".

Uma das teses fundamentais do materialismo histórico, desenvolvida por Stalin, é que a cada base corresponde uma superestrutura, e que esta depende daquela. A superestrutura nasce quando se estabelece uma base nova, e desaparece quando é modificada e liquidada a sua base.

A análise feita por Stalin da superestrutura dá um golpe decisivo nas afirmações escolásticas e nos argumentos diversos segundo os quais a superestrutura não é um fato histórico. A análise de Stalin é ao mesmo tempo dirigida contra as concepções idealistas do papel da superestrutura no desenvolvimento da sociedade.

A base é o fenômeno inicial e a superestrutura o fenômeno secundário. Como nos ensina o marxismo não é a consciência dos homens que determina a sua existência; mas, ao contrário, é a sua existência social que determina a sua consciência (Karl Marx, *Contribuição à Crítica da Economia Política*, prefácio).

A existência social, do ponto de vista do materialismo histórico, tem um conteúdo absolutamente preciso e determinado; ela corresponde às condições de vida materiais da sociedade, num sistema em que os meios de produção representam a força principal que determina o desenvolvimento da sociedade e a sua passagem de um regime a outro.

.....

E' a Lenin e a Stalin que devemos o esclarecimento completo de todos os aspectos do papel da superestrutura no desenvolvimento da sociedade — que é um dos problemas mais complexos e mais importantes do materialismo histórico. Eles demonstraram, assim, o poder de explicação do marxismo e, igualmente, reduziram a pó as invenções dos sociólogos burgueses segundo os quais o marxismo não reconheceria um papel ativo a nenhum outro fator da vida social senão os meios de produção. "Sim, diz Stalin, OS IDEÓLOGOS FAZEM MARCHAR PARA A FRENTE, eles vêem muito mais longe que a massa do proletariado e aí está o essencial. Os ideólogos fazem marchar para a frente e é justamente por isso que a idéia, a consciência socialista, têm uma grande importância para o movimento".

Desenvolvendo mais adiante uma das teses fundamentais do materialismo histórico, Stalin nos ensina que a superestrutura uma vez aparecida "... torna-se uma força ativa imensa, ajuda ativamente sua base se cristalizar e a se consolidar, toma todas as medidas para auxiliar o novo regime a acabar a destruição da velha base e das velhas classes e a liquidá-las".

A particularidade específica da superestrutura, diz ainda Stalin, consiste em que ela põe a serviço da sociedade as idéias políticas, jurídicas, estéticas e outras, e cria para a sociedade as instituições políticas, jurídicas, estéticas e outras correspondentes. O marxismo frisa, além disso, que se trata aí de opiniões e de instituições dominantes na sociedade, chamadas a sustentar e a assegurar a dominação de uma classe definida.

Já em *A Ideologia Alemã* Marx e Engels tinham provado que em cada época as idéias da classe dominante constituem as idéias dominantes, e que a classe que representa a força material dominante na sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. Em consequência, as opiniões dominantes na sociedade não são mais que a expressão ideal das relações materiais dominantes.

Stalin, apoiando-se sobre a análise científica da superestrutura feita por Marx e Lenin, desenvolveu em todos os seus aspectos a tese do marxismo-leninismo sobre esta questão. Mostrou irrefutavelmente que, numa sociedade de classes, a superestrutura tem um caráter de classe, que ela não pode entreter as mesmas relações com todas as classes da sociedade, que ela luta contra certas classes, que ela justifica e protege as demais.

.....

Uma outra das teses essenciais do materialismo histórico que Stalin desenvolve em sua obra sobre os problemas da linguística, é que a superestrutura "não está ligada diretamente à produção, à atividade produtiva do homem. Não está ligada à produção senão de modo indireto por intermédio da economia, por intermédio da base. Assim a superestrutura não reflete as mudanças sobrevindas no nível do desenvolvimento das forças produtivas de maneira imediata ou direta, mas seguindo as mudanças da base, depois da refração das mudanças de produção em mudanças de base. Isto quer dizer que a esfera de ação da superestrutura é estreita e limitada".

Esta indicação tem uma significação capital para a justa compreensão e exposição de toda a história dos governos, das opiniões políticas, da civilização, da filosofia, para a análise científica dos fenômenos contemporâneos do desenvolvimento da superestrutura, tanto na sociedade capitalista como na sociedade socialista.

Com efeito, nos termos da interpretação simplificada da superestrutura, propositadamente difundida antes da publicação da obra de Stalin, *A propósito de Marxismo em Linguística*, os fenômenos da superestrutura eram em geral ligados diretamente à técnica, ao estado das forças produtivas, e faziam-nos decorrer diretamente do estado destas forças produtivas. O que não resultava senão em confusão, desordem e vulgarização.

Como explicar, por exemplo, o alto nível do desenvolvimento filosófico materialista na Rússia, em meados do século XIX, com Bielinski e Herten, partindo simplesmente do estado das forças produtivas da Rússia desta época? O nível de desenvolvimento da produção naquele tempo, era infinitivamente mais alto na França ou na Inglaterra, por exemplo, do que na Rússia czarista. E, no entanto, na França e na Inglaterra de então, o idealismo e o misticismo reinavam, enquanto que as teorias materialistas avançadas eram sufocadas e praticamente reduzidas a nada; na mesma época, ao contrário, na Rússia as notáveis obras filosóficas dos grandes clássicos do materialismo russo exerciam uma grande influência sobre toda a cultura de vanguarda. De toda evidência, o ponto de partida para a explicação deste fenômeno não é pois o estado da produção e o estado do seu desenvolvimento, mas a crise que atravessava o regime dos latifundiários da Rússia czarista, o desenvolvimento deste conflito de classe que emadureceu e se traduziu por uma luta violenta do campesinato revolucionário contra o regime feudal dos latifundiários.

E', consequentemente indispensável, para compreender bem este fenômeno extremamente complexo do desenvolvimento da civilização — o nascimento e a expansão das idéias materialistas progressistas na Rússia — procurar esclarecer o problema do desenvolvimento das relações de produção na Rússia czarista nos meados e na segunda metade do século XIX, esclarecer esta contradição profunda entre as forças produtivas em pleno surto e as relações de produção feudais.

O fato de que as tradições materialistas progressistas no domínio das ciências naturais tenham-se estabelecido na Rússia, que uma literatura democrática revolucionária russa tenha-se desenvolvido e tornado uma força poderosa, desempenhou um papel importante no desenvolvimento das opiniões avançadas dos democratas-revolucionários. Ora, estas opiniões dos grandes clássicos do materialismo russo do século XIX não faziam parte seguramente da superestrutura estabelecida sobre o regime econômico da Rússia desta época; foi nas novas exigências econômicas do desenvolvimento da sociedade que elas tiveram sua origem, como todas as idéias sociais novas. As idéias de Bielinski, de Herten, de Dobroliúbov, de Tchernitchevski, respondiam, de modo aliás incompleto do ponto de vista científico, à questão histórica da derrubada revolucionária do antigo regime feudal dos servos e de toda a superestrutura que o protegia.

.....

A negação destes princípios, a tentativa de explicar este ou aquele fenômeno da superestrutura como se dependesse

diretamente do estado de desenvolvimento das forças produtivas, constituía já um processo querido dos dirigentes da Segunda Internacional. Para justificar sua política oportunista, forjaram a pretensa teoria das "forças produtivas" que, como diz Stalin, justifica tudo e concilia todo o mundo. Nos *Princípios do Leninismo*, Stalin cita como exemplo de aplicação desta "teoria", o esforço dos dirigentes do oportunismo para justificar a traição dos partidos da Segunda Internacional que, antes da guerra imperialista, ameaçavam declarar "guerra à guerra" e, no momento decisivo, meteram esta palavra de ordem na gaveta e lançaram a palavra de ordem contrária de "guerra pela pátria imperialista". Denunciando a falsificação oportunista do marxismo, Stalin nota que os chefes do oportunismo afirmavam que "no estado de desenvolvimento das forças produtivas" que era o da época, era impossível empreender qualquer outra coisa. Os "culpados" eram as forças produtivas. E' o que nos explica em detalhe a "teoria das forças produtivas" do senhor Kautski, para quem aquele que não admite esta teoria não é um marxista. O papel dos partidos? Sua significação no movimento? Mas que pode fazer um partido em presença de um fator tão decisivo quanto "o nível das forças produtivas"?...

Poderíamos citar assim uma quantidade de exemplos de falsificação do marxismo.

A análise de Stalin das relações diretas que unem a superestrutura e a base, e das relações indiretas que unem, por intermédio da base, a superestrutura e a produção, esta análise representa um desenvolvimento novo da concepção materialista dialética dos processos históricos. Ela contraria a vulgarização do marxismo e os métodos simplistas de estudo das origens e do desenvolvimento das idéias; ela indica o único método científico para examinar os fenômenos mais complexos da vida e da sociedade.

Os elementos da base ou da superestrutura, mesmo quando são idênticos, desempenham em condições diferentes um papel diferente.

Relações de produção do mesmo tipo ou do mesmo caráter aparecem em certas condições históricas como a base da sociedade existente; em outras condições históricas, anteriores, podem aparecer como os elementos, as premissas da base futura; enfim, depois da liquidação de uma base determinada, as relações de produção que a caracterizam conservam-se durante um certo tempo, não mais como elementos da base, mas como os vestígios, os restos do precedente regime econômico.

Do mesmo modo, opiniões idênticas e as instituições que lhes correspondem aparecem, em certas condições históricas, como a superestrutura da base da sociedade; em outras condições, anteriores, elas constituem os elementos, as premissas da superestrutura futura; enfim, depois da liquidação de uma superestrutura dada, as opiniões e algumas das instituições que a caracterizam, subsistem durante um certo lapso de tempo, não mais como elementos da superestrutura, mas como os vestígios e os restos da superestrutura precedente, desaparecida no passado.

E' assim que, na União Soviética, durante os quinze primeiros anos de governo popular, a economia privada capitalista persistiu ao mesmo tempo que o regime socialista. Ela subsistia, sob a ditadura do proletariado, como economia subordinada, não desempenhando um papel dirigente ou decisivo na vida do país. Já em 1928 a propriedade privada capitalista, fundada sobre a exploração do trabalho alheio, não representava mais do que 2,6% e era, em seguida, totalmente abolida. Vê-se que, neste caso preciso, elementos, vestígios da base da sociedade capitalista em vias de liquidação subsistiam na União Soviética.

O mesmo acontece com a superestrutura da sociedade. Sabe-se que durante o primeiro período da revolução soviética subsistiram na U. R. S. S., durante um certo lapso de tempo, instituições que não somente não participavam da consolidação da base socialista, como entravavam praticamente o seu desenvolvimento, lutavam mesmo contra e tentavam restabelecer a antiga base e a antiga superestrutura. Os vestígios dos partidos inimigos do proletariado e as instituições das classes exploradoras desempenham este papel. Todo um período histórico na U.R.S.S. foi testemunha de uma luta encarnizada entre o socialismo e os defensores dos princípios capitalistas, luta que só terminou, no interior do país, pela vitória total do socialismo.

Mas, mesmo na época do socialismo, há na vida da sociedade soviética, fenômenos subordinados ao domínio da superestrutura e que não fazem parte da superestrutura do socialismo e devem desaparecer. Assim, subsistem ainda no espírito de numerosos soviéticos sobrevivências do capitalismo, opiniões e idéias que datam da sociedade precedente. As opiniões religiosas, por exemplo. Mas estas sobrevivências se manifestam igualmente em certas concepções não-socialistas do trabalho, na influência da ideologia burguesa sobre certos intelectuais soviéticos, etc. Ora, as relações de produção socialistas não somente não engendram fenômenos deste gênero, como os combatem por todo o seu conteúdo uma vez que fazem aparecer os princípios de camaradagem, de colaboração e de auxílio mútuo no trabalho. As sobrevivências do capitalismo no espírito das pessoas, portanto, não fazem nem podem fazer parte da superestrutura da sociedade socialista; no curso da edificação do comunismo elas desaparecerão e serão totalmente suprimidas.

As marcas do passado nas relações econômicas e no domínio da cultura, levaram muitas vezes a que as idéias avançadas, as opiniões, as obras dos filósofos e dos pintores, dos poetas, dos compositores, engendradas pelo regime econômico de uma sociedade determinada, e refletindo as condições nela existentes, não exercessem entretanto uma influência dominante.

Houve assim, na história, períodos em que as classes dominantes, tendo alcançado o poder e se desembaraçado definitivamente das idéias e relações econômicas antigas, tentavam assegurar uma influência predominante às obras mais avançadas dos seus ideólogos e dos seus artistas. Assim aconteceu, por exemplo, com a expansão das opiniões filosóficas de Aristóteles, no século IV antes de Cristo, sob o reinado dos senhores de escravos macedonianos e atenienses; assim aconteceu, igualmente, com a expansão das idéias materialistas francesas nas vésperas da Revolução de 1789 e nos anos seguintes. Mas, justamente porque as classes exploradoras não podiam conservar sua influência predominante em pouco tempo com classes mais avançadas e que forças chamadas a derrubar o novo regime começavam a apontar na sociedade, as maiores obras da cultura das classes exploradoras não podiam conservar sua influência predominante senão durante um curto intervalo. Depois dos seus anos de florescimento, as obras dos ideólogos das classes dominantes entravam geralmente num período de declínio, de reação. Foi assim que as idéias de Aristóteles deixaram-se suplantadas pelo ceticismo e pelo misticismo antigos, e que o materialismo dos filósofos franceses foi substituído, depois da revolução burguesa, de 1789, por uma mistura eclética de idéias pseudo-escolásticas e de concepções obscurantistas clericais, enquanto que os adeptos dos enciclopedistas terminavam suas vidas na prisão ou na guilhotina.

Sê bem que as obras dos autores do passado tenham sempre aparecido sobre uma base histórica determinada, aconteceu por vezes que superassem de muito sua época por seu conteúdo e pelos seus objetivos.

Assim, não é possível compreender o conteúdo ideológico da obra dos grandes escritores russos como Pushkin, Lermontov, Gogol, fora da sociedade e do regime econômico no qual viviam. Bielinski, aliás, que apreciava enormemente a obra de Pushkin, notava ao mesmo tempo os laços internos profundos que ligavam o poeta à nobreza russa. Foi a ideologia de vanguarda da nobreza, dos nobres revolucionários, que Pushkin exprimiu. *O neguine* de Pushkin era, segundo Bielinski, "um ato de consciência, pela sociedade russa, quase que o primeiro, mas que enorme passo à frente isto representava para ela!... Este passo era um impulso heroico depois do qual seria impossível permanecer imóvel em seu lugar..." As grandes obras de escritores como Pushkin eram anti-feudais pelo seu conteúdo ideológico; ajudavam objetivamente a varrer o terreno para a vitória dos princípios burgueses mais avançados que os princípios feudais.

Com grande profundidade, Stalin disse: "Só o povo é imortal. Todo o resto é transitório". Este princípio admirável ilumina da melhor maneira a razão de ser de um dos fenômenos mais complexos do desenvolvimento da sociedade, a saber: o motivo porque as obras salientes do passado subsistem enquanto que se modificaram as condições sociais que as engendraram, o motivo porque exercem uma influência maior mesmo que na época em que foram concebidas e continuam a emocionar e a exaltar os homens das novas gerações. E' que as grandes obras da arte e da literatura

progressistas, que refletem a vida e a experiência das massas populares, são, também elas, *imortais*; elas não podem ser relacionadas apenas às condições sociais nas quais nasceram, ainda que não se possa compreendê-las se não se leva em conta estas condições. Pela mesma razão os representantes das classes de vanguarda podem buscar inspiração nas grandes obras do passado.

* * *

Perguntamos por vês: como explicar o fato de que as opiniões, as idéias, as teorias de vanguarda, nasçam muito antes do estabelecimento do regime econômico que serve de base a estas opiniões, estas idéias, estas teorias? Assim o socialismo científico de Marx e Engels foi elaborado na segunda metade do século passado, a partir de 1840, isto é, 70 anos ao menos antes que o regime econômico socialista tenha começado a se instalar, embora este seja a base real das idéias do socialismo científico.

Este fato poderia abalar a posição de princípio do materialismo histórico, a tese de que a estrutura econômica da sociedade constitui a base das idéias, das opiniões, das teorias correspondentes? De modo algum. Ao contrário ele confirma a justeza extraordinária da concepção marxista do processus histórico.

O marxismo, com efeito, com o seu próprio nascimento anunciou o fim irremediável da base e da superestrutura do capitalismo e a formação, historicamente inelutável, da base e da superestrutura do socialismo. Constituindo o fundamento ideológico da superestrutura da futura sociedade socialista, o marxismo foi engendrado pelo curso completo do desenvolvimento histórico que levou à ordem do dia a revolução socialista. Assim, na sociedade capitalista, no curso da luta contra a superestrutura que representa as forças políticas e espirituais dominantes e defende os interesses da classe dominante detentora dos meios de produção, nascem os elementos e as premissas da superestrutura da futura sociedade socialista. Não que eles constituam uma superestrutura, mas opiniões que se tornarão superestrutura quando forem derrubados e liquidados o regime econômico e a superestrutura do capitalismo.

Do mesmo modo as obras literárias de Bielinski, Tchernitchevski, Dobroliúbov, Saltikov-Chtchedrine e dos demais democratas-revolucionários representavam os interesses de uma classe determinada, o campesinato revolucionário russo. E' claro que as idéias dos grandes democratas-revolucionários russos, chamando os camponeses a se levantarem contra a autoridade dos latifundiários, não podia ser uma parte integrante da superestrutura da sociedade feudal.

Tomemos um exemplo. O grande escritor russo Saltikov-Chtchedrine era inimigo do regime feudal. Mas fustigava ao mesmo tempo a burguesia contra-revolucionária. Lenin notou que Chtchedrine soube ridicularizar a burguesia francesa que fuzilava os participantes da Comuna de Paris, a França dos banqueiros que se curvavam diante dos tiranos russos, "a república sem republicanos". E, ainda que bastante confusamente, Chtchedrine previu o belo futuro que o nascimento e o desenvolvimento de forças proletárias novas, revolucionárias, autorizava. Dizia ele que nestas forças, precisamente, se podia "buscar autenticamente os reconfortantes históricos!"

Do mesmo modo, Lenin protestava energicamente contra as tentativas vulgarizantes, anti-marxistas, de meter no mesmo saco todas as correntes ideológicas da Rússia. Os diversos renegados do marxismo tentavam, no interesse dos latifundiários e dos capitalistas, representar a cultura russa como uma cultura nacional única, esconder e passar por cima do caráter de *classe* desta cultura. Lenin e Stalin mostraram que, nas condições de uma sociedade antagônica, não

existe e não pode existir *uma* cultura nacional. Lenin considerava como uma verdade elementar que numa sociedade em que domina uma classe exploradora, a cultura nacional é a da classe dominante, "... a cultura dos latifundiários, dos popes, da burguesia".

Correspondendo exatamente ao desenvolvimento real da sociedade e generalizando este desenvolvimento, o marxismo nos ensina que em cada cultura nacional, em regime burguês, existem *elementos de uma cultura democrática e socialista* que não podem absolutamente fazer parte da superestrutura desta sociedade, pois representam as opiniões, as idéias, os interesses das classes laboriosas cujas condições de vida "... engendram inelutavelmente uma ideologia democrática e socialista".

O grande Lenin opunha sempre duas culturas diferentes no seio da cultura russa. Ele via em Purichkévitch, Artsebátchev, Struvé Katkov, ardentes defensores dos latifundiários e dos capitalistas; nas obras de Bielinski, Dobroliúbov, Tchernitchevski e Plekhanov, ele via uma cultura em luta contra o tzarismo, uma cultura que preparava o terreno para a vitória e a instauração de idéias novas, de vanguarda, que defendessem os interesses das classes laboriosas.

Os bolcheviques satisfizeram a célebre reivindicação de Lenin: *Enunciando a palavra de ordem "cultura internacional da democracia e do movimento operário mundial", nós não tomamos EM CADA cultura nacional senão os seus elementos democráticos e socialistas, nós não os tomamos UNICAMENTE e ABSOLUTAMENTE senão para contrabalançar a cultura burguesa, o nacionalismo burguês de CADA nação*".

Um fato notável responde a esta indicação de Lenin: na União Soviética, as obras clássicas dos sábios e dos autores do passado de todos os países e de todas as regiões são publicadas em tiragens imensas e são lidas por um número de leitores que não é alcançado em nenhum país burguês.

O socialismo introduz leis particulares que lhes são próprias e diferem totalmente das antigas leis de desenvolvimento da sociedade. As relações de produção correspondem absolutamente ao caráter das forças produtivas. As idéias novas, progressistas, correspondem, sob o regime socialista, às que regem a economia, a política e a ideologia. Todos os caminhos estão abertos às idéias de vanguarda e às idéias revolucionárias, pois elas se beneficiam, na cúpula, do apoio poderoso do Partido Comunista e do governo soviético e, na base, do apoio de todo o povo. Tal é a característica do desenvolvimento da sociedade sob o regime socialista, uma das grandes vantagens do socialismo sobre o capitalismo.

Na sociedade soviética a superestrutura socialista é uma força que assegura, que consolida a base da sociedade soviética, participa sem cessar do seu progresso, da sua marcha para a frente, e aumenta sempre a importância do papel que desempenha na edificação do comunismo. Tal é o caráter particular, específico, da superestrutura socialista. O objetivo que o Partido Comunista e o governo soviético propuseram ao povo — a edificação de uma sociedade comunista — corresponde de fato estritamente aos resultados efetivos do desenvolvimento histórico. As massas populares, sob a direção do Partido Comunista, constituem o exército dos construtores conscientes da vida socialista. Não que as leis de desenvolvimento da sociedade soviética, como as de todas as sociedades anteriores, não tenham um caráter objetivo. Mas é somente sob o regime socialista que as leis de desenvolvimento da sociedade, reconhecidas pelo Partido Comunista, são aplicadas de modo inteiramente consciente, de acordo com os interesses da sociedade.

UM PRESENTE PARA SÃO PAULO

LIVRARIA DAS BANDEIRAS

LIVROS E REVISTAS NACIONAIS E EXTRANGEIROS

AV. IPIRANGA, 570 — 1.º andar

Fone 34-7388

EL SOLDADO MIGUEL PAZ Y EL

NICOLÁS GUILLÉN

Soldado soy, por tener
algo que echarme a la boca,
pues cuando la plata es poca
poco es lo que hay que comer.
Un hijo y una mujer
son mi encanto y mi belleza;
pero mi vida tropieza
con el profundo dolor
de que aunque es grande mi amor
es más grande mi pobreza.

Nací en el campo y allí
tuve instrucción muy precaria
porque a la escuela primaria
de tarde en tarde asistí.
El bohío en que viví,
con mis padres y un hermano,
hecho de tabla y de guano,
el piso de tierra dura,
mejor era sepultura
que casa de un ser humano.

En la pintura es bonita
nuestra casita criolla,
mas sin fogón y sin olla
es bien fea la casita.
Quien la canta no la habita,
pues si habitarla quisiera,
muy de cerca entonces viera
mas de un cuadro doloroso
y así su canto elogioso
un grito de rabia fuera.

En aquel triste bohío
mis padres se me acabaron;
luego en un pleito mataron
de un tiro al hermano mío.
Con el corazón vacío
al pueblo vine a parar;
ahí me puse a trabajar
en cuanto trabajo hallé;
algo aprendí; me casé...
y pare usted de contar.

Cuando la crisis llegó
y con ella el desempleo
el tiempo se puso feo
y el trabajo se acabó.
El dinero que guardó
mi mujer en su alcancía
Fué gastándose hasta el día
en que ni un cobre quedaba:
¡aquella alcancía estaba
completamente vacía!

Con el porvenir cerrado,
medio muerto de hambre y tedio,
me pareció buen remedio
el de meterme a soldado.
Nunca en verdad me ha gustado
en mi país el cuartel,
porque el soldado es en él
instrumento ciego y mudo
de un generalote rudo
que al rico y no al pobre es fiel!

En los pueblos que han vencido
a su cruel explotador,
de soldado es la mejor
manera de andar vestido.
Ni alquilado ni vendido
su filo el sable levanta
y ante la guerra que espanta
el nuevo soldado eleva
la voz de una patria nueva
y una nueva canción canta.

Yo en cambio soldado soy
de otra manera de ser
más que por gusto o placer
por el lugar en que estoy.
Y pues que contando voy
cosas de mi vida quiero
este caso verdadero
de modo simple contar;
con que atención y escuchad,
que si me callo me muerdo.

Mi padre, cuando nació,
Miguel por nombre me dió
y como él Paz se llamó,
Miguel Paz por tanto fui.
El nombre resulta así
simbólico por demás
pues si la guerra hacía atrás
marchar quiere hacer la historia,
es timbre de orgullo y gloria
frente a la guerra, ser Paz.

El día que militar
hecho de un golpe quedé,
un día terrible fué
que nunca podré olvidar.
¡Qué emoción tan singular
sentí en aquellos momentos!
Agitados y violentos
mis pensamientos estaban
y unos tras otros saltaban,
más olas que pensamientos.

¿Cuál sería mi camino
en aquella nueva vida?
Asegurar la comida
¿no era cambiar mi destino?
En esto a ayudarme vino
por buena suerte el azar,
que me permitió trabar
amistad con un sargento,
de cuyo conocimiento
buen provecho iba a sacar.

Por supuesto que yo estaba
maduro lo necesario;
ya odiaba el ser reaccionario
y el yanqui me molestaba.
Y aunque todavía faltaba
algo en mí definitivo,
como soy de genio vivo
muchas veces lo suplía
con la ardiente fantasía
que del trópico recibo.

Me hallaba al tanto también
de la prensa progresista
y aunque no era comunista
lo hubiera sido muy bien.
Tampoco ignoraba a quien
es preciso derrotar
para que pueda avanzar
nuestra patria esclavizada
y salir de la estacada
en que la quieren dejar.

Así que llegué al cuartel
me preguntaron mi nombre.
Yo sólo dije: —Pues hombre,
todo mi nombre es Miguel.
Un coronel, rubio él,
insolente por demás,
gritó violento: —Serás
Miguel, mulato bandido,
¿pero así, sin apellido?
Y yo respondí: —Paz.

—Prepárate—, ordenó luego
un capitán con voz fea—
para marchar a Corea
y entrar lo más pronto en fuego.
Es la guerra como el juego
y pues que a la guerra vas,
en el juego ganarás
si buena suerte te asiste...
¿Cómo es tu nombre, dijiste?
Y yo respondí: —Paz.

—Anda a buscar tu mochila
(dijo un teniente llegando)
morir no es oficio blando
ni ocupación muy tranquila.
El soldado que vacila
perdido se queda atrás;
Sólo a balazos podrás
adelantar en tu ruta...
¿Cómo se llama el recluta?
Y yo respondí: —Paz.

Al ver pasar a un sargento,
¡Sargento!, le grité yo,
y el sargento, que me oyó,
detuvo el paso al momento.
—Sargento, contigo cuento
(luego dije) y si me das
palabra de que tendrás
la boca en esto cerrada...
—¿Quién eres tú, camarada?
Y yo respondí: —Paz.

Su nombre supe después,
cuando más lo conocí,
pero por lo pronto, aquí
lo he de llamar José Inés.
Diz que nunca lo cortés
lo de valiente desmiente,
así en el caso presente
ese refrán se cumplió,
pues José Inés resultó
tan cortés como valiente.

SARGENTO JOSÉ INÉS

Tratábase en realidad,
de un recto y puro varón,
grave sin afectación
y propenso a la amistad.
Inteligencia y bondad
en su persona se unían;
fulgor sus ojos tenían
a veces de águila dura
y a veces, por su dulzura,
de paloma parecían.

Juntos un tiempo anduvimos,
pues grandes socios quedamos;
aunque al fin nos separamos
amigos siempre seguimos.
Y como los dos sufrimos
idéntica explotación
aquí traigo su opinión
para que el pueblo la estudie
y lo mismo que él repudie
la maldad y la traición.

Ignoro dónde a vivir
por fin José Inés se fuera;
además, si lo supiera,
tampoco lo iba a decir.
No es necesario insistir
en que decirlo sería
indiscreción o falsía
que en la situación actual
iba a resultar igual
que llamar la policía.

Como si fuera un hermano
con quien de pronto me viera
le hablé, pues, de esta manera,
estrechándole la mano;
—Plomo norteamericano
tu negro revólver carga;
es yanqui el que nos amarga
la caña de cada día;
yanqui el que con saña fría
a morir de hambre nos larga.

Decide sin más consulta
tomarnos lo que nos toma;
luego en su bárbaro idioma
tras el robo nos insulta.
Marinos en turbamulta
vienen a embriagarse aquí;
se ríen de ti, de mí,
y como agravio final
corren al Parque Central
y se orinan en Martí.

Te digo que si mañana
nos invade el extranjero,
en coger seré el primero
un rifle y una canana.
Por la bandera cubana
a vacilarme iré las venas,
pero no por quien mis penas
aumenta y es el verdugo
que me tiene uncido al yugo,
sepultado entre cadenas.

Dudó el sargento un instante,
le floreció una sonrisa;
después me invitó sin prisa
a andar con él adelante.
siempre muy buen talante
así marchó largo trecho
hasta que firme y derecho
como una vara de pino,
parándose en el camino
se abrió de este modo el pecho:

—Aunque metido me ves
en un traje de soldado
—adijo con pausa— y armado
de la cabeza a los pies,
no por eso, amigo, estás
temeroso de mi suerte.
La sangre, cuando se cierte
sin tino, es un mal abono;
sostengo, pues, y pregonó
que busco vida y no muerte.

Oigo que a la guerra obliga
de una manera fatal,
la amenaza colosal
de una potencia enemiga.
Mas que venga el pueblo y diga
si esto es cosa verdadera;
yanquis sabe Cuba entera
que son aquí los intrusos:
ison yanquis en vez de rusos
los amos de Caimanera!

Para el gringo somos caña
y un trapiche que la muele;
compadre, decirlo duele,
mas quien lo esconda se engaña.
Po un lado se fué España
y por outro el yanqui entró...
Sé que de allá (y dirigió
hacia el Norte el firme dedo)
nunca amor esperar puedo,
pues nunca amor nos llegó.

Claro que puedes hallar
pechos amigos, no hay duda;
pero viejo como suda
el que los sale a buscar!
Tiene mucho que estudiar
aquel pueblo todavía;
templar sua audacia vacía
su torpe orgullo vencer
y pensar que de perder
habrá de llegarle el día.

Aunque hablando con voz llana
no es tan mal que te recuerde
que en ese caso no pierde:
un pueblo que estudia, gana.
La nación americana
alcanzará la victoria
no con la sangrienta gloria
de provocar otra guerra
sino con paz en la tierra
y un nombre limpio en la historia.

¿Por qué tienes tú que ir
a morir como invasor,
si es, amigo, la peor
manera que hay de morir?
¿Por que de Cuba salir
y tierra ajena violar,
por gusto a hacerse temer
y si es que vuelves, volver
sin un triunfo que contar?

¿Dónde está, pregunto yo,
y responde tú, mi hermano,
el soldado coreano
que a nuestra patria atacó?
Pues se él en paz nos dejó
dejémosle en paz a él,
qu eá sua brava tierra fiel
como un valiente pelea
y palmo a palmo Corea
lhe disputa al yanqui cruel.

Creyó Truman facil paso
tragarse a un pueblo patriota
y hoy se ve, la frente rota,
hundido en sangre y fracaso.
Encuento yo que este caso
puede tener parecido,
se nuestro pueblo, vendido
por un vulgar mercador,
recordara que el vencer
es no sentirse vencido.

Ay, nuestra América está
repartida y así vive,
del Pacífico al Caribe,
del Rio Grande al Paraná.
El tío Samuel nos va
quitando cuanto nos ve:
petroleo, carbón, café,
azúcar, salitre, cobre...
Apenas tenemos sobre,
sobre qué poner el pie!

Y hay mucho torpe trujillo
que a su patria esclava oprime
ymucho preso que gime
en subterráneo y castillo.
Con el metal amarillo
que le presta fuerza ruda,
déspotas el Norte ayuda,
los ayuda, los instala,
los engorda, los regala,
los regala y los escuda.

No conozco otra nación
donde el negro sufra tanto;
en mares de sangre y llanto
navega su corazón.
La piel oscura es baldón
que allá inspira odio profundo
¡y de ese cancer inmundo,
qu eal propio blanco envilece,
quisiera el yanqui, parece,
ver enfermo a todo el mundo!

(cont. na pag. 42)



PAUL ELUARD

ROSSINE CAMARGO GUARNIERI

Deixou de pulsar o generoso coração de um grande poeta que era e continuará sendo o orgulho dos poetas participantes de todos os países — morreu PAUL ELUARD.

Com sua morte, a França se desfalca de um dos seus maiores artistas da palavra escrita e a humanidade progressista perde um magnífico poeta que colocou o seu sentimento, a sua cultura, a sua arte e o seu prestígio a serviço da Paz e da libertação de todos os povos da terra.

Difícil e ziguezagueante foi o caminho deste poeta para alcançar o povo, estudá-lo, compreendê-lo, não se integrar, viver os seus problemas e, por fim, exprimir, através da poesia, as suas alegrias, suas lutas, seus triunfos e esperanças. Paul Eluard era um homem de formação tipicamente burguesa e, como a maioria dos poetas de sua classe, vivia longe do povo, ignorando completamente a sua vida, embora tivesse vencido grandes vicissitudes no decurso de sua existência.

Desde o início de sua carreira literária, nos primeiros anos deste século, preocupou-se em exprimir de forma suave, discreta, os acidentes sentimentais de sua vida de poeta individualista, onde predominavam o desfastio, o tédio, o amor e o sensualismo. Os horizontes de sua poesia não ultrapassavam os limites dos campos sujos e melancólicos de Saint-Denis — onde nasceu em 14 de dezembro de 1895 — e da Paris gozadora e requintada — onde viveu os primeiros anos da juventude.

A sua poesia era construída com palavras simples e uma irremediável melancolia enuviava os seus versos, deixando transparecer a vida de um poeta solitário e amoroso, tocado pela tristeza e pela doença. Mergulhado nessa atmosfera dolorosa, o coração do poeta não percebia a tempestade que se avizinhava e que lançaria o mundo nos horrores da primeira guerra mundial. Enquanto o jovem poeta escrevia os seus poemas sentimentais, os políticos burgueses, a serviço de uma sociedade injusta e desumana, tramavam o desencadeamento da guerra numa sinistra tentativa de salvá-la à custa do sangue de milhões de seres. No mundo que o poeta vivia e cantava havia povos subjugados lutando para romper as algemas que os prendiam ao nefasto sistema capitalista. O descontentamento fermentava no coração desses povos escravizados, enquanto o imperialismo, surdo aos seus clamores, preparava-se para repartir o mundo entre os seus comparsas, como se o mundo fosse um feudo, uma presa num sangrento festim de salteadores. O mundo estava inquieto, alarmado com os sinais do temporal que se aproximava, mas o poeta, anestesiado de melancolia, nada percebia e cantava. E veio a guerra de 1914.

Ainda mal reffeito de grave moléstia pulmonar, o poeta, como centenas de outros escritores e artistas, foi convocado

e partiu para um dos campos de batalha, onde milhões de seres se degladiavam em gigantesca carnificina. Paul Eluard foi enfermeiro e combateu como soldado de infantaria durante meses. Como Walt Whitman, o poeta da sua predileção nesse tempo, sentiu nas próprias carnes o horror da guerra. Ao voltar para casa, tinha os pulmões corroídos por gás asfixiante. Viveu e sofreu a tragédia da guerra, mas nem assim percebeu inteiramente que a guerra era o produto natural, a condição de vida de um mundo caduco, sujeito a crises periódicas e que, para manter os seus odiosos privilégios de classe, precisava alimentar-se de sangue. Foi por não perceber isso (embora tenha escrito poemas pela paz, em 1918) que Paul Eluard, ao voltar dos campos de batalha, não se uniu a Henri Barbusse, vítima, como ele, da brutalidade da guerra, mas que, ao regressar do «front», deu início a uma luta sem quartel contra a causa fundamental de todas as guerras: o sistema capitalista.

Vozes poderosas como as de Barbusse e Romain Roland recruzavam o céu da Europa clamando para que se pusesse fim ao medonho espetáculo da guerra e se extirpasse a sua raiz — a sociedade dividida em classes. Centenas de vozes repetiam esse clamor como num eco que se tornava cada vez mais poderoso. Mas, a voz de Paul Eluard não estava entre essas vozes. O poeta continuava surdo aos chamados do mundo.

No dia 7 de novembro de 1917 — a data mais bela da história da Humanidade — a classe operária, genialmente conduzida por Lenin e Stalin, toma o poder, derrota para sempre o capitalismo em terras da Rússia e dá início ao gigantesco trabalho de criar o primeiro Estado Socialista do mundo e ajudar a libertação de todos os povos da terra das garras da fome, da escravidão e da guerra. Com esse acontecimento, inicia-se o mais belo capítulo da história humana e os povos, cansados de sofrer, adquirem a certeza de que o capitalismo pode e deve desaparecer para sempre da face da terra, afim de que se expandam as forças capazes de criarem um novo mundo, onde a fome, a miséria, a escravidão e a guerra não mais sejam possíveis, e em seu lugar reine o Progresso, a Alegria, a Liberdade e a Paz.

Tudo isso está acontecendo no mundo de Paul Eluard, mas o poeta permanece embebido em seus sonhos, contemplando a neve que tomba lentamente, o fogo que arde nas lareiras, o céu que se reflete na água quieta dos canais. O poeta, no entanto, não está satisfeito com a sua poesia. Estuda e pesquisa infatigavelmente. Mergulha o espírito em Shelley, Novais, Heráclito, em busca de novos conhecimentos; embebe-se de Nerval, Rimbaud, Baudelaire, à procura de renovação. Ele perscruta o horizonte, tentando vislumbrar novos rumos. Em seu retiro, nas altas e silenciosas montanhas geladas da Suíça, Paul Eluard começa a produzir poemas «dadaístas» e «surrealistas» que prontamente lhe asseguram uma posição singular entre as mais destacadas figuras do modernismo europeu. Recuperada a saúde, regressa a Paris e o vemos entre Breton, Aragon, Soupault, Paulhan e outros, que escandalizam todo mundo com idéias e costumes exóticos, enquanto a nascente União Soviética luta bravamente para esmagar o cerco dos exércitos capitalistas e consolidar o jovem poder da classe trabalhadora.

A poesia de todos eles, pela forma e pelo conteúdo, exprime apenas o desencanto de artistas cansados das fórmulas convencionais da arte burguesa e que, para libertar-se dessas fórmulas estiolantes, atiram-se alucinadamente ao frenesi dos ritmos raros, das imagens absurdas, das formas exóticas, buscando um roteiro novo. O que eles querem é um caminho, qualquer caminho que os liberte do marasmo asfixiante de uma arte decadente, confinada, cuja estagnação

revolta os espíritos mais sensíveis. Esses jovens artistas (e entre eles Paul Eluard) não analisam as causas profundas do mal-estar dominante, as razões concretas da inquietação que se apossa deles, e partem à procura de novas formas de expressão, esquecidos de que ao tentarem a conquista da liberdade pelo caminho da desumanização da arte, caíam prisioneiros de uma fórmula mais estéril, mais vazia, mais árida ainda — escreviam para ninguém...

Examinada na perspectiva do tempo, a poesia daquela época retratava o desajustamento dos artistas diante de um mundo em crise de perecimento. O «Dadaísmo» e o «Surrealismo» eram produtos do caos material e moral do capitalismo que se debatia nos estertores de uma longa e lenta agonia. A poesia deles (como as outras artes também) com seus malabarismos verbais, com sua irreverência chocante, exprimia esse caos sem saída, sem futuro, sem esperanças. Eram vozes alucinadas de uma classe sem rumos, uma classe perdida no cipal dos seus próprios erros e que desnorteada, falida e pessimista, procurava transformar em arlequinada delirante a marcha fúnebre de sua morte inevitável. Os seus poetas, músicos e pintores pretendiam oferecer ao mundo uma arte nova, cheia de alegria e de vida e nada mais faziam do que injetar o sangue generoso da juventude nas carnes já putrescentes de um cadáver.

Aragon percebe isso em 1930 e resolve ingressar no Partido Comunista Francês. A notícia repercute como um escândalo. Paul Eluard, como muitos outros, discorda da atitude corajosa de Aragon. E Aragon é publicamente atacado pelos antigos companheiros de lutas literárias. Eles não conseguiam conciliar a idéia de uma liberdade sem limites, de que então desfrutavam, com as duras responsabilidades de um escritor comunista e chamavam essas responsabilidades de «escravidão». Eles não percebiam que Aragon marchava para o Partido Comunista exatamente para ser um homem livre, para ser um artista completo, para aprender a usar a sua liberdade individual em benefício da liberdade da maioria e, também, para libertar-se de seus erros. Aragon deixava as trevas do mundo burguês agonizante, onde todas as artes morriam, para penetrar no claro mundo do socialismo, da alegria e da paz, — jardim aberto onde a cultura floresce. Aragon, renasce, enquanto Paul Eluard e a maior parte dos seus amigos se debatia no caos.

O ano de 1933 foi muito importante na vida de Paul Eluard. O poeta está inquieto: começa a vislumbrar a catástrofe que bate à porta do seu mundo — os nazistas tomam o poder na Alemanha. Ele sente que a liberdade de todos está em perigo e que a sua liberdade de artista também se acha ameaçada. Mas, é a eclosão da guerra civil espanhola, em 1936, que precipita a crise em que o poeta se acha mergulhado e a sua voz então se eleva para alertar os homens, através de cantos dolorosos, mas dos quais se desprende a esperança de dias mais felizes para todos.

Os sinais de uma próxima guerra se avolumam e a União Soviética, fiél à sua política pacifista, faz desesperados esforços para salvar a Paz e impedir que o nazi-fascismo mergulhe o mundo na escravidão e na barbárie. Os políticos capitalistas, no entanto, têm um sinistro plano oculto em suas cabeças e não querem ouvir as energicas advertências de Stalin para impedir a guerra: eles planejam, mais uma vez, destruir a União Soviética — a Patria dos trabalhadores de todos os países — e contam com a Alemanha nazista para realizar essa temerária tarefa. Os povos de todo o mundo estão atentos a essas manobras porque sabem que a União Soviética é uma garantia de paz e liberdade. Paul Eluard também está atento.

Os acontecimentos se precipitam. Depois de uma série de movimentos preparatórios, a máquina militar do nazismo se volta contra a França, disposta a esmagá-la. Os políticos burgueses, comprometidos com o inimigo, entregam a nação francesa à sanha bestial das hordas de Hitler. O Exército francês, vendido por oficiais traidores, é derrotado e a França começa a sofrer os horrores da ocupação. Foi nessa hora trágica que o Partido Comunista lançou um dramático apelo, chamando o povo francês à luta contra o invasor. Ao redor

do Partido surgem os melhores filhos da França, dispostos a oferecer suas vidas para libertar a patria escravizada. No início, são poucos: um punhado de bravos apenas, mas entre eles está Paul Eluard. O poeta, ao chamado da Patria, ocupa o seu lugar de combatente. Paul Eluard renasce e com ele o mundo ganha um novo poeta — o poeta da Liberdade, da Independência e da Paz, um poeta consciente de seus deveres para com o povo. A sua poesia, a partir desse momento, é uma poderosa arma para combater o invasor. Deixa de ser a lamentação dos bens perdidos, dos amores frustrados, para transformar-se num canto de confiança e de esperança. É a poesia de um homem integrado no seio do povo, e a poesia viva e otimista de um poeta participante, de um poeta que luta contra um inimigo implacável, mas que sabe que esse inimigo será derrotado e que, depois da vitória, é preciso construir um novo mundo para todos os povos. A sua poesia, de acentos tão íntimos e velados, ganha em vigor, profundidade e clareza. Não é mais a poesia de um homem que raia para si mesmo — é a poesia vigorosa de um poeta que fala da vida e da esperança dos homens para toda a Humanidade. Nas duras contingências da luta, ele conheceu os comunistas e aprendeu a admirar o seu valor de combatentes abnegados pela causa da liberdade de todos os povos. Conheceu e se transformou num deles. Em plena ilegalidade, Paul Eluard ingressa no Partido dos fuzilados, no glorioso partido de Gabriel Péri, de Thorez, de Duclos. A sua vida, como um rio, procura o largo oceano da classe operária: o poeta tinha encontrado o seu destino.

Libertada a França, derrotados os nazi-fascistas, os políticos reacionários recomeçam a tramar contra a liberdade dos povos: o imperialismo norte-americano toma o lugar do nazismo e inicia a preparação de uma nova guerra. Os objetivos são os mesmos: destruir a União Soviética — a fortaleza da Paz — para depois escravizar o mundo.

A frente dos que lutam para preservar a Paz está Paul Eluard. A luta em defesa da Paz é uma batalha de todos os homens simples e honestos do mundo: Paul Eluard está entre eles. Sua vida é um constante combate. Percorre os quatro cantos do mundo, unindo os homens em torno da grande bandeira da Paz. E a sua poesia reflete a luta em que se encontra empenhado. Paul Eluard não descansa, joga na campanha da Paz o prestígio de seu nome admirado em todos os países e dá, assim, um magnífico exemplo para os poetas que se dizem neutros, mas que, na verdade, procuram disfarçar, com uma poesia aparentemente desinteressada, o seu amor à guerra e a sua admiração pelos tiranos.

Paul Eluard morreu combatendo. Seu coração deixou de pulsar no justo momento em que mais vibrava de odio contra os nazi-fascistas norte-americanos que ocupam e maculam o solo da França que ele sempre amou. Seus olhos foram cerrados pela morte exatamente na hora em que o imperialismo iaque mais se enfurece porque vislumbra os sinais da inevitável derrota que o espera. Ele morreu sem assistir à vitória da Paz pela qual lutou e consumiu a vida. Mas, essa vitória é certa e ele pode dormir tranquilo porque foi um dos seus artífices.

Quando estas palavras foram escritas, o corpo inanimado do poeta já tinha sido levado nos braços do povo francês para o seu último descanso. Foi levado nos braços do povo que ele sempre amou e a quem foi fiél até o fim. Foi para o esquecimento que é o destino dos poetas abstencionistas? Não! Ele foi levado como um troféu de vitória nas mãos da classe operária e não caminhou para o esquecimento — caminhou para a Glória e à Imortalidade!

Se a minha voz pudesse ser ouvida, eu pediria: Não o enterrem no cemitério de Charenton ou em Père Lachaise! Plantem o seu cadáver no Monte Valeriano, no lugar onde foram fuzilados aqueles que deram suas vidas para que a França vivesse! Plantem-no ali, na terra adubada pelo sangue de tantos mártires gloriosos, e gravem no seu túmulo a legenda que ele escreveu para Gabriel Péri:

«... morreu por tudo o que nos faz viver» — Pão, Independência, Paz e Liberdade!

Balanço histórico-crítico do cinema nacional

CARLOS ORTIZ

No dia 5 de novembro de 1903 Antonio Leal, um cinegrafista português que aportara no Rio com uma câmera sob o braço, rodou na Avenida Rio Branco os primeiros metros de película virgem em 35 milímetros.

Consta que foi o primeiro giro de manivela do cinema no Brasil. Para festejar essa data, o I Congresso Nacional do Cinema Brasileiro decidiu por unanimidade celebrar anualmente, a 5 de novembro, O DIA DO CINEMA NACIONAL.

A partir de 5 de novembro de 1903, no período da cena muda, que para nós se prolongou até 1930, o Brasil fez cinema no Rio, em Recife, em Cataguazes, em São Paulo e Campinas. E' a era dos pioneiros, dos quais muitos sobrevivem ainda, uns nas lides dos estúdios, outros completamente desenganados do mundo de sombras da mocidade.

Dentre os nomes desses desbravadores é preciso citar Humberto Mauro, autor de «Brasa Dormida»; Antonio Marques, que realizou em São Paulo as primeiras versões cinematográficas de «Iracema» e «Escrava Isaura»; Amílcar Alves, Felipe Ricci e o grupo de cineastas campineiros que realizaram, por volta de 1924, «Alma Gentil», «João da Mata» e a primeira versão de «A Carne» de Julio Ribeiro; Almeida Fleming, Gilberto Rossi, Alberto Capelaro, Ademar Gonzaga e inúmeros outros.

No primeiro após-guerra, a vanguarda francesa teve repercussões no Brasil, nos círculos mais restritos e impregnados de esteticismo cinematográfico. Daí surgiu a tentativa de que muito se fala, mas que bem pouca gente viu: «Limite», de Mario Peixoto.

UM LUSTRO DE CACOFONIA

Com o advento do som, os nossos profissionais de cinema se desmantelaram. E o Brasil teve de esperar muito tempo para ver e ouvir o seu primeiro filme falado. De 1930 a 35 o cinema nacional se debateu em inúmeras tentativas em busca do som. Ainda sem base industrial, com estúdios bastante rudimentares mesmo para aquela época e com laboratórios mais rudimentares ainda, o que conseguimos foi apenas cobrir um lustro de cacofonia, que por sua vez cobriu de descrédito o cinema brasileiro.

Mas os pioneiros continuavam lutando. E não lutaram em vão.

UMA DÉCADA DE AFIRMAÇÃO

Por volta de 1935 a Cinedia lançou um musical de grande sucesso, com o qual se afirmava a nossa técnica sonora: «Alô, alô, Carnaval», produção de Ademar Gonzaga, com Oscarito, Carmen Miranda, Francisco Alves, Dircinha Batista, Elvira Pagã, Joel e Gaúcho, Jaime Costa, Aurora Miranda e Mario Reis.

Com todo o seu primitivismo e ingenuidade, com sua câmera praticamente imóvel, com a cenografia de papel pintado em branco e preto, com os planos teatrais em que o autor tem medo de perder de alcance o microfone, «Alô, alô, Carnaval» já revela, mesmo assim, uma grande verve brasileira e sobretudo carioca, grande espontaneidade e desembaraço, que muitos atores e técnicos de hoje poderiam reaprender.

Daí para cá produziram-se no Brasil mais de 400 filmes sonoros de enredo ou de longa metragem, e boa parte deles de temas carnavalescos. Os estúdios do Rio, sobretudo, invadiram as salas do país, cantando «Noites Cariocas», «O Samba na Vida», «Laranja da China» e outras coisas que tais.

Os anos que vão de 1935 a 45 podem chamar-se a década de busca e afirmação do cinema nacional. São Paulo, Campinas, Cataguazes saem de campo. Em compensação a nossa indústria de filmes se consolida no Rio, onde a Cinedia se amplia e surge a Atlantida, onde entram em cena Carmen

Santos, Moacyr Fenelon, José Carlos Burle, Watson Macedo e alguns outros.

E' preciso sublinhar a importância destas épocas de pioneirismo e consolidação, para que não se pense e repita que o cinema nacional surgiu do nada, como um «deus ex machina», ou por obra e graça de hipotéticos salvadores, convidados da undécima hora.

O SEGUNDO APÓS-GUERRA

A partir do armistício, em 1945, fatos de decisiva importância, que se processaram sobretudo em São Paulo, vieram acelerar a marcha do cinema nacional para a consolidação industrial.

A Cinelandia abarrotou-se de filmes de todas as procedências: franceses, ingleses, italianos, húngaros, tchecos, poloneses, soviéticos, suecos, até mesmo árabes e japoneses. Alguns filmes argentinos e mexicanos trazem às nossas telas a mensagem de nossos vizinhos.

Habitado a ver unicamente ou quase só filmes americanos, calcados no mesmo padrão e sob os mesmos moldes dos intangíveis tabús do Code Production de Hollywood, a princípio o público ficou surpreso e estatelado diante da inundação de fitas de todas as procedências, nas línguas mais diversas, nas técnicas mais disparatadas, abordando os temas mais descontraídos e desconcertantes.

Foi então que adquirimos uma consciência viva de que nem só Hollywood fazia cinema. E nem sequer fazia, a despeito de todo o seu aparato técnico, o melhor cinema. Quando vimos vizinhos nossos, como o México e a Argentina, mandarem-nos «Maria Candelaria» e «Casa de Bonecas», perguntamo-nos uns aos outros: «Se o México e a Argentina fazem cinema, e do bom, por que o não faremos também?»

Esta pergunta, formulada assim à queima-roupa, atirada à imprensa, aos debates públicos, ganhou corpo e foi um estímulo considerável aos nossos brios.

Neste processo de desenvolvimento da consciência cinematográfica em São Paulo, os clubes e cursos de cinema desempenharam um papel que é impossível desconhecer e subestimar. O primeiro e único Cineclube paulistano, que a princípio funcionava no auditório do DEI e depois no salão da Federação Espirita, em breve se desdobrou, quando foram fundados os Museus de Arte e de Arte Moderna da rua 7 de abril.

No Museu de Arte fundou-se em 48 o Centro de Estudos Cinematográficos, sob cuja legenda centenas de jovens de ambos os sexos e das profissões mais variadas se propuseram a ver filmes, estudar e discutir padrões técnicos e estéticos de cinema.

Depois do Centro de Estudos Cinematográficos dezenas de Clubes de Cinema pulularam na Capital bandeirante, no interior do Estado e do Brasil, levando a um público cada vez mais amplo os debates sobre cinema em geral e sobre o cinema brasileiro, em particular.

Em 1949 fundamos no Museu de Arte o Seminário de Cinema. Era o primeiro curso sistemático de história do cinema, de técnica e estética cinematográfica que aparecia no Brasil. O corpo docente era constituído sobretudo de críticos cinematográficos, estudiosos de cinema e cineamadores. Prata da casa. Cerca de 150 alunos se matricularam no primeiro ano do Seminário e muitos deles trabalham hoje nos estúdios de São Paulo e do Rio.

EM CENA CAVALCANTI

No dia 8 de junho de 49 escreviamos a Cavalcanti a primeira de uma série de cartas, convidando-o a encerrar o ano letivo do Seminário de Cinema com um Curso Intensivo

sobre problemas de argumento, decupagem, interpretação, cenografia e montagem.

Depois de uma longa troca de cartas e telegramas, Cavalcanti aportou finalmente em São Paulo, em novembro de 49. Suas conferencias no Museu de Arte foram alvo de excepcional interesse. Cercado da simpatia e da confiança de todos, em fevereiro de 1950 Cavalcanti firmou contrato com a Vera Cruz, que então projetava os seus estudos e preparava a filmagem de «Caiçara».

Começa então a vertiginosa carreira de exitos e erros do cineasta patricio que, há 30 anos dissociado dos usos e costumes do país, só agora consegue integrar-se na vida cinematografica brasileira.

O IMPETO BANDEIRANTE

São Paulo entra de novo no campo do cinema, com a teimosia proverbial do bandeirante. Em 1950 a Vera Cruz se arrasta, arrastando consigo o «Caiçara», de difícil gestação. Em 51 produz «Terra é Sempre Terra» e «Angela». Em 52 acelera o ritmo de sua produção e dá-nos «Tico-Tico no Fubá», «Sai da Frente», «Apassionata» e «Nadando em Dinheiro», enquanto prepara «Veneno», «Uma Pulga na Balança», «Cangaceiro» e «Sinhá Moça».

Nos primeiros meses de 51 surge a Cinematografica Maristela, sob a égide financeira dos Audrás. Mas a criança nasce grande demais, sofre de elefantíase e morre seis meses depois. Hoje, os studios do Jaçanã, religiosamente fechados, estão entregues aos cuidados de um bonzo, que se incumbiu de atirar a ultima pá de terra numa das mais promissoras esperanças do cinema em São Paulo. A vida da Maristela foi curta, mas intensa. De seus studios saíram «Presença de Anita», «Susana e o Presidente», «O Comprador de Fazendas» e «O Meu Destino é Pecar». Foi no Jaçanã que Cavalcanti estreou na direção de um filme nacional: «Aventuras de Simão o Caolho».

A. P. C.

Consequencia e causa, a um tempo, da intensa vida cinematografica de São Paulo no decorrer de 1951 e 52, a A. P. C. ou Associação Paulista de Cinema merece um capítulo à parte em qualquer balanço histórico-crítico dos ultimos anos do cinema brasileiro.

Fundada em março de 51, a A. P. C. se propõe a congregar os profissionais de cinema, críticos, cronistas cinematograficos, cineamadores, socios de cineclubes e fãs, em geral, num amplo movimento de defesa do cinema nacional.

Em inumeros atos publicos, em varias mesas redondas e no I Congresso Paulista do Cinema Brasileiro, a A. P. C. levantou bem alto a bandeira da unidade dos produtores, diretores, atores e técnicos do cinema brasileiro e das reivindicações economicas, industriais, culturais e profissionais de nossa industria de filmes.

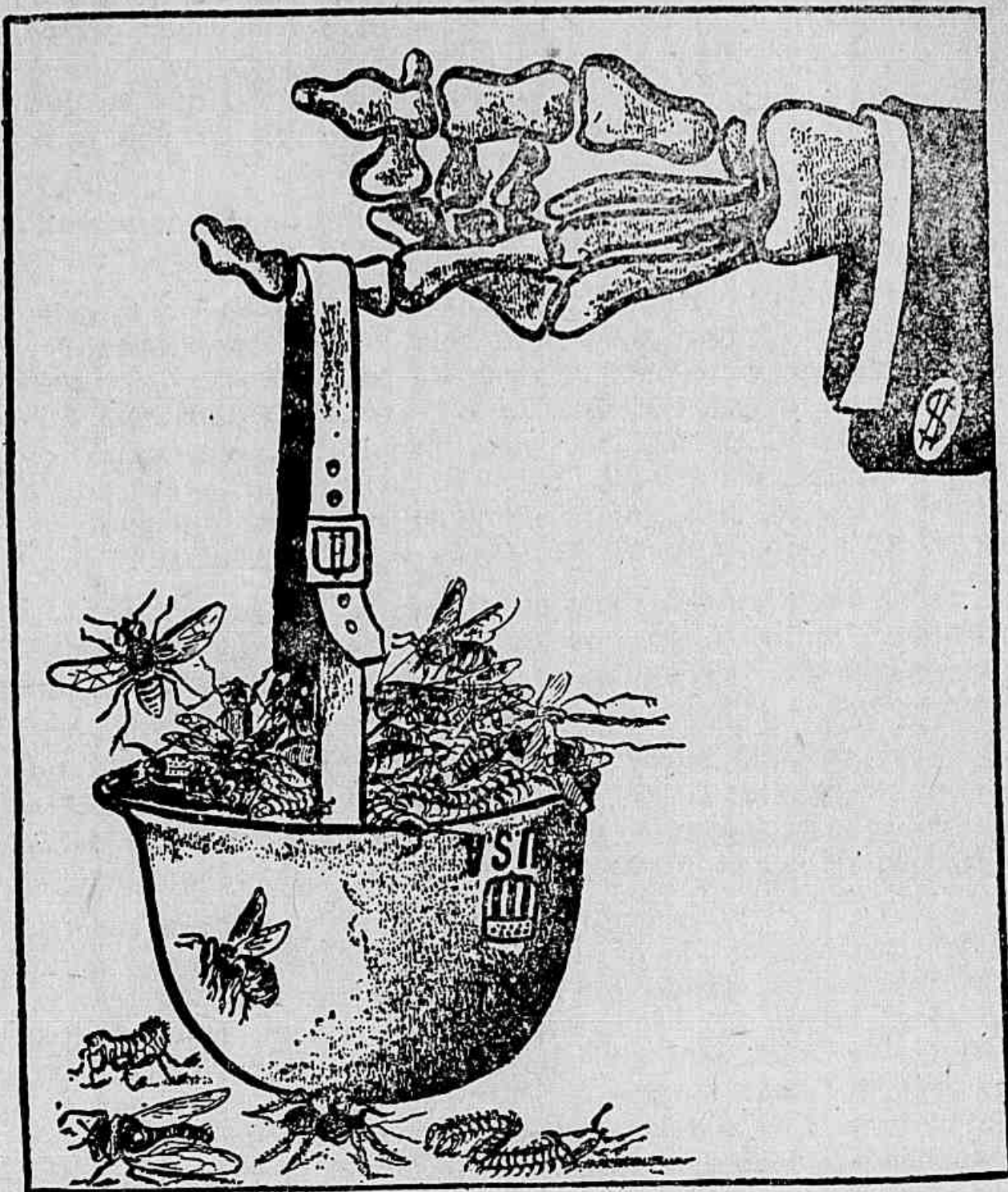
Foi ainda a A. P. C. quem denunciou, em 1951, as manobras de inimigos conscientes e inconscientes do cinema nacional, os quais, pela sua inépcia e desonestidade, levaram à liquidação uma iniciativa como a da Maristela.

Foi a A. P. C. que, em suas mesas redondas de agosto e setembro do mesmo ano, pela primeira vez trouxe a debate publico o monstruoso ante-projeto do Instituto Nacional do Cinema, com o qual Cavalcanti ameaçava a nossa industria cinematografica adolescente.

Foi por iniciativa da A. P. C. que cerca de 40 empresas produtoras de filmes de curta e longa metragem convocaram, em abril deste ano, o I Congresso Paulista do Cinema Brasileiro, cujas resoluções deixaram marca na vida associativa e na consciencia cinematografica brasileira.

UMA SEMANA HISTÓRICA NO CINEMA NACIONAL

De 22 a 28 de setembro de 1952 reuniu-se, na Capital da Republica, o I Congresso Nacional do Cinema Brasileiro. Fruto de resoluções subsequentes das mesas redondas realizadas em São Paulo em agosto e setembro do ano passado, das mesas redondas do Rio realizadas nos dias 5, 6 e 7 de novembro de 1951 e do I Congresso Paulista do Cinema Bra-



A contribuição americana

sileiro, o certame nacional exprimia, por conseguinte, uma aspiração crescente e constante da classe hoje numerosa dos profissionais do cinema brasileiro.

Foi um acontecimento inedito na historia do cinema, nas Americas e até mesmo na Europa. Ouve-se falar com frequencia em festivais de cinema, em manifestações civicas como as que no ano passado e neste ano se verificaram na Italia e na França, em defesa da industria cinematografica ameaçada nesses paises. Mas nunca se ouvira falar num Congresso nacional de homens de cinema, reunidos durante uma semana para debaterem teses e votarem resoluções sobre problemas economicos e profissionais, técnicos, esteticos e culturais da industria de filmes. O I Congresso Nacional de Cinema Brasileiro é, por conseguinte, fato virgem nos 57 anos de historia da Setima Arte.

Não se apagarão tão cedo as ressonancias dêsse magnifico espetáculo de unidade, de amplitude e de civismo, cujas resoluções servirão de roteiro para o cinema nacional.

O QUE ESTA POR VIR

Abstração feita de um pequeno grupo de despeitados e descontentes, cujos projetos oportunistas vão-se desmantelando à medida que se unem e se organizam os profissionais do filme, é inegavel que dia a dia se estende e se consolida, uma grande frente de defesa do cinema nacional.

Constituem-na não só os produtores, diretores, atores e técnicos de nossa industria cinematografica, mas inumeros criticos e cronistas da imprensa e do radio, os estudiosos de nossos cineclubes e uma verdadeira legião de fãs que o cinema nacional conquista a cada momento em todo o Brasil.

O cinema é uma poderosa frente de luta civica e nacional, de profundas bases economicas e de extraordinaria significação cultural. Basta lembrar que petroleo, aço e cinema andam juntos, nas estatisticas de todos os paises industrialmente desenvolvidos do mundo. Nos Estados Unidos, logo depois da industria siderurgica e da industria do petroleo, o cinema representa a terceira fonte de riqueza do país. Na Argentina o cinema ocupa também o segundo lugar nas estatisticas economicas, ao lado da industria das carnes frigorificadas. Na Europa o quadro não é diverso. Na França e na Italia, para só falarmos dos paises ocidentais, o cinema ombreia com a industria pesada de ambos os paises.

Pelo vulto dos capitais que envolve, pela complexidade que implica, pelos lucros que produz, pelas divisas que poupa, o cinema nacional significa a segunda ou terceira fonte de riqueza dos países mais adiantados, sendo certo que só conseguem superá-lo as indústrias mais básicas do aço e do petróleo.

Falamos em divisas poupadas. Sublinhemos este aspecto da questão.

O Brasil, com suas 2.200 salas de projeção, é o terceiro mercado de Hollywood, logo depois dos Estados Unidos e da Inglaterra, com suas colônias de fala inglesa. Em 1950 evadiram-se daqui UM BILHÃO E QUATROCENTOS MILHÕES DE CRUZEIROS, para pagarmos unicamente os filmes americanos exibidos entre nós. Em 1951, a evasão de nosso dinheiro, para pagamento de películas cinematográficas, foi além de DOIS BILHÕES DE CRUZEIROS.

Esta importância, cotejada com a de outros setores da economia nacional, representa 1/3 da produção algodoeira do Estado de São Paulo e equivale, aproximadamente, ao preço de dois milhões de sacas de café.

Com esse dinheiro poderíamos construir e equipar no Brasil pelo menos DUZENTOS ESTÚDIOS CINEMATOGRAFICOS ou financiar a produção de cerca de DOIS MIL FILMES de longa metragem.

De outro lado, o êxito de bilheterias, por vezes espetacular, que tem obtido o filme nacional, demonstra de modo inequívoco o apoio do público à indústria cinematográfica de nossa Pátria. Há filmes nacionais que vêm, de há muito, batendo recordes completos de bilheterias, quer nas capitais do país, quer nas longínquas salas do interior. Segundo os dados irrecusáveis dos «bordereaux», o filme nacional está rendendo em média, nas salas do Brasil, duas vezes mais do que a renda média dos filmes americanos.

Contando com a preferência do público e dispondo de tão amplas perspectivas comerciais, por que ainda não se firmou o cinema brasileiro em bases rigorosamente industriais?

Porque os trustes o não permitem. Diretamente, ou através de seus testas de ferro nativos, Hollywood tem feito tudo para barrar a marcha e a consolidação industrial do cinema brasileiro.

Nestes dois últimos anos, sobretudo, em que o cinema nacional tem demonstrado maior vitalidade e vigor, ameaçando assim mais diretamente o prestígio das produções e até mesmo das super-produções de Hollywood, os trustes tornaram-se mais impiedosos e cruéis.

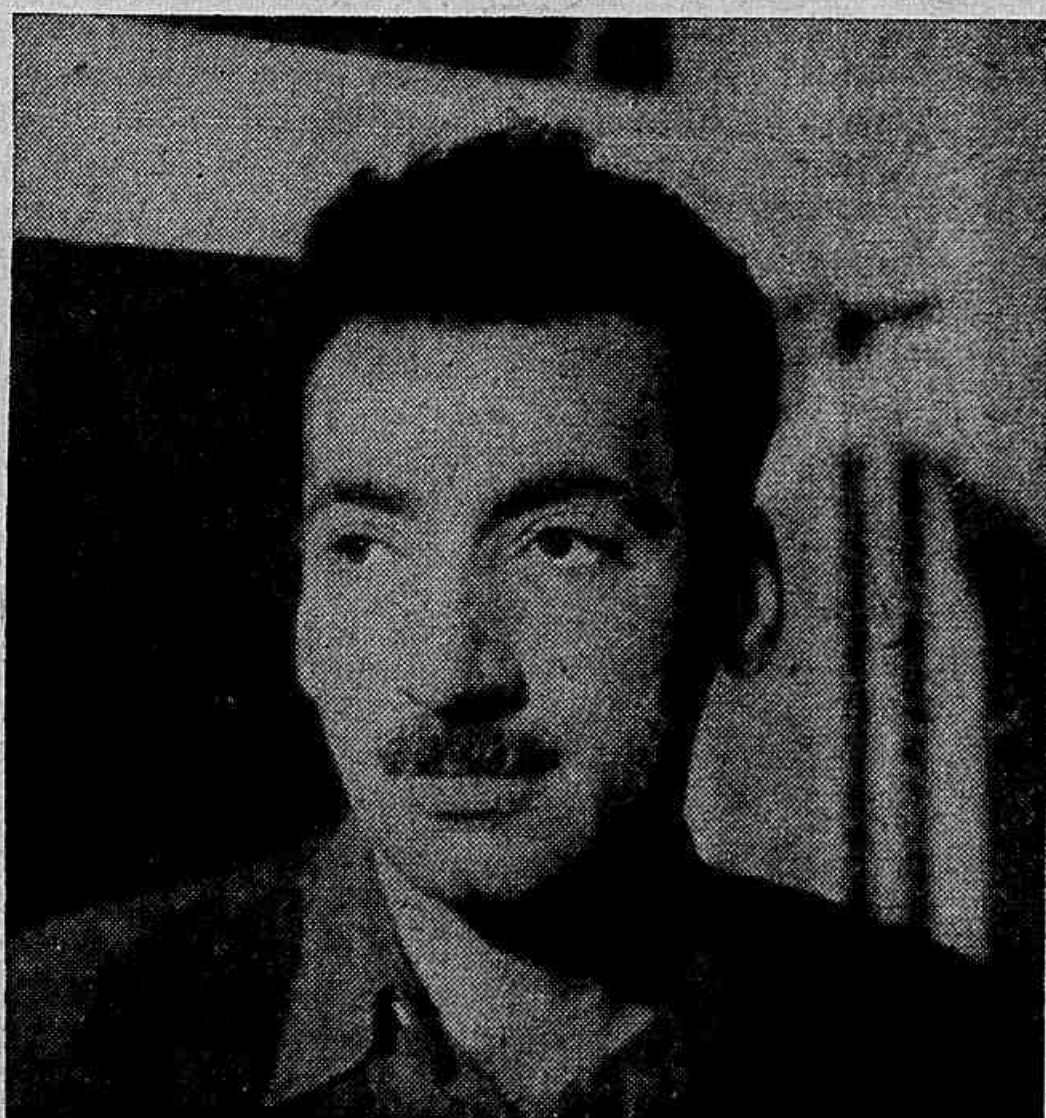
Sob seus dedos, moveram-se os bonecos que levaram a Maristela à liquidação. Os trustes manejaram os grandes exibidores paulistas no mandado de segurança, recentemente derrotado, contra a legislação de «1 x 8». Direta ou indiretamente estipendiada por eles, alvoroça-se a pequena claqué de cronistas cinematográficos de São Paulo e do Rio, que se propuseram a impatriótica tarefa de denegrir sistematicamente o cinema nacional.

Da análise mais detida dos acontecimentos verificados nestes últimos sete anos da vida cinematográfica brasileira; da expressão econômica que já possui o nosso cinema e da consciência profissional e cívica que adquirem os homens que o realizam, forçoso é concluir que algo de muito sério e importante ocorrerá muito em breve no cinema nacional.

E em suas atuais condições de cinema oprimido, o que pode haver de mais sério e importante do que a sua libertação?

Mas o cinema brasileiro não se libertará sozinho. A luta pela sua consolidação e defesa nada mais é do que uma frente de nossa luta comum de libertação nacional.

OBRAS DE JORGE AMADO



EM MAGNÍFICA E UNIFORME APRESENTAÇÃO



- ★ PAÍS DO CARNAVAL — CACAU — SUOR
(Em um só volume).
- ★ JUBIABÁ.
- ★ MAR MORTO.
- ★ CAPITÃES DA AREIA.
- ★ ABC DE CASTRO ALVES.
- ★ TERRAS DO SEM FIM.
- ★ SÃO JORGE DOS ILHÉUS.
- ★ BAHIA DE TODOS OS SANTOS.
- ★ SEARA VERMELHA.



EM SUAVES PRESTAÇÕES

“SEL” ★ SOCIEDADE DE EXPANSÃO DO LIVRO LTDA.

RUA SÃO FRANCISCO, 77/81 — SÃO PAULO

O papel das artes e ciências na construção do comunismo

G. MALENKOV

Sentimo-nos honrados em trazer ao conhecimento de nossos leitores o trecho do informe apresentado por G. Malenkov, no XIX Congresso do Partido Comunista da URSS, que trata das tarefas dos artistas e escritores soviéticos.

Lendo-o, é-nos possível constatar o carinho que o governo soviético e o Partido Comunista dispensam ao movimento cultural, a grande importância que é atribuída aos escritores e artistas no cumprimento dos planos de desenvolvimento da terra soviética, na transição do socialismo para o comunismo.

Embora o trecho do informe que transcrevemos faça referência tão somente aos problemas da União Soviética, os ensinamentos que ele encerra são válidos para os intelectuais de todo o mundo. Publicando-o, em nossas páginas, estamos certos de que contribuímos para trazer aos intelectuais brasileiros, principalmente aos que se preocupam em colocar seus conhecimentos a serviço do povo, uma fonte de ensinamentos que, se aplicados à nossa realidade, muito contribuirão para o aparecimento de uma arte e uma literatura que, cada vez mais, reflitam a realidade brasileira e a luta de nosso povo pela sua transformação.

A literatura e as artes constituem uma parte muito importante e inseparável da cultura soviética. Obtivemos êxitos notáveis no desenvolvimento da literatura, das artes plásticas, do teatro, do cinema soviéticos. A prova esmagadora nos é fornecida pelo fato de que todos os anos numerosas personalidades de talento, neste domínio, são agraciadas com o prêmio Stálin. 2.339 trabalhadores da literatura e das artes já foram honrados com o alto título de laureado do prêmio Stálin.

Seria portanto um erro não se aperceber por trás dos grandes êxitos, importantes defeitos no desenvolvimento de nossa literatura e de nossa arte. Trata-se de que, apesar dos grandes êxitos registrados pelas letras e pelas artes, o nível ideológico e artístico de numerosas obras ainda não se elevou suficientemente. Continuam a aparecer, na literatura e na arte, muitas obras mediocres, insignificantes e, por vezes, verdadeiramente de fãncaria, que deformam a realidade soviética. Certos escritores e pintores apresentam em suas obras a vida rica e ardente da sociedade soviética de uma maneira sombria e enfadonha. Em uma arte tão importante e tão popular como o cinema, os defeitos ainda não foram eliminados. Sabe-se fazer em nosso país, belos filmes de grande valor educativo, mas tais filmes ainda são pouco numerosos. Nosso cinema tem todas as possibilidades para produzir muito bons filmes, variados, mas essas possibilidades são mal utilizadas.

É importante tomar em consideração que o nível ideológico e cultural do homem soviético elevou-se consideravelmente, seus gostos são educados pelo Partido na base das melhores obras literárias e artísticas. Os homens soviéticos não toleram a baixeza de sentimentos, a ausência de conteúdo ideológico, a falsidade e exigem muito das obras de nossos escritores e nossos pintores. Em suas obras nossos escritores e nossos pintores devem etigmatizar os vícios, os defeitos, os fenômenos prejudiciais que existem na sociedade e mostrar aos personagens positivos os homens de tipo novo, em todo o esplendor de sua dignidade humana, contribuindo assim para formar nos homens de nossa sociedade caracteres e hábitos isentos da calamidade e dos vícios engendrados pelo capitalismo. Contudo, em nossa literatura, em nosso teatro soviético assim como em nosso cinema, até agora não se têm cultivado gêneros de obras artísticas como a sátira. Seria injusto crer que nossa realidade soviética não dá matéria para sátira. Precisamos dos Gogol e Chitchevich soviéticos que com o fogo de sua sátira arrasem tudo o que de negativo, corrompido e caduco existe na vida, tudo que entrave o avanço.

Nossa literatura e nossa arte soviéticas devem corajosamente mostrar as contradições e os conflitos da vida, saber

usar a arma da crítica como um meio de educação eficaz. A força e o alcance da arte realista residem no fato de que pode e deve fazer ressaltar as elevadas qualidades morais e os traços típicos positivos e as características positivas de homem simples, criar sua brilhante imagem artística digna de exemplo e de ser imitada pelos demais.

Em sua obra, nossos pintores, nossos homens de letras, nossos artistas devem, criando imagens artísticas, lembrar-se constantemente que o típico não é somente o que se encontra mais frequentemente, mas o que exprime com maior plenitude e agudeza a essência de uma determinada força social. O típico, assim como o compreende o marxismo-leninismo, não é absolutamente, uma espécie de média estatística. O típico corresponde à essência de um determinado fenômeno social e histórico, e não simplesmente o mais difundido, o que se repete com frequência, o comum. Um exagero consciente uma apresentação mais aguda da imagem não exclui seu caráter típico, mas o revela e o destaca mais completamente.

O típico é o principal terreno onde se manifesta o espírito do Partido na arte realista. O problema do típico é sempre um problema político.

A alta e nobre tarefa que se coloca ante os trabalhadores da literatura e da arte não pode ser resolvida com êxito a menos que lutemos decididamente contra a negligência no trabalho de nossos pintores e de nossos escritores, a menos que livremos impiedosamente as obras literárias e artísticas de toda mentira e de toda podridão. Nossos trabalhadores das letras e das artes têm obrigações imensas na grande luta pela formação do que é novo e luminoso, para extirpar tudo que está caduco e perece na vida social. O dever de nossos escritores, de nossos pintores, de nossos compositores, de nossos cineastas é estudar mais profundamente a vida da sociedade soviética, criar grandes obras artísticas dignas de nosso grande povo. (Aplausos).

Camaradas! Já obtivemos grandes êxitos no aperfeiçoamento do bem-estar material e do desenvolvimento da cultura do povo soviético. Mas não nos podemos contentar com o que já foi adquirido. Temos por tarefa, baseando-nos no desenvolvimento de toda a economia nacional, assegurar uma elevação contínua do nível de vida material e cultural dos homens soviéticos. Hoje como ontem, nosso Partido não cessará de zelar para que as necessidades sempre crescentes dos homens soviéticos sejam satisfeitas ao máximo, pois o bem-estar do homem soviético, a prosperidade do povo soviético constituem para o nosso Partido a lei suprema. (Longos e prolongados aplausos).

S. PAULO PELA PAZ

Poucos acontecimentos em torno de movimentos relacionados com a paz já se registraram em São Paulo com tanto êxito como o da grande assembléia paulista de consulta popular em apôio ao Congresso dos Povos pela Paz. Multidão inumerável, entusiasmos, vibração, alegria...

Nos dias 20, 21 e 22 de novembro último, a Comissão Paulista de Apôio ao Congresso dos Povos pela Paz, organismo que dirigiu a parte mais importante de todos os trabalhos preparatórios, promovia a reunião de delegados para discussão das teses e escolha da representação paulista ao Congresso de Viena. Os delegados e a grande massa ali presentes demonstraram bem alto, decididamente, que o povo de São Paulo não quer a guerra e que tudo fará para que sejam encontrados os meios de preservar a paz, banindo o perigo iminente que no momento mais se agrava com as tentativas de aprovação a qualquer preço, pela Câmara, do Acôrdo Militar Brasil-Estados Unidos.

A instalação da Consulta Popular foi feita num ambiente de grande alegria, e o povo que lotou inteiramente o vasto recinto teve, nesse dia que enfrentar um dos mais violentos tempo-

rais dos últimos meses que, inclusive inundou bairros inteiros, provocando a paralisação dos transportes.

Nessa noite, pronunciaram discursos de grande importância, o escritor José Geraldo Vieira, e Juiz Fernando de Oliveira Coutinho, respectivamente presidente e secretário da Comissão Paulista. Ambos, em palavras contagiantes mostraram o que significaria uma nova guerra, e os horrores e misérias que trariam ao mundo. «Não queremos mais sangue, suor e lágrimas. Queremos paz, trabalho, fraternidade. Nosso grito de paz ecoará por terras e mares, céus e subsolos porque é mais poderoso que todos os artifícios da guerra. A paz há de ser salva, haja o que houver, custe o que custar, porque essa é a nossa vontade.» Estas palavras do Juiz Fernando de Oliveira Coutinho, um dos delegados paulistas, que se encontra em Viena, representando o nosso Estado, provocaram a mais calorosa reação de entusiasmo. Falaram ainda o escritor Jorge Amado, como representante do Mov. Bras. dos Part. da Paz e o General Edgard Buxbaum.

A sessão plenária do dia 21 decorreu igualmente num ambiente febril de atividade. Foram submetidos a plenário e aprovados os três itens do temerário pro-

posto pela Comissão Paulista: 1) Tensão Internacional; 2) A paz e a independência nacional; 3) a paz pode ser salva, a paz deve ser salva. Inscreveram-se diversos oradores que defenderam temas da mais alta importância, destacando-se os que versavam sobre o problema da «película virgem e o cinema nacional em face da paz, pelo cineasta Carlos Ortiz; «Sacralização da Guerra», pelo pastor Martinho Lutero dos Santos; «Maternidade, mortalidade infantil, analfabetismo e paz» pelo dr. Ari Dória, da Comissão de Sto. André; «Os tecelões e a paz» pelo líder sindical Joaquim Teixeira. Falaram ainda o camponês Olímpio Bondesan, representando os trabalhadores rurais do Estado; o vereador Milton Marcondes, que historiou as lutas dos bancários.

Seguidamente foram lidas em plenário as numerosas mensagens de apôio e congratulações à Consulta Popular. O Vereador Milton Marcondes foi portador de significativa mensagem da Câmara Municipal de São Paulo, em que esta comunicava constar da ata dos trabalhos do legislativo paulista um voto de júbilo, aprovado por unanimidade, por motivo da instalação da Grande Consulta Popular. Entre outras muitas mensagens e moções apresentadas des-



Aspecto da assistência que compareceu ao Congresso do Povo Paulista pela Paz. Jovens entoam um hino pela Paz.



Aspecto da Mesa, presidida pelo Gal. Edgar Buxbaum, quando o jornalista Eduardo Sucupira Filho procedia a leitura do Temários.

tacam-se as da Associação dos Pintores de S. Paulo; da União Geral dos Trabalhadores, da Federação Nacional dos Condutores de Veículos Rodoviários do Brasil; de operários da Good Year do Brasil; da Cia. Nitroquímica; de trabalhadores da Cia. Brasileira de Linhas para Coser; dos bancários da Capital; telegrama de apóio do dr. Renato Bruno, prefeito de Jaboticabal; de portuários santistas, de operários da Metalúrgica Matarazzo, do Lanifício Varam, de moradores do Ipiranga, de trabalhadores de diversas indústrias têxteis de trabalhadores da construção civil, da indústria de panificação e confeitaria; de trabalhadores da Fábrica Brasileira de Rayon, dos operários do Lanifício Scuracchio, de partidários da paz, de Marília, de jornalistas profissionais, etc. etc.

A temperatura emocional dos dias anteriores faziam prever a grandiosidade do ato de encerramento, que consistiu, em sua parte final de um festival artístico, de que participaram figuras do rádio e cantores de cururu da cidade de Piracicaba. Desde as 19 horas, ondas e ondas de pessoas rumavam pela Rua da Consolação em demanda do Cine Odeon, que ficou literalmente tomado, inclusive nos corredores internos. O vasto palco da «Sala Azul» estava belamente decorado com trabalhos de autoria de jovens artistas plásticos. Delegações de bairros e do Interior chegavam a cada momento, em colunas luzidas, ostentando faixas e estandartes, com instrumentos musicais, «Slogans» relativos à paz, «pique-piques» e canções populares ouviam-se de momento a momento estabelecendo uma onda emocional crescente que se manteve e se prolongou até a madrugada. Diversos oradores inscritos no dia anterior apresentaram seus pontos de vista, destacando-se o líder espírita, Emílio Peres.

A Mesa que encerrou os trabalhos foi a mais numerosa e foi presidida pelo escultor José Cucé, vice-presidente da Comissão Paulista. Notavam-se entre os presentes os deputados Jânio Quadros, Porfírio da Paz e Miguel Jorge Nicolau; Vereador Milton Marcondes,

industrial Alvaro Cecchino, delegações de diversas cidades, dentre elas, Sorocaba, Santos e São Vicente; General Edgar Buxbaum, industrial Alvaro Cecchino, Maestro Eduardo de Guarnieri; escritor José Geraldo Vieira, Juiz Fernando de Oliveira Coutinho, dr. Carlos Ortiz, dr. Ortiz Monteiro, jornalista Eduardo Sucupira Filho, secretário da Mesa; Elisa Branco, Vereador Henrique Miranda, do Distrito Federal, escritor Abguar Bastos, vice-presidente da Comissão Paulista, Prof. Omar Catunda, pianista Arnaldo Estrela, representante do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, violinista Mariuccia Iacovino e muitas outras pessoas.

De momento a momento, delegações de jovens, homens e mulheres, de associações diversas davam entrada no grande palco da «Sala Azul» para fazer entrega de mensagens e de lembranças às principais figuras do movimento da paz.

Foram muito aplaudidos os discursos dos deputados Jânio Quadros, Porfírio da Paz, Miguel Jorge Nicolau, e do escritor Abguar Bastos, que encerrou o ato da Consulta Popular.

A assembléia paulista de consulta popular aprovou por unanimidade importantes resoluções, inúmeras mensagens e moções de apóio ao Congresso, a autoridades e personalidades de nosso país e do Exterior, bem como indicou onze representantes ao Congresso de Viena.

Os onze membros indicados pela Comissão Paulista, e que constituem uma das mais expressivas representações do Estado, em todos os setores das atividades culturais e profissionais são os seguintes: escritor José Geraldo Vieira; Coronel Joaquim Barbosa de Moraes, fazendeiro da Alta Paulista; Dr. Fernando de Oliveira Coutinho, Juiz da 5ª Junta de Conciliação e Julgamento; Joaquim Teixeira, presidente do Sind. dos Têxteis do Est. S. Paulo; Vereador Milton Marcondes; Escultor José Cucé; Olímpio Bondesan, representante dos camponeses; Elisa Branco, Vice-presidente do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz; Sra. Gracita Miranda, jornalista e educadora; Romeu Barbosa, campeão brasileiro de pugilismo; Emílio Peres, presidente da Liga Espírita do Ipiranga.



Parte da delegação de Santos, ao Congresso do Povo Paulista pela Paz.

ONTEM E HOJE

EDUARDO SUCUPIRA FILHO

UM MUNDO QUE MORRE...

é-nos mostrado pelo economista americano, Chase: "Dos campos e pastagens dos Estados Unidos são arrastados anualmente pelas águas três mil milhões de toneladas de terra, que contêm quarenta milhões de toneladas de fósforo, de potássio e de nitrogênio. E' arrastada a camada superior, a mais fértil. Uma sexta parte do país foi, está sendo ou começa a ser inutilizada. O pó asfixia os homens e os animais. O pó é mais terrível do que as inundações. As espantosas tormentas de pó dos últimos anos não são um fenómeno casual. São a culminação de um prolongado e trágico processo..."

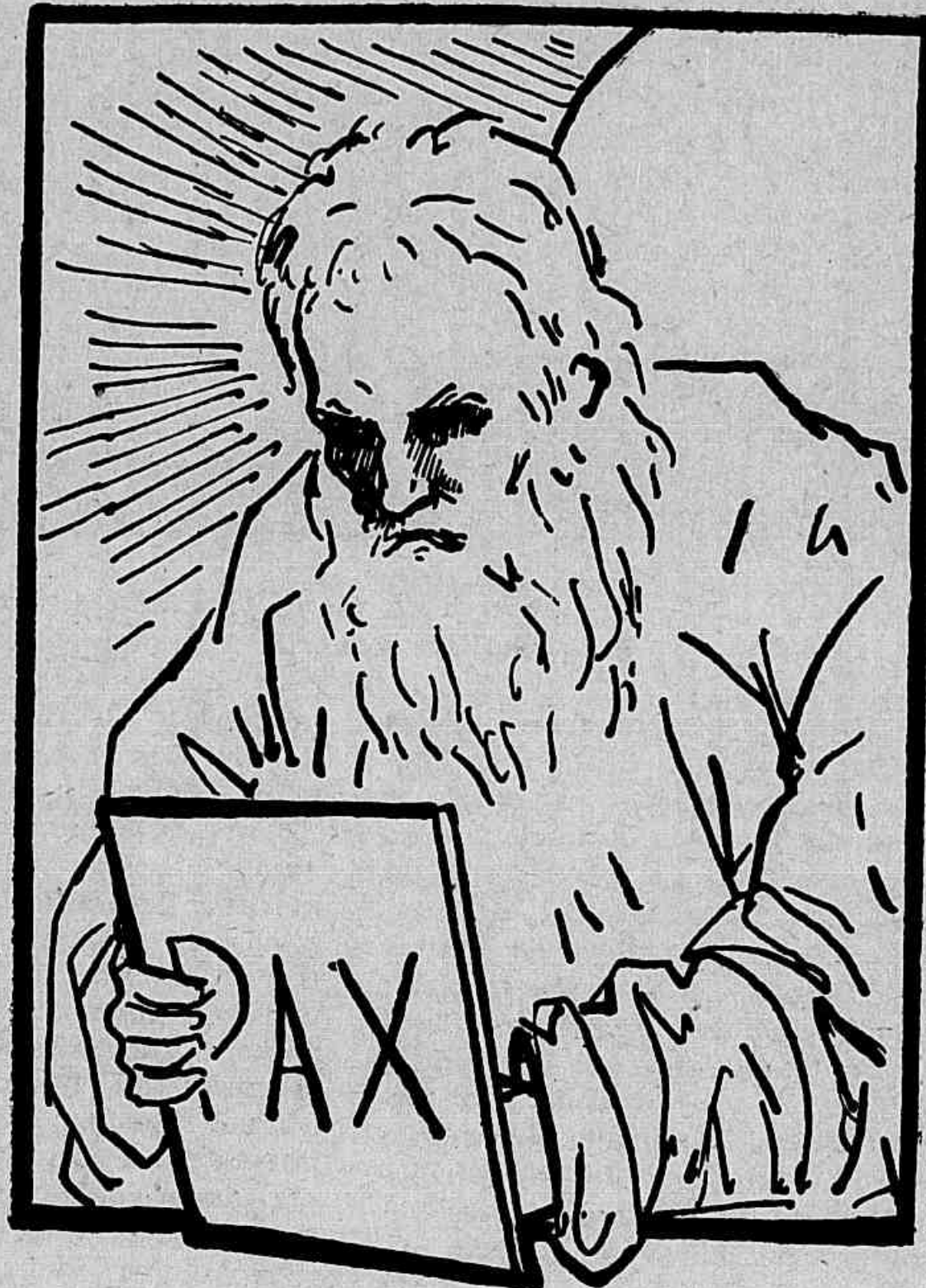
Outro mundo que nasce é descrito por N. Safónov, no seu magnífico livro «Tierra en Flor», (Moscú, 1951): "Nas estepes nuas foram plantados bosques: mais de meio milhão de hectares de franjas florestais. Segundo o plano que realiza a União Soviética, de 1949 a 1965 serão plantados 5.709.000 hectares de novas franjas florestais. As terras nascem de novo. A poderosa indústria de fertilizantes minerais proporciona aos campos milhões de toneladas de nitrogênio, fósforo e potássio. Enormes extensões são tratadas com cal, gesso, etc."

PRIMEIRO PACIFISTA DA HISTÓRIA...

Jeremias, o profeta da resistência passiva proclamava já naqueles tempos pretéritos: "Tempos virão em que as espadas tornar-se-ão arados e as lanças transformar-se-ão em tesouras para cortar as árvores. Nunca mais a guerra! Não mais o ódio! Não mais assédios, matanças, fome e peste!" (Henry Thomas — "Hombres y Dioses en la Historia de la Raza Humana — Claridad, 1947).

CONGRESSO MUNDIAL DE ESCRITORES

Os delegados ao Congresso dos Povos pela Paz decidiram convocar, provavelmente para o ano próximo, um congresso mundial de escritores. O primeiro movimento organizado em favor da paz, no após-guerra foi empreendido precisamente pelos intelectuais, que em número de 500 se reuniram pela primeira vez, na cidade polonesa de Wroslaw, em 1948. Nessa oportunidade, falava Eugene Cotton sobre a maneira por que os intelectuais poderiam deter a eventualidade da destruição dos valores materiais e culturais da civilização: "Leur perspicacité et leur esprit critique sont précieux pour démasquer, sous les raisons officielles, les causes réelles des guerres, et leur moyens d'expression peuvent s'employer à informer exactement les foules. Il ne s'agit plus pour les intellectuels de travailler isolément, sans s'inquiéter des répercussions de leurs découvertes, mais de veiller aux conséquences pratiques de ces découvertes, de les défendre contre l'emprise des groupes d'hommes avides d'argent et de s'unir à tous les autres travailleurs dans la grande tâche commune de gagner la paix." (Les Lettres Françaises — editorial — 1948).



VENDILHÃO DA PATRIA E DELATOR

O advogado Henry Torrès anatematiza em seu livro — "La Machine Infernale" — os traidores franceses da segunda guerra mundial. Charles Maurras que recebeu de uma parte da imprensa brasileira a mais abjeta louvação, por motivo de sua morte, é retratado de corpo inteiro com duas palavras: "Fornecedor de listas de reféns à Gestapo".

E mais adiante: "Empenhou-se em convencer Pétain de restaurar a monarquia, depois de excitar a repressão e fornecer à Gestapo suas listas de reféns".

No mundo de amanhã não haverá lugar para intelectuais e artistas como Charles Maurras. ("Diretrizes", 8-10-42).

STALIN EM 1942

Ralph Parke, comentarista de diversas revistas norte-americanas ao tempo da última guerra, termina com estas palavras um artigo sobre Stálin ("Orientación", 26-11-42):

"En ningún líder nacional, el futuro ha pesado tanto como en Stálin! Nadie ha sentido tan agudamente que de sua decisión dependen las vidas y bienestar de gente que todavía no ha nacido. Afortunadamente para las Naciones Unidas, Stálin siempre se ha considerado como un luchador y tal vez hay algo simbolico en el hecho que como Comisario del Consejo de Defensa (y como tal el comandante en jefe de las fuerzas armadas), él todavía usa la casaca semi-militar de tiempos de paz".

S. Paulo, dezembro de 1952

Que ismo é esse, Koellreutter?

GUERRA PEIXE

Recife, setembro. — Quando o esquisito grupo *Música Viva*, do Rio de Janeiro, voltou a publicar a sua revista — em 1946, então sob orientação (?) de tendência dodecafônica — o seu exemplar de reaparecimento divulgou o “Manifesto 1946” (Declaração de Princípios) e o artigo “Música Brasileira”, ambos de autoria de Hans Joachim Koellreutter, embora fôsse o primeiro incondicionalmente assinado por todos os participantes daquela entidade musical, após algumas reuniões mais ou menos formais. A crítica indígena havia se pronunciado desfavoravelmente sobre estes trabalhos, pois, contanto fôsse substancial a matéria tratada, a verdade é que umas tantas coisas não se ajustavam à análise do nosso passado musical e muito menos do presente. Isto, naturalmente, devido o professor Koellreutter, como estranho que é à nossa tradição cultural, não se haver identificado com os nossos mais elementares problemas de estética musical, e que até hoje, segundo me consta, não deu um passo adiante nessa fundamental compreensão.

Agora, fazendo um balanço de minhas atividades musicais — e relendo as barbaridades que escrevi para a revista *Música Viva*, em favor da infiltração do jazz comercial na nossa música popularesca radiofônica — achei que chegou o momento de eu tomar uma atitude pública e ativa na defesa do nosso patrimônio cultural, segundo as minhas modestas possibilidades. Transcrevendo o que pude encontrar nos “artigos” do professor Koellreutter — o leader do dodecafonismo no Brasil — apontarei aos leitores o perigo que representa para a música brasileira a nossa facilidade em aceitar, sem melhor exame, as idéias avançadas daqueles que se dizem portadores de enormes lastros culturais, daqueles mesmos que se utilizam de plágios para ocultar o vazio de suas cabeças num país onde tais indivíduos supõem todos ignorantes e inespertos.

Iniciemos pelo “Manifesto 1946”, publicado na revista *Música Viva*, n. 12, redigido pelo professor Koellreutter: “a arte só pode florescer quando as forças produtivas tiverem atingido um certo nível de desenvolvimento”, etc. Na obra “Sociologia da Arte”, de Plekanov e outros, se lê o seguinte, no capítulo “A arte como produto da vida social”, extraído de “Materialismo Histórico”, de N. Bukarin, página 111 (1): “a arte não pode florescer antes que as forças da produção tenham alcançado um certo nível de desenvolvimento”.

Ainda Koellreutter escreve que o grupo *Música Viva* “acompanha o presente no caminho de descoberta e de conquista”, etc. Algo aproximado está no livro do compositor e musicólogo português Fernando Lopes Graça intitulado “Música e Músicos Modernos” (2), que passo a transcrever porque, com pequenas modificações, era lido todos os sábados na Rádio do Ministério da Educação e Saúde, do Rio de Janeiro, ao terminar as irradiações do programa “Música Viva”: “Uma cultura, qualquer espécie de cultura, é incompleta, viciada, unilateral se só olha para o passado e recusa o presente, naquilo que este tem ou possa ter de vivo, de criador, de fecundo se não acompanha o presente no seu caminho de descoberta e de conquista para o futuro”.

Realmente, o grupo *Música Viva* se empenhava por descobrir e conquistar... os incautos. Por outro lado quem parece possuir cultura viciada e unilateral é o próprio leader dodecafonista, como revelam os “seus” numerosos artigos sobre este complicado problema da música brasileira.

Mas é no seu escrito “Música Brasileira” que Koellreutter copiou trechos sem conta do musicólogo português.

Lopes Graça, em “Música e Músicos Modernos”, página 170, referindo-se à música espanhola aponta “o seu movi-

mento criador dos últimos trinta ou quarenta anos como um dos mais vivos e prometedores da música européia deste século”.

Koellreutter: “O movimento criador dos últimos quarenta anos, no Brasil, tornou-se um dos mais vivos e prometedores da música latino-americana”.

Lopes Graça: “A semente lançada à terra por Pedrell, Albeniz e Granados frutificou magnificamente em duas gerações: aquela a que Adolfo Salazar chama a “geração dos mestres”, e que compreende, como figuras de maior relevo, Manuel de Falla, Turina e Conrado del Campo, e a “nova geração”, que, além de homens já passantes dos cinquenta, como Oscar Esplá, reúne as melhores esperanças e as melhores certeza da jovem música espanhola, personificadas num Roberto Gerhard, num Manuel Blancafort”, etc..

Koellreutter: “A semente lançada a terra por Ernesto Nazareth, Alexandre Levy, Alberto Nepomuceno e Luciano Gallet, frutificou magnificamente em duas gerações de compositores: a “geração dos mestres” — que libertou definitivamente a música brasileira da influência européia e cujas figuras de maior relevo são Heitor Villa Lobos, Francisco Mignone e Camargo Guarnieri — e a “geração dos novos”, que reúne as melhores esperanças da música nacional: Cláudio Santoro e Guerra Peixe”.

Ora, não é verdade que a geração anterior tenha libertado definitivamente a música brasileira da influência européia. O que o professor Koellreutter pretende, com esta adaptação fora da realidade musical nacional, é fazer crer aos ingênuos que a música brasileira não necessita ser nacionalista, porque ela já é, por estes tempos, suficientemente nacional... ainda que dodecafonicamente!...

Lopes Graça, página 126, referindo-se a Manuel de Falla e à sua obra “Amor Bruzo” acentua que o mencionado bailado “marca a passagem do estilo popular, do “nacionalismo” folclórico, característico da primeira fase de produção do compositor e culmina nas “Peças para piano” e na “Vida Breve”, para o estilo mais castigado”, etc.

Koellreutter, sobre a obra de Francisco Mignone, escreve que ela “marca a passagem do “nacionalismo folclórico”, pitoresco, e de cores vivas que caracteriza as obras de Villa Lobos e a primeira fase da produção do próprio Mignone para aquela estética a que se tem dado o nome de “nacionalismo essencial” de estilo mais castigado e de tendência mais universal”.

Como se vê, não há nenhuma dúvida sobre o plágio do professor Koellreutter. Só que me parece que se a música é essencialmente nacional, ela não necessita ser nacionalista; e se é nacionalista é porque a sua essência ainda não lhe basta torná-la nacional. Portanto, há algo de confuso nesse “nacionalismo essencial” do professor de música dodecafônica... Por outro lado, o que há de diferente no artigo do germânico — copiado do musicólogo português — é somente aquilo que serve para dar um tratamento pejorativo à música brasileira, usando os termos pitoresco e de cores vivas — como se houvesse alguma inconveniência nisso — e culminando nessa tamanha asneira que é o pretender a tal música brasileira de tendência universal. O que é música universal, professor Koellreutter? Quem a compôs ou compõe? Quando? Onde? Como? Em que país? Ou são escolas nacionais que se formam, se divulgam, se impõem e que, como produto de culturas altamente estratificadas, passam a exercer influência sobre a música de outras culturas?

Lopes Graça, página 271, sobre a “Sinfonia” do inglês Vaughan Williams diz que ela “é apenas de inspiração folclórica; quere dizer que ela toma do folclore apenas aquilo que lhe basta para se identificar com o povo, isto é: para adquirir uma fisionomia e um valor artísticos que sejam uma expressão autônoma do pensar e sentir musicais ingleses”.

Koellreutter, sobre “Yara”, de Mignone: “Yara é apenas de inspiração folclórica, isto é, toma do folclore apenas

(1) Plekanov e outros. Sociologia da Arte, tradução de Edmundo Rossi — capítulo “A Arte como Produto da Vida Social”, extraído de “Materialismo Histórico”, de N. Bukarin, Edições Cultura, São Paulo, 1943.

(2) Fernando Lopes Graça: Música e Músicos Modernos, “Advertência”, pág. 14, Edições Lopes da Silva, Porto, Portugal, 1943.

aquilo que lhe basta para se identificar com o povo, para adquirir uma fisionomia e um valor artístico que sejam uma expressão autônoma do pensar e do sentir musicais brasileiros”.

Francamente, não sei até que ponto vão os conhecimentos do professor Koellreutter em matéria de folclore brasileiro, ao afirmar que “Yara”, de Mignone, toma do folclore somente o que lhe basta para se identificar com o povo!... Os compositores brasileiros, apesar dos seus apreciáveis esforços, ainda não se mostraram capazes de precisar até que ponto o folclore basta às suas produções identificáveis com o povo. Sabendo-o, poucos problemas restariam para a música brasileira como expressão de cultura regional. Entretanto, o professor Koellreutter... entende disso como ninguém, está provado.

Lopes Graça, sobre Paul Hindemith, página 86: “Arte de parti-pris, intencionalmente agressiva, cortante, metálica, irônica, de ritmos incisivos e obstinados, implacável, fatal e nostálgica, inspirada no jazz-band — de que aproveita às vezes a composição material, tratada, todavia, com uma economia de meios surpreendente, mas interessando-lhes, sobretudo, a essência propriamente musical — essa arte revela, no entanto, para além da intenção combativa, uma vontade de simplificação, uma nitidez de linhas, uma pureza de forma, uma força de construção, um ascetismo de idéias, que, mais do que as caratonhas, os esgares, o desgongamento, o azedume, a brutalidade, as cacofonias (no fundo, um romantismo às avessas, como já se observou) constitui o verdadeiro volta-face tanto às inchadelas da música post-romântica, como ao invertebramento impressionista”. etc.

Koellreutter, referindo-se a Santoro: “Arte de parti-pris, intencionalmente agressiva, cortante, metálica, de ritmos incisivos, implacável, fatal”. Saltando algumas linhas prossegue: “Essa arte revela, para além da intenção combativa, uma vontade de simplificação, uma nitidez de linhas, uma severa organização formal, uma força de construção que constitui o verdadeiro volta-face tanto aos exageros nacionalistas que inundam o país em consequência das obras mal compreendidas de um Villa Lobos, como ao invertebramento do seu ambiente impressionista, e estabelecem as premissas de uma nova concepção na música brasileira”. E Koellreutter acrescenta ao trecho: “A música agora não é só para sentir, é também para compreender” — que corresponde ao escrito pelo musicólogo português, referindo-se a Hindemith: “A música agora não é para sentir: é para compreender”, segundo se lê à página 87 do livro “Música e Músicos Modernos”.

E’ curioso como o professor Koellreutter muda algumas palavras na cópia que faz, afim de encontrar “exageros nacionalistas” num país onde é enorme a indiferença pelos valores culturais nativos. Onde o maior empecilho na formação da escola nacional brasileira reside, justamente, no cosmopolitismo gratuito que penetra a nossa criação musical. E’ horroroso o estabelecimento de “uma nova concepção na música brasileira”, como anunciavam os dodecafonistas encabeçados pelo professor Koellreutter — quando na realidade, doa a quem doer a verdade, ainda nem sequer chegamos a afirmar a nossa nacionalidade na música erudita, embora se progrida nesse sentido.

Lopes Graça, à página 249, escreve o seguinte sobre o “Psaumus Hungaricus” do compositor Kodaly: “Composto em 1921, o “Psalm” tem o valor de um manifesto e a significação de um ato de fé nos destinos da música e da nação magiares”.

Eu, como autor de tal obra elogiada pelo leader do cosmopolitismo dodecafônico entre nós, me sinto no honesto dever de declarar que é preciso muito boa vontade para encontrar alguma relação entre a música popular brasileira e esta composição de minha plena fase dodecafônica. Aliás, muito apregoei o pseudo-nacionalismo dodecafônico que, então, pratiquei sem resultado. Pelo menos, confesso, valeu-me a experiência de verificar tal nacionalismo ser algo exclusivamente visual, no papel pautado, e sem identificação auditiva. Que meditem sobre isto os atuais dodecafonistas, que supõem estar compondo música brasileira.

Lopes Graça, página 244, sobre Manuel de Falla e algumas de suas obras mais representativas: “a lição que a sua arte encerra se não limita ao ponto de vista de um exclusivo espanholismo, mas, pelo contrário, se alarga a um bem entendido iberismo, um iberismo onde cada qual, português ou espanhol, embora continuando pessoal e étnica-

mente aquilo que é, pode encontrar muito que lhe aproveite no aplanamento de sua própria via artística”.

Koellreutter soltou a seguinte blasfêmia sobre Santoro e Guerra Peixe, nos tristes dias da jornada dodecafônica: “Os “novos” da música brasileira demonstram que a lição encerrada na arte de Villa Lobos, não se limita ao ponto de vista de um exclusivo brasileirismo, mas, pelo contrário, conduz — abrindo novos horizontes — a um bem entendido brasileirismo, onde cada qual, embora continuando pessoal e tecnicamente aquilo que é, pode encontrar muito que lhe aproveite no aplanamento da sua própria via artística”.

E’ interessante notar como o termo “étnicamente”, escrito por Lopes Graça, foi substituído por “tecnicamente”, no escrito de Koellreutter. Positivamente, o músico dodecafonista tem verdadeira ojeriza por qualquer coisa que possa fazer sentir a nacionalidade brasileira. Pois, para o germânico, o brasileiro nunca será étnicamente aquilo que precisamente o diferencia de qualquer outro.

O compositor argentino Juan Carlos Paz — atonalista que muito levianamente se entusiasmou pelo grupo Música Viva, publicou em Buenos Aires, na revista “Latitud”, página 16, o artigo intitulado “Música brasileña de vanguardia”, tendo como subtítulo “Hans Joachim Koellreutter y el grupo Música Viva”, de onde copio o seguinte trecho: Cláudio Santoro cultiva el “atonalismo”, evitando cuidadosamente en sus obras, todas las influencias folklóricas y cualquier exterioridad, buscando su expresión sin especiales características de país o raza determinadas. La estructura de su lenguaje musical es de una rica polifonia, y su armonia es áspera y voluntariosa” (3).

Koellreutter, na “Leitura” de dezembro-janeiro de 1945, na seção “Nos domínios da música” escreve: “Cláudio Santoro é o mais jovem dos compositores brasileiros. A estrutura de sua linguagem musical é de rica polifonia e a sua harmonia é áspera e voluntariosa. A música de Santoro desconhece concepções (sic), evita qualquer exterioridade e visa unicamente a expressão própria. Cláudio Santoro aderiu ao atonalismo, e as suas obras não demonstram influência de folclore ou qualquer característicos especiais de país ou raza”.

Ora, vejamos estas pérolas de incompreensão dos nossos problemas. Koellreutter escreve que a música de Santoro “desconhece concepções (sic), evita qualquer exterioridade”, que Santoro “aderiu ao atonalismo” e que “as suas obras não demonstram influência de folclore ou qualquer característicos de país ou raza”. Ou é, então, evidente a intenção do professor Koellreutter monesprezar as correntes ligadas esteticamente à música popular brasileira, como se elas fossem uma espécie de “concepção” (sic) e de “exterioridade” e como se a “influência de folclore” os “característicos de país ou raza” e, ainda, alguma tendência a conservar o tonalismo (segundo se compreende com o “aderiu ao atonalismo”, escrito de uma forma muito a propósito, quando Santoro, em verdade, até o seu regresso da Europa, sempre havia sido atonalista) fossem motivo de rebaixamento artístico ou incoerência estético-ideológica... Entretanto, por outro lado sou forçado a reconhecer que na obra dodecafônica de Santoro — assim como na de Catunda e na minha — há característicos de país e raza, sim. Mas, só que de país e raza germânicos...

Lopes Graça, página 82, sobre Paul Hindemith: “Força, exuberância, dom completo de si, nivelção dos gêneros, desdém dos preconceitos, derrocada das tórreres de marfim”.

Koellreutter; 1 sobre 1 Cláudio | Santoro: “Fôrça, exuberância (sic) dom completo de si, nivelança (sic) dos generos, desdém dos preconceitos, derrocada das torres de marfim”.

Lopes Graça prossegue: A verdade é que, se não há receitas para se confeccionarem obras de arte, também não existem códigos que legislem sobre o que o artista deve ou não fazer, pode ou não abordar”.

Koellreutter, então: “Para Santoro não há dogmas, não existem códigos que legislem sobre o que o artista deve ou não fazer, pode ou não abordar”.

Lopes Graça, página 215, sobre o compositor húngaro Tibor Harsany e o seu bailado “Titeres”: “um real talento, um grande e seguro domínio da matéria sonora e um autêntico conhecimento dos recursos mais subtis e brilhantes da palheta orquestral”.

(3) Juan Carlos Paz: “Música brasileña de vanguardia”, in Latitud n. 4, pág. 16, Buenos Aires, Argentina, 1945.

Koellreutter, sobre Guerra Peixe: "Um real talento, Guerra Peixe possui um grande e seguro domínio da matéria sonora e um autêntico conhecimento dos recursos mais subtis e brilhantes da palheta orquestral".

Lopes Graça, página 216, sobre uma obra de Darius Milhaud: "De uma brevidade de proporções e de uma economia de meios (quarteto vocal e orquestra de câmara, além de um recitante), que, mais do que pelas necessidades do estilo sintético, característico de uma das tendências estéticas dos nossos tempos e particularmente caro a Milhaud, parecem determinadas por uma certa pressa, um certo desejo inteiramente exterior de condensar", etc.

Koellreutter, continuando sobre Guerra Peixe: "Sua linguagem musical baseada num cromatismo diatônico, atonal e livre de preconceitos, é de uma brevidade de proporções e de uma economia de meios, que, característico de uma das tendências estéticas do nosso tempo, parece determinada por uma certa pressa, um certo desejo de condensar".

O músico que copiou estes trechos de Lopes Graça não perde uma oportunidade para fazer propaganda do atonalismo, dizendo-o "livre de preconceitos"...

Lopes Graça, página 248, faz a seguinte louvação à personalidade de Alban Berg, referindo à sua "Suite Lírica": "um exemplo de que o dodecafonismo não é incompatível com a expressão de sentimentos, com a paixão, com a graça — com o lirismo, enfim, e com o aspecto por assim dizer esotérico e cerebral que o sistema apresenta em Schoenberg (4), em contraste com a humanização nele operada por Alban Berg, estriba, no fundo, apenas na diferença das suas respectivas naturezas psicológicas e artísticas".

Koellreutter, ainda sobre Guerra Peixe e a sua "Sinfonia n. 1": "um exemplo de que o atonalismo não é incompatível com a expressão de sentimentos, com a paixão, com a graça, com o lirismo, e que o aspecto por assim dizer esotérico e "cerebral" que essa linguagem musical frequentemente apresenta em Schoenberg, em contraste com a "humanização" nela operada pelos jovens atonalistas brasileiros, Cláudio Santoro e Guerra Peixe, está estribada no fundo, apenas, na diferença das suas respectivas naturezas psicológicas e artísticas".

Mas não parou aí a aventura plagiária do professor Koellreutter. Hans Joachim Koellreutter, leader dodecafonista e apaixonado propagandista do jazzbandismo comercial entre nós, já vem há muito tempo se aproveitando do que escrevem outros autores. A revista *Música Viva* — ano 1, número 1, publicação que em boa hora desapareceu — divulgou o artigo "Do Fundo e da Forma", de Daniel-Lesur, VI capítulo, página 5, onde se lê, referindo-se a compositores franceses: "Expressam-se em geral, diretamente, sem se envergonharem de ser simples. Tristes ou alegres, consonantes ou dissonantes, fazem da música objeto principal de suas preocupações".

Este conceito existencialista de artista é assinado por Koellreutter no artigo "Música Brasileira", colocando Santoro e Peixe numa posição que, realmente, não correspondia às lutas que, então, os dodecafonistas brasileiros realizavam na defesa dessa ilusória e exdrúxula estética. O mesmíssimo trecho foi ainda publicado na revista "Leitura", do Rio de Janeiro, em junho de 1944 — revista, aliás, onde muitas vezes eram publicados trechos copiados de um e de outro autor e depois repetidos abundantemente.

Daniel-Lesur prossegue: "Apesar da diversidade das tendências pessoais, esses compositores parecem participar, todos, de uma das duas grandes correntes de que falamos acima".

Koellreutter: "Apesar da diversidade das tendências pessoais, Cláudio Santoro e Guerra Peixe parecem participar, ambos, da criação de uma nova linguagem sonora, trazendo algo de realmente novo e decisivo para a música brasileira".

Ora, professor Koellreutter, o que há de "decisivo" no dodecafonismo dos brasileiros? Entretanto, o que me parece certo é que nós não nos envergonhávamos de ser simples copistas dos grandes dodecafonistas europeus.

Mário de Andrade redigiu o prefácio à biografia do compositor Schosakovich, cujo trabalho (5) contém o seguinte: "Embora toda obra-de-arte tenha, quer queira, quer não, uma base política, os compositores do nosso mundo burguês, dificilmente podem perceber isso, encurralados no esteticismo pelas classes a que servem".

Koellreutter escreve em "Arte Funcional", publicado na revista "Música Viva" n. 16, à coluna 3: "E é nesse sentido que não pode haver obra de arte sem conteúdo ideológico, uma verdade que os compositores, estetas e musicólogos do

nosso mundo tardam a compreender encurralados num esteticismo condicionado às exigências das classes a que servem".

Aliás, neste assunto Koellreutter tem suficiente experiência, à serviço da burguesia...

Voltando a Lopes Graça, é interessante que eu transcreva aqui mais alguns trechos referentes a Schoenberg, escritos à página 70 do seu livro "Música e Músicos Modernos": "A sua arte é certamente difícil. Soberbamente intelectualista — o que me não parece de todo criminoso, porquanto intelectualismo não significa de modo algum cerebralismo estéril e pedante". E mais adiante: "A seu caráter especulativo afasta mesmo aqueles músicos e críticos cultos que, embora reconhecendo o imenso talento e engenhosidade de Schoenberg, o queriam, contudo, menos intelectual". Ainda: "Mas um artista é o que é, e não aquilo que os outros entendem que ele devia ser. A questão é ele saber defender superiormente aquilo que é, e persistir tenazmente no que é. Se, em última análise, o valor de um artista reside aí: na realização cabal dos seus desígnios e na constância no seu ideal — devemos reconhecer que Schoenberg", etc., etc..

Koellreutter, quando cronista musical da revista "Leitura" publicou o seguinte, sobre Guerra Peixe e a sua "Música" para violino e piano, executada na série "Música de Câmara das Américas", na Escola Nacional de Música, do Rio de Janeiro, em dezembro de 1945: "A arte do brasileiro Guerra Peixe é certamente difícil. Voluntariamente hermética e soberbamente intelectualista no mais elevado sentido — porque intelectualismo não significa de modo algum cerebralismo estéril e pedante — é mal compreendida e afasta mesmo aqueles músicos e críticos cultos que, embora reconhecendo o talento do autor, o queriam contudo menos abstrato, mais realista, menos intelectual. Mas um verdadeiro artista é o que é, e não aquilo que os outros entendem que ele devia ser. A questão é ele defender superiormente aquilo que é e persistir tenazmente no que é. O valor de um artista reside, em grande parte, no seu caráter, na realização cabal dos seus desígnios e na constância no seu ideal".

Eis uma enorme mentira quando Koellreutter afirma que a arte de Guerra Peixe é "voluntariamente hermética". Dodecafonista, eu sempre e sempre me debati pela simplificação da linguagem, afim de torná-la... comunicativa!...

E' curioso notar como algumas idéias expressas pelo grande musicólogo e compositor português, Fernando Lopes Graça, são totalmente distorcidas pelo músico dodecafonista Hans Joachim Koellreutter e adaptadas a uma condição histórica tão diferente!... E na maioria das vezes com o fito de colocar em evidência os compositores dodecafonistas brasileiros e achincalhar com o esforço honesto de numerosos autores brasileiros de tendência necessariamente nacionalista. Esquece o leader dodecafonista que o nacionalismo musical é um estágio imprescindível à todos os países que pretendem criar a sua própria escola, nacionalismo de que nem mesmo a Alemanha escapou — apesar da opinião em contrário dos homens de mentalidade cosmopolitalizada. E, diga-se de passagem, nestes assuntos não me parece o professor Koellreutter estar bem enfronhado, mesmo em relação ao seu país de origem...

O dodecafonista Koellreutter publicou um artigo em "Intercâmbio" (6) onde se lê: "Não compreendo o atraso da música brasileira, espírito reacionário e conservador dos seus músicos", etc.. Eis aí uma coisa muito esquisita: O professor não compreende o nosso atraso musical, vivendo há tantos anos no Brasil. Mas é que os brasileiros não são muito propensos aos avanços como os do professor Koellreutter... nas obras alheias.

Agora, resta-me perguntar a Koellreutter: — E' nessa escola assim tão avançada que tem formado os seus últimos alunos, desde que Cláudio Santoro, Eunice Catunda e eu abandonamos o formalismo dodecafônico? Que ismo é esse?...

Convido o professor Hans Joachim Koellreutter se pronunciar sobre o que aqui está escrito.

(4) Lopes Graça se refere à "Técnica dos doze sons", que consiste num processo de organização formal, e cuja finalidade principal é estruturar a música atonal garantindo-lhe, melhor, a essência da atonalidade.

(5) Mário de Andrade: "Prefácio" de Shostakovich, de Victor Serof, tradução de Guilherme Figueiredo, Edições O Cruzeiro S. A., Rio, 1945.

(6) H. J. Koellreutter: A Propósito da 1.ª Bienal, "Carta a um jovem músico", in Intercâmbio, ano 9, julho-setembro, São Paulo, 1951.

O papel da coletividade na educação

MARIA GUERRA

Quando falamos em coletividade, tratando das ideias educacionais de Makarenko, devemos considerar o termo com maior e menor extensão. Teremos no primeiro caso o próprio Estado Soviético e no segundo, o grupo particular dentro do qual a criança é educada.

Como os métodos educacionais são função das exigências do regime social, a própria existência do Estado Soviético vai determinar os padrões gerais necessários à formação do cidadão socialista.

De qualquer maneira, nas grandes e nas pequenas coisas, é a necessidade de todos que deve determinar a conduta de cada um e o indivíduo poderá pertencer ao grupo apenas enquanto corresponder às exigências deste.

Assim, o cidadão soviético tem sua vida regulada pela constituição stalinista, que representa as exigências coletivas frente ao indivíduo e lhe determina os direitos.

Assim também a criança, membro de uma determinada coletividade, deve se subordinar às leis, normas e exigências desta. Tais leis, normas e exigências não são dogmas morais pré-estabelecidos e decorrem da necessidade de auto-preservação existente em qualquer coletividade.

As normas morais não precedem pois a criação da coletividade, como a constituição stalinista não precedeu a criação do Estado Soviético.

No início da sua atividade na Colônia Gorki, Makarenko e um grupo de colonistas colaboravam na guarda de uma floresta próxima da Colônia e que era visitada por ladrões. Certo dia eles apanharam em flagrante de delito um «kulak» da redondeza que derrubava uma árvore. Comentando o caso e descrevendo o entusiasmo com que os colonistas julgaram e condenaram o criminoso ao confisco da serra com que «trabalhava», Makarenko diz: «Não tanto as convicções morais ou a indignação diante do que acontecia, quanto o próprio processo desta luta interessante e ativa deu origem às primeiras manifestações do tom coletivo.»

A observação do gosto que os garotos revelavam por estas audaciosas aventuras cheias de ação, levou Makarenko a se lançar de todo o coração aos exercícios militares, seguindo, possivelmente, como ele mesmo diz, um desconhecido «instinto pedagógico».

A «militarização» dos educandos foi uma das primeiras tradições da coletividade, tanto na «Colônia Gorki» como na «Comuna Dzerjinski».

Evidentemente esta tradição não deixou de ser visada pela cólera dos educadores do «sotsvos»: Makarenko quer transformar a sua colônia num quartel — diziam eles. Porém Makarenko nunca se cansou de elogiar o papel desempenhado pela organização de tipo militar na formação dos belos caracteres produzidos pelas instituições que dirigiu.

A criança gosta da disciplina — esta afirmação poderá parecer herética a muitos, principalmente aos adeptos da Escola Nova, mas corresponde à verdade.

As crianças indisciplinadas, os meninos com os quais «nada se pode fazer» e que os psicólogos chamam de crianças-problema, são geralmente aquelas que nunca tiveram a oportunidade de conhecer a verdadeira disciplina e o que é ainda «mais gostoso», a disciplina imposta por uma coletividade de crianças em que cada qual terá a oportunidade de ser o comandante e o comandado. Era exatamente isto o que acontecia nas comunidades dirigidas por Makarenko.

Não existem «crianças-problema» em coletividades sadias.

Segundo Makarenko os requisitos necessários à constituição de tais coletividades são: a disciplina, o estilo ou «tom», a tradição e a noção de perspectiva.

O PROBLEMA DA DISCIPLINA

Makarenko declara textualmente: «Eu não sei educar sem castigos» (é preciso notar que tais castigos, em hipótese alguma, podem ser corporais), «a arte de educar sem castigos deveria ainda ser-me ensinada.» (Poema Pedagógico)

No seu informe sobre a disciplina, apresentado a um congresso de educadores, diz: «Eu me permito fazer certas afirmações, para mim indubitáveis, que acentuam o seguinte: enquanto ainda não se criou a coletividade e os órgãos desta coletividade, enquanto ainda não existem tradições e não se formaram os hábitos de vida e de trabalho mais primários, o educador tem o direito e mesmo o dever de não se recusar a exercer a imposição.»

Depois de constituída, a coletividade saberá exercer as suas funções e impôr sanções melhor do que qualquer autoridade individual altamente colocada.

Devemos notar ainda que «toda medida disciplinar só é eficiente quando chega a segregar o indivíduo das fileiras dos outros e é apoiada de maneira insofismável pela opinião pública.» (Poema Pedagógico)

Colocado o problema desta maneira, podemos concluir imediatamente que a primeira tarefa do educador, ao qual se entrega um grupo de crianças, consiste na sua organização numa coletividade ativa e esta então será o órgão de responsabilidade, impondo deveres e sanções em defesa dos seus interesses de auto-preservação. Nascerá então o código de moral da coletividade.

A base teórica das ideias de Makarenko sobre a disciplina se encontra na fórmula de Lenin «disciplina consciente», que consiste em afirmar que a disciplina deve ser acompanhada da compreensão da sua necessidade, obrigatoriedade e do seu sentido de classe para a preservação de determinados valores.

«Defendendo-se contra todas as manifestações do egoísmo individual, a coletividade defende cada indivíduo e lhe garante as mais favoráveis condições de desenvolvimento. As exigências da coletividade são particularmente educativas em relação àqueles que participam da exigência. Neste caso o — ele não é mais o objeto da influência pedagógica e sim o indivíduo aparece numa nova posição dentro da educação seu portador, o sujeito. Porém ele se torna sujeito dentro do processo, apenas ao exprimir os interesses de toda a coletividade.» (Os Pedagogos dão de ombros)

Evidentemente, este papel ativo do indivíduo dentro do processo educacional só é possível dentro de uma coletividade já organizada, com suas normas e tradições.

O ESTILO E O «TOM»

Makarenko considera estes dois elementos como os mais importantes e vitais para o processo educacional. Eles porém são ignorados ou menosprezados pelas teorias pedagógicas burguesas.

«O estilo é a coisa mais delicada e facilmente deteriorável que conheço. Ele deve receber cuidados diários. O estilo se forma muito lentamente porque ele é impossível sem o armazenamento de tradições, isto é, de atitudes e hábitos aceitos, já não pela consciência pura, mas, pelo respeito consciente à experiência das gerações anteriores, à grande autoridade de uma coletividade existente no tempo.» (Poema Pedagógico).

Todo educador que se deu ao trabalho de observar crianças vivas, sejam elas seus próprios filhos ou seus alunos, sabe o quanto elas amam as tradições, mesmo as frequentemente horríveis tradições das escolas burguesas. Esta sua inclinação, bem como o seu natural amor à disciplina, devem ser aproveitados num bom sentido, apesar das divagações teóricas dos educadores que porventura ainda estejam apaixonados pelo «homem natural».

Para quem conhece a vida soviética, é muito familiar este apego às tradições da coletividade. Os membros de um mesmo grupo — operários de uma usina, crianças de uma escola, membros de um kolkós — se acham ligados por uma série de feitos do passado desta usina, escola ou kolkós, feitos estes que constituem um incentivo a novas conquistas, a novas realizações.

A menina que estuda na escola de Zoia Kosmodemianskaia tem a consciência da necessidade de manter bem alto o nome

da escola porque esta formou uma heroína. Cada operário da usina Kirov se sente responsável pela usina no seu conjunto. O mesmo acontece com os membros de qualquer grupo, mesmo que este ainda não tenha adquirido grande evidência.

Esta responsabilidade do indivíduo pelo coletivo só é possível quando ao coletivo se atribui um valor que tem raízes no passado e necessidade de persistir para o futuro.

As tradições, na sociedade soviética, são dadas às crianças e aos jovens principalmente pelas organizações de pioneiros e pelo Komsomol e são levadas pelos seus membros aos outros grupos a que pertencem: escolas, laboratórios, oficinas, originando o estilo e o «tom» que caracterizam a juventude soviética — a fé ardente no futuro, o respeito aos verdadeiros valores do passado, o heroísmo, a força de vontade, a disciplina e a alegria de viver.

O PROBLEMA DA PERSPECTIVA

Chegamos assim ao problema da perspectiva. «O verdadeiro estímulo para a vida são as alegrias do amanhã» (Poema Pedagógico). Bem dizia Lenin que o verdadeiro marxista não se deve recusar a sonhar com os olhos abertos pois tais sonhos, quando convenientemente condimentados com persistência e vontade de trabalho, conduzem às grandes descobertas e à melhoria do dia de amanhã. Exatamente por isto o socialismo foi sempre o sonho da humanidade, hoje vida real.

Dentro do processo educacional esta «alegria do amanhã» tem uma grande importância. «Inicialmente devemos organizar a própria alegria, torná-la real. Depois será preciso transformar decididamente as formas mais simples de alegria em formas mais complexas e de maior significação humana. Aqui passa um caminho muito interessante que vai da satisfação primitiva causada por um pão de mel até o mais profundo sentimento do dever» (Poema Pedagógico).

O problema das relações entre o dever e o prêmio pelo dever cumprido encontrou na sociedade soviética uma solução sobejamente conhecida. Quem ignora a existência de títulos, condecorações, prêmios em espécie, inscrições em quadros de honra, que na vida soviética se destinam a servir de recompensa àqueles que cumprem o seu dever tanto no campo de batalha como no campo do trabalho pacífico?

O conceito de dever, considerado pelos educadores do «sotsvos» como uma «categoria burguesa», se origina das tradições. A noção do dever, como todas as outras normas mo-

rais, decorre pois, não da verborragia de pregadores de ideais mas das exigências da vida real.

Tomemos um exemplo dado por Makarenko: Um novato, recém-chegado à Comuna, declara que não quer fazer um determinado trabalho, que este trabalho não é interessante.

«Esta «criança» recebe uma resposta severa (dos companheiros — M. G.): Você quer que nós convidemos a orquestra? Você está com vontade de ouvir música?

Onde você estava quando nós construímos as oficinas e trabalhamos no pesado? Pensa que isto foi muito interessante?

Pode ser que você também não ache interessante limpar as privadas? Neste ponto o novo comunardo começa a perceber a coisa.» (Poema Pedagógico).

«A coletividade exige do indivíduo uma contribuição determinada para o cofre coletivo da vida de trabalho.» (Poema Pedagógico).

«Os comunardos têm em relação ao dever, uma atitude simples e decidida: é a posição natural do proletário em relação à sua classe» (Os pedagogos dão de ombros).

Finalizando, «educar um homem é educar nele o senso do caminho em perspectiva pelo qual se distribui a sua alegria de amanhã» (Poema Pedagógico). Naturalmente uma tal caracterização da educação só tem sentido dentro da sociedade socialista.

E' evidente, por outro lado, que o homem, em qualquer sociedade, terá valor diferente conforme as perspectivas com que se satisfizer. Quanto menos extensas e mais pessoais forem, menor o valor do indivíduo para a coletividade, quanto mais extensas e menos egoístas, tanto maior o valor do indivíduo.

«Quanto mais ampla fôr a coletividade cujas perspectivas são aceitas pelo indivíduo como perspectivas pessoais, tanto mais belo e elevado é o indivíduo.» (Poema Pedagógico).

A um grupo de garotos, vítimas da educação «sotsvosiana», que foram entregues aos cuidados de Makarenko, são lidas pelos veteranos as cartas que Gorki dirigiu à Colônia e que aí são guardadas como relíquias. A leitura destas cartas, que testemunham a confiança do grande escritor na coletividade gorkoviana, constitui um marco decisivo no processo de reeducação dos novatos. Eles sentiram — na expressão de um deles — que deveriam «trabalhar, trabalhar de maneira diferente...» E comenta Makarenko: «Neste momento, eles viram diante de si a mais alegre das perspectivas: o valor da pessoa humana» (Poema Pedagógico).



Com a reforma agrária na República Popular Chinesa, o nível de vida camponeses teve um notável progresso. No clichê uma camponesa e seu filho com os novos trajes que a reforma agrária lhes permitiu adquirir. E como estão felizes!

NOTAS E NOTÍCIAS

O ACÓRDO MILITAR BRASIL-ESTADOS UNIDOS.

Pesa sobre o povo brasileiro a ameaça de ver sua mocidade transformada em carne de canhão para morrer na Coréia ou em qualquer outra parte do mundo, de acordo com a vontade dos imperialistas norte-americanos. Essa ameaça esta consubstanciada no Acôrdo de Assistencia Militar Brasil-Estados Unidos que transita atualmente na Camara Federal e que, se aprovado, abrirá as portas de nosso país definitivamente à pilhagem sistematica dos trustes e monopólios ianques, esfacelará nossa indústria, privar-nos-á da pouca liberdade de comércio que ainda nos resta, transformará nossas Fôrças Armadas em polichenelos dos generais da peste, desencandeará no país a maior onda de perseguições, opressão e terror contra os patriotas e democratas, rebaixará ainda mais o nível de vida da classe operária que já é miseravel no Brasil, tudo isso para atrelar, definitivamente nosso país ao carro de guerra do imperialismo e sacrificar criminosamente o sangue de nossa juventude.

Contra êsse acôrdo infame, porém, ergue-se o povo, erguem-se os patriotas brasileiros, instituições culturais, esportivas, sindicais, parlamentares e militares, juizes e escritores e, em vigorosas manifestações, traduzem a determinação de impedir que o acôrdo da subserviencia suprema seja aprovado. O deputado Artur Bernardes, na Camara Federal, teve oportunidade de escarpelar com ardor patriótico, o conteúdo do Acôrdo Militar, mostrando o que significaria sua aprovação. Inúmeros outros parlamentares, como o General Lima Figueiredo, deputados Helio Cabal, Bilac Pinto, Aliomar Baleeiro, Vieira Lins, Tarclio Vieira de Melo, todos têm se manifestado vigorosamente contra o acôrdo infame. Além dêsses parlamentares outras personalidades têm se manifestado contra o acôrdo, entre elas

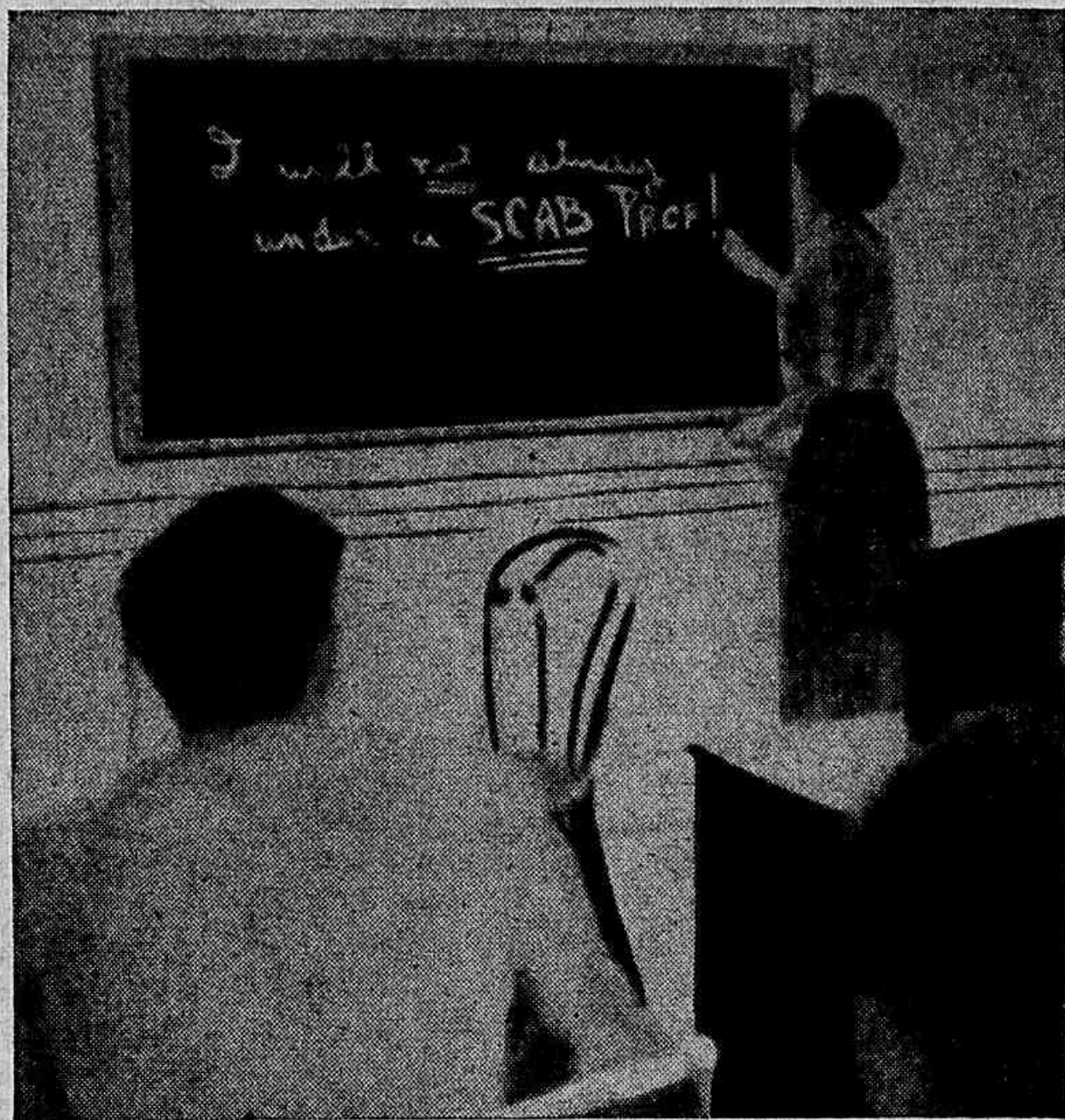
o próprio ex-Ministro da Guerra de Vargas, General Estilac Leal que protestou contra o fato de quererem dar-lhe a paternidade do parto monstruoso. Outros militares, como o General Buxbaum e o Coronel Aviadôr Sá e Benevides têm, igualmente, tomado posição ao lado do povo contra o tratado infame. Camaras de vereadores já expressaram também, coletivamente, suas posições de repúdio ao documento.

O povo brasileiro, na sua totalidade, ergue-se contra essa ignomínia de um governo vendido aos traficantes de guerra e que não se envergonha de, conspirando nossas gloriosas tradições que nos vêm dos Balaios e dos Farrapos, dos Inconfidentes Baianos e Mineiros, da luta contra os holandeses e pela abolição, querer entregar nosso país a uma nação que nos explora e oprime bestialmente. Tomando em suas mãos a bandeira de luta que nos foi legada pelos nossos heróis e martires, demonstrando um odio sagrado contra os ladroes de nossa soberania, contra Vargas e seus lacaios, demonstrando seu ardente amor à Paz e defendendo nossa tradição de povo pacifico e as proprias vidas de centenas de milhares de jovens brasileiros, nosso povo através de abaixo-assinados, comissões, protestos, telegramas e memoriais, enviados à Camara Federal, tem feito sentir ao governo sua determinação inquebrantavel de derrotar definitivamente o Acôrdo Militar.

Aos escritores, artistas e intelectuais em geral cabe um papel importantissimo nessa luta que é também pela própria sobrevivência de nossa cultura nacional, de nossas tradições culturais, do nosso legado clássico de beleza e criação, de nosso patrimonio histórico e científico que está ameaçado de ser substituido pela cultura que endeusa o superman de Gibi, Seleções e tôdas as ignóbeis publicações, instituições, pessoas ou obras que exaltam a perversão sexual, o

crime, o preconceito racial, o homossexualismo, a prostituição, o linchamento, o gangsterismo e a corrupção política e apresentam essa podridão como forma perfeita da sociedade. Nessa batalha decisiva para nosso destino ao lado do povo,

os intelectuais participam ativamente, confiantes de que, assim como expulsamos de nosso solo os franceses, holandeses e portugueses, expulsaremos os imperialistas e americanos e derrotaremos o acôrdo infame. C. M.



Não aceitarei um professor imposto, escreve o jovem estudante americana, cujo legítimo mestre foi afastado por lutar pela Paz.

ATENTADO A LIBERDADE DE IMPRENSA!

O grande movimento de solidariedade que envolveu Elias Chaves Neto, culminou com sua libertação após quase um ano de prisão. As acusações que lhe foram assacadas resultaram inexistentes e, diante da prova contundente da inocência do bravo jornalista, viu-se obrigado o Tribunal Militar a absolvê-lo e aos demais redatores do «Hoje», com exceção de Francisco de Paula Campos de Oliveira, a quem foi imposta uma iníqua condenação de 3 anos de cárcere.

A condenação de Campos Oliveira reveste os mesmos característicos de ilegalidade que o encarceramento de Elias Chaves Neto. Primeiro, porque o jornal «Hoje», ao fazer a

divulgação da noticia referida em nossa edição anterior, nenhum crime cometeu. E, em segundo lugar, porque Oliveira era apenas redator do jornal, sem qualquer responsabilidade de direção.

Assim, a condenação de Oliveira não passa de mais uma ilegalidade, de mais um atentado contra a liberdade de imprensa.

«Fundamentos» solidariza-se com o bravo jornalista e apela para seus leitores, para as entidades jornalísticas e sindicais, no sentido de que seja realizado um amplo movimento de solidariedade, capaz de anular a condenação de Francisco de Paula Campos de Oliveira.

LIVROS E REVISTAS

UMA QUE FOI GRANDE REVISTA

A **Revista do Clube Militar** deixou de ser aquela vibrante publicação que grangeara a simpatia do povo pela sua desassombrada atitude em defesa da mocidade brasileira que não quer morrer na Coréia e em defesa de nossas reservas de petróleo e de minérios estratégicos.

Grande ajuda foi dada por esse periódico das forças armadas, no esclarecimento de problemas vitais de nossa independência nacional e do bem estar pacífico de nosso povo, diante das manobras de envolvimento guerreiro e de dominação das riquezas brasileiras por parte dos fomentadores de guerra e magnatas norte-americanos.

O grande debate em torno da preservação da vida de nossos jovens soldados, contra a sua remessa para os campos de batalha da Coréia ou para qualquer outra parte do mundo, em torno das garantias dos nossos minérios estratégicos e de nosso petróleo, coibidos pelos trustes ianques, contou com uma vibrante atuação patriótica das colunas da **Revista do Clube Militar**, que correspondia a uma atitude de vigorosa vigilância em favor dos interesses nacionais, conforme o clima salutar que então reinava dentro do Clube Militar.

Mas o Clube foi alvo da cobiça daqueles que se tornaram sustentáculos de uma política de submissão nacional aos interesses norte-americanos de entrega de nosso petróleo a Standard Oil, de concordância com os planos guerreiros dos generais do Pentágono e de participação de tropas brasileiras nas operações de agressão contra o povo coreano. Essa mudança radical, com a entrada de outros homens que agora dirigem o Clube Militar se refletiu imediatamente na ela entrasse na linha da ela entresse na linha da colaboração de toda a imprensa sadia, refletindo com isto o sentido reacionário dos que teimam em contrariar a vontade de todo o povo brasileiro.

O número 122 da **Revista do Clube Militar**, que agora temos em mãos, é exemplo lamentável dessa

reacionária reviravolta. O petróleo, por exemplo, é alvo de um magudo artigo de caráter aparentemente técnico, que procura estudar a história das perfurações e das sondagens, para finalmente concluir que a extração é muito difícil, problemática e sobretudo cara, a requerer montanhas de dinheiro. Seu objetivo é então convencer que quem não dispõe de muito dinheiro não pode se dar ao luxo de tentar obter petróleo por conta própria e nisto então vai uma quase direta insinuação ao povo brasileiro, deixando entender que no caso seria melhor entregar o petróleo a quem pode, certamente à Standard Oil. Por aí se vê a linha maliciosa do entreguismo.

Vem depois outro trabalho longo e exaustivo sobre «O Conceito Atual da Guerra, sua Preparação e a Educação», em que se procura incutir no povo, especialmente na infância, um sentimento guerreiro que aberrar de toda tradição nacional. As palavras de incentivo ao ardor belicoso são de quem deseja transformar nossa Pátria num campo de batalha permanente. Para isto seu autor vai buscar as tenebrosas idéias correntes na época do Estado Novo, para lançar as suas recomendações que visam exumar as rançosas teorias do general Dutra que, quando ministro da Guerra, preconizava aos professores primários «impressionar a criança, incutindo-lhe no subconsciente por uma ação contínua, frequente e intensa a necessidade de uma disciplina social e consciente, afim de se habituar a viver dentro de um espírito de ordem, de justiça e de obediência objetiva e de habitua-la a encarar a necessidade de defesa do Brasil e de segurança do Estado como um imperativo da segurança da sua própria pessoa, de sua família e da coletividade brasileira».

Era a aceitação do Estado Novo, a segurança desse triste e sanguinário Estado Novo, que visava o então braço direito de Getúlio Vargas. Hoje procuram alimentar as mesmas idéias monstruosas que no interesse da política das classes dominantes, dos imperialistas e de

seus agentes no país, se destinam a convencer os moços da inexorabilidade da guerra, da dominação imperialista e da submissão à mais torpe exploração.

Triste destino é o que coube agora à outrora combativa e patriótica **Revista do Clube Militar**.

«LA NOUVELLE CRITIQUE» — N. 39 — Setembro/Outubro de 1952.

A conhecida «revista do marxismo militante», entre uma série de artigos de grande atualidade, traz dois trabalhos que assumem grande importância.

No primeiro, intitulado «Problemas da Cultura», Palmiro Togliatti, faz uma análise dos problemas fundamentais da cultura italiana, em uma intervenção na «Comissão Nacional de Cultura do Partido Comunista Italiano».

Situa como duas as tarefas fundamentais do movimento cultural italiano: organizar a luta do partido

marxista no domínio das idéias e criar uma frente cultural progressista, isto é, a «colaboração entre homens de cultura para atingir determinados objetivos, que interessem a toda a Nação».

Constatando a existência de uma crise que «se manifesta com maior ou menor gravidade, e sob formas diversas, em quase todos os domínios da atividade cultural, da pesquisa científica à pesquisa filosófica e histórica, da criação artística à crítica», aponta Togliatti os meios necessários à superação dessa crise, onde devem os comunistas desempenhar uma atividade de vanguarda.

Mostrando a tradição cultural italiana e a necessidade de se criar uma «cultura socialista italiana», que, até o presente momento não existe, indica o líder italiano as características dessa cultura que deve ser «socialista no seu conteúdo, mas nacional na sua forma». E, assim, aponta como tarefa fundamental na criação dessa cultura



A polícia de Bonn prende um estudante por se haver manifestado pela paz e a unificação da Alemanha

ra a luta contra o cosmopolitismo imperialista e clerical e, ainda, a pesquisa aprofundada dos elementos da cultura italiana.

Seria errado pensar — continua — que numa sociedade dividida em classes e dominada por grupos reacionários, fôsse a cultura, necessariamente, um conjunto de elementos reacionários, pois a cultura é sempre uma arena imensa onde se travam lutas encarniçadas entre o novo e o velho, entre o que brota da alma popular e o que procura impedir a libertação das antigas opressões, dos temores e superstições.

Destaca, então, o papel progressista que desempenharam no desenvolvimento cultural italiano, Giordano Bruno e Galileu, Francesco de Sanctis e Labriola, bem como Antônio Gramsci, o fundador do Partido Comunista Italiano.

Jean Kanapa, escrevendo sobre «J.-P. Sartre, os comunistas e a paz», começa por destacar o grande significado das posições tomadas pelo conhecido escritor existencialista, que, francamente, reconhece o papel fundamental que tem tido a União Soviética na defesa e manutenção da Paz e denuncia a política de guerra dos Estados Unidos. Esclarece ainda Kanappa que a nova posição de Sartre mostra aquilo que os partidários da Paz vêm, constantemente, afirmando, isto é, quaisquer que sejam as divergências ideológicas é sempre possível a união na base de problemas concretos como é por exemplo o da Paz.

Crítica, porém, algumas formulações de Sartre, principalmente as referentes às relações anglo-franco-moscovitas, antes da 2ª Guerra Mundial, bem como o alegado «alinhamento» da política dos comunistas pela política do Estado Soviético. Quanto à primeira formulação apela para os conhecimentos que Sartre deve ter da história contemporânea, ressaltando a responsabilidade total dos dirigentes ingleses e franceses, que, representando seus países, se achavam em negociações em Moscou, nada tendo oferecido de concreto, sendo portanto os responsáveis pelo fracasso das negociações. A respeito da segunda formulação, mostra, com as palavras de Stálin pronunciadas quando da ex-

tinção da Internacional Comunista, que não existe qualquer dependência, qualquer alinhamento dos Partidos Comunistas pela política do Estado Soviético. E diz textualmente: «O proletário comunista se acha indefectivelmente ligado à União Soviética porque ela é a realização de sua esperança socialista, porque ela é uma democracia dum tipo superior e, enfim, acabado, porque ela quer efetivamente a paz e «o prova a cada dia».

NUESTRO TIEMPO

(Revista mensal) — Santiago do Chile — Agosto de 1952 — nº 17 — Diretor: Ruben Sotocomi — Administrador: Victor Guerrero — Enderço: Casilla 3981 — Santiago.

Excelente revista chilena que se dedica ao estudo de problemas e à divulgação de documentos internacionais. Neste número, além de secções variadas, como a «Crônica do Mês» e «História da América», são publicados artigos e comentários de grande interesse e atualidade. Entre estes convém destacar um resumo do Projeto de Lei de Reforma Agrária apresentado pela Presidência da República ao Congresso Nacional da Guatemala. (Esse resumo foi publicado no n. 30 de «Fundamentos»). Antes de apresentar o resumo do Projeto, a redação de «Nuestro Tiempo» tece os seguintes comentários: «Guatemala, o pequeno país da América Central, cujo governo é hoje um oásis anti-imperialista entre os governos «entreguistas» da América, iniciará em breve o mais audacioso plano de transformação econômica até hoje ensaiado no continente: a Reforma Agrária (sômente no México, em menor escala, foi intentado algo semelhante). A Reforma Agrária é hoje uma aspiração cardeal dos povos ao sul do Rio Grande, pois ela constitui o instrumento chave para a transformação de suas economias semi-coloniais, baseadas num regime agrário semi-feudal». O presente número de «Nuestro Tiempo» publica ainda: notícias sobre a tradução do «Canto General» de Neruda para o húngaro, co-

mentários sobre a crise Argentina. Essa crise é atribuída a dois fatores principais: 1º) o Governo Argentino acorrentou o país ao mundo imperialista, que descarrega sobre os países atrasados e dependentes as consequências econômicas da crise, e 2º) O Governo peronista deixou intacta a estrutura econômica, social, oligárquica, latifundiária e semi-feudal. Outras matérias de grande interesse: «Os Russos», por Boris Po-

levoi, autor de «Um homem de verdade»; «A Nova Economia Hungara», por Romo; «A União Sul-Africana, paraíso fascista», e «Ferro Velho», conto do escritor cubano Onelio Jorge Cardoso, premiado no concurso patrocinado pela Iª Conferência Municipal da Paz, de Havana, Cuba. O número 17 de «Nuestro Tiempo» poderá ser consultado por nossos amigos e leitores na Biblioteca de «Fundamentos».

CORRESPONDÊNCIA

PAOLO PESCETTI — U.I.E. — Praga — Sentimo-nos contentes em saber que a U.I.E. recebe com regularidade a nossa revista; nós também temos recebido regularmente as publicações da U. I. E., que nos têm sido de muita utilidade.

JULIO H. MEIRAMA — Entre Rios (Argentina) — Recebemos e agradecemos o livro «Son Poemas» mandado pelo amigo; muito interessantes os poemas e esperamos aproveitar algo dessa obra num dos próximos números da revista.

PROF. PINTO FERREIRA — Recife — Mandamos pelo reembolso postal dois volumes encadernados, contendo o primeiro os números 1 a 10, e o segundo os números 11 a 20; mandamos

ainda as revistas de numero 21 a 26, conforme pedido feito por V. S.

Agradecemos o interesse que vem demonstrando por nossa revista.

R. GIORGIEVA — Comité d'Amitié et de Relations Culturelles avec l'Etranger (Republica Popular da Búlgaria) — Sofia.

É com satisfação que lemos as referências elogiosas que a senhora faz a «vuestra simpática revista Fundamentos», assim como as homenagens que rende «a lo hombres de cultura de San Pablo que colaboram y con sus esfuerzos editan Fundamentos».

Os colaboradores de Fundamentos agradecem suas palavras; continuaremos a enviar regularmente a revista.

Quem é o agressor

12 — DOMINGO — O candidato presidencial, General Luis Norton de Matos, declarou em conferência à imprensa em Lisboa, que estava certo de sua vitória eleitoral por grande maioria de votos, desde que as eleições de fevereiro próximo fossem livres. — O Governo da Coreia Meridional, aprovado pelas Nações Unidas, anunciou que usará a força se necessário for, para colocar a Coreia do Norte sob o seu controle, assim que as tropas de ocupação soviéticas se retirarem da metade setentrional do país. — Anunciou-se que três grandes potências ocidentais estão preparadas para reiniciar negociações com a União Soviética sobre o tratado de paz austriaco. — Soube-se que o governo teria concordado, em princípio, com a nomeação do Marechal Montgomery para o comando das forças americanas de ocupação na Alemanha, na eventualidade de um conflito com o Oriente. — Segundo notícias procedentes de Guayaquil foi descoberto no Equador um «complot» revolucionário, sendo realizadas prisões de várias pessoas acusadas de terem tentado, embora sem êxito, obter o concurso do exército para derrubar o governo.	destintados 21 — T da Indonésia lheiros de cas holand pediu ao G da Holanda A delegaçã rou que a reocupada mento. — canos info vestigação seu relatór Guerra da própria, e quênios, e Segundo, e e invasora da Costa R 22 — QU da Indonésia a "qua" lar a lut sequências que ordena das cond
23 — SEGUNDA-FEIRA — O Conselho de Segurança das Nações Unidas adiou, até amanhã, sua reunião de emergência para discutir a situação na Indonésia por estarem ausentes três de seus onze membros. — União Soviética, Ucrânia e Colômbia. — A Holanda enviou an	

Publicado na revista «Eu Sei Tudo», fevereiro de 1949

DIEGO PIRES DE CAMPOS

No momento em que o povo brasileiro, por tôdas suas camadas, se ergue como um só homem em defesa da soberania nacional, quando os intelectuais honestos se unem, em defesa de uma cultura nacional, livre do cosmopolitismo, quando mais próxima é a perspectiva da vitória, desaparece Diego Pires de Campos.

Desde a juventude foi poeta e poeta versos o drama de sua gente, a grande luta de sua Pátria. Nós, de "Fundamentos" que tivemos a ventura de o ter entre nossos colaboradores, sentimos, como poucos, a sua falta. Choramos o amigo morto, como o choram os portuários de Santos, os feirantes de São Vicente, todos aqueles que Diego, de forma tão combativa, representou na Câmara Municipal de São Vicente.

Cantando em seus versos os homens simples de sua terra, fazendo de sua pena uma arma contra os que pretendem derramar em terras estranhas o sangue de nossa juventude, Diego se tornou um exemplo, e, ao descer seu corpo à terra, cerca por todos aqueles que acompanharam sua trajetória de lutas, ele se tornava um símbolo, símbolo do intelectual fiel ao povo, símbolo do poeta de novo tipo, que se bateu bravamente pela felicidade de sua gente, pela preservação da Paz.

ATUALIDADES FRANCESAS

- Literatura
 - Artes
 - Albuns de reproduções
 - Dicionários
 - Revistas
 - Jornais
-
- Serviço de Reembolso postal

LIVRARIA FRANCESA

Sociedade de Intercâmbio Franco-Brasileiro Ltda.

SÃO PAULO

275, Rua Barão de Itapetininga
Telefone 36-6091 — Caixa Postal: 5728 — End. Tel.
"INFRABRAS"

RIO DE JANEIRO

54-A, Av. Presidente Antônio Carlos — Telefones 42-4847 e 42-8829 — End. Telegr.
"FRANLIVRO"

EL SOLDADO MIGUEL PAZ Y EL SARGENTO JOSÉ INÉS

(cont. da pag. 23)

Calló de pronto el sargento,
mas al verle se dería
que tras la frente sombría
se le oía el pensamiento.
Luego prosiguió: —Lamento
saber que gente de tropa
deja aquí sin pan ni ropa
al hombre del barracón,
por un trago de mal ron
y un plato de mala sopa.

Olvidan muchos soldados
que ellos del pueblo han venido;
ya pagarán ese olvido
con ser también olvidados.
A una espuela o a los dados
no pocos su vida entregan;
denuncian, matan y pegan
por orden del superior,
sin darse cuenta, eu su error,
de que con pólvora juegan.

Y hay sargentos de alma cruel
y corazón infernal,
reyezuelos del central,
siempre vomitando hiel.
A latigazos la piel
arrancan a quien los reta,
si por retar se interpreta
pedir, el que la trabaja,
la plata de su mortaja,
de su copa o su receta.

Es oportuno aclarar
(y así lo aclaro y lo digo)
que hay mucho soldado amigo
en quien se puede confiar.
Se cuidan bien de insultar
la miseria y su dolor;
saben que un mundo mejor
está al pobre reservado,
ya sea un pobre soldado
o un pobre trabajador.

Pero ese mundo, consuelo
del que a la tierra se aferra,
debes buscarlo en la tierra,
no es necesario ir al cielo.
Detrás del enorme velo
que las estrellas esconden,
no se saben cómo y dónde
puede la gente yantar:
te cansas de preguntar,
pero nadie te responde.

El rico, cuyo trabajo
en no trabajar estriba,
deja para el pobre, arriba,
todo lo que él tiene abajo.
El mérito no rebajo
de esta invención placentera,
mas sin embargo, quisiera
que me pudieran decir
dónde está para subir
allá arriba la escalera.

Si la vida conocida
es esta de que te hablo,
no esperes morir, que diablo,
para vivir mejor vida.
Cuando el rico te convida
es porque así le conviene,
y si en vez de darte, viene
sólo a pedirte paciencia,
es porque tiene conciencia
de que conciencia no tiene.

Cada vez más ancha vemos
la senda que transitamos;
si andando nos ayudamos
más temprano llegaremos.
Hombro con hombro avencemos
muy despierta la mirada,
la intención muy afilada,
muy abierto el corazón,
muy clara nuestra canción
y la voz muy levantada.

El montuno y el obrero
(digo el campo y la ciudad)
están en pie de igualdad,
ni segundo ni primero.
Y si el indio lastimero
partió con su caracol,
hijos son de un mismo sol
y darse deben la mano,
el nieto del africano
y el nieto del español.

Ten la mirada despierta
(siguió el sargento explicando)
nada se pierde mirando,
mucho gana el que está alerta.
El futuro es una puerta
por la cual sólo se cabe
si el que quiere abrirla sabe
encontrar la cerradura
y en ésta con mano dura
a tiempo mete la llave.

Muy afilada ha de estar
nuestra intención, camarada;
ha de estar tan afilada
que pueda el aire cortar.
Nunca debes olvidar
que el enemigo vigila
y que cuando más tranquila
su voz te busca y te nombra,
es cuando hundido en la sombra
el hacha más presto afila.

Del pecho muy levantada
la voz alza en tu derecho
pues voz que sale del pecho
es siempre voz respetada.
El gritar no vale nada
si es que gritas por gritar;
mas bien te puede pasar
que ronco quedes, mi amigo,
y así, mi amigo, te digo
que nadie te va a escuchar.

Aquí el sargento calló
y con acento sincero
sólo añadió: — compañero
esto es lo que pienso yo.
En silencio continuo
algún tiempo todavía,
pero bien se le veía
en la luz de la mirada
la voluntad bien templada,
en alma noble y bravia.

Con la emoción que sentí
también en silencio estuve,
pero cuando un rato anduve
se entabló un diálogo así:
— Te agradezo desde aquí
(y me toqué el corazón)
toda la buena intención
con que me has aconsejado...
El respondió apresurado:
— No más te di mi opinión.

— Una opinión — contesté —
que a pensar hondo convida:
¡sargento, toda la vida
tu opinión recordaré!
Por lo que opinas se ve
que junto a mi marcharás;
el camino por que vas
entronca con mi destino...
El preguntó: — Que camino-
Y yo respondí: — PAZ!

* INDICADOR PROFISSIONAL *

ADVOGADOS

● AVLAD MARTINS FERRAZ
Rua Anchieta, 34 — Sobreloja
Fone 33.79.29

● RIO BRANCO PARANHOS
● AGENOR BARRETO PARENTE
Praça da Sé, 371 — 10.º — sala 1014
Fone 32.37.68

● LAZARO MARIA DA SILVA
Rua Quirino de Andrade, 219 — 2.º
— sala 24
Fone 32.33.57

● MARIA APARECIDA DE FARIA
PACHECO
Praça da Sé, 313 — 3.º andar — sala 29
Fone 33.33.31

● CELIO MANSO VIEIRA
● ALBERTO MAURO CONTADOR
Rua da Liberdade, 21 — 3.º andar —
sala 306

● RAUL DUARTE AZEVEDO
● CICERO SILVEIRA VIANA
Rua Xavier de Toledo, 99 — 3.º andar
Fone 36.12.36

● RAIMUNDO PASCOAL BARBOSA
Avenida 9 de Julho, 40 — 5.º andar —
sala 5S

● HOLANDO NOIR TAVELLA
Rua Senador Feijó, 69 — 5.º andar —
sala 51

● MAURICIO DE OLIVEIRA
Rua Senador Paulo Egídio, 34 — 3.º
andar
Fone 32.63.33

● ALTIVO OVANDO
Sua Silveira Martins, 70 — 8.º — salas
802/803
Fone 35.49.66

● ITURBIDES BOLIVAR DE AL-
MEIDA SERRA
Rua Benjamin Constant, 23 — 1.º andar
— Salas 1 e 2.
Fone 32.85.68

MÉDICOS

● DR. ANTONIO BRANCO LEFE-
VRE
Moléstias Nervosas
Rua Marconi 94 — 9. Andar Tel. 36.60.73

● DR. CELSO PEREIRA DA SILVA
Radiologista
Rua Barão de Itapetininga, 50
1.º Andar — Sala 113 — Tel.
Tel. 34-4301

● DR. ALVARO DE FARIA
Molestias pulmonares e do coração
RAIOS X — Eletrocardiografia
Das 15 horas em diante
Rua Benjamin Constant, 61 — Fo-
ne: 32-1350

● DR. JAYME ABOVSKY
Membro correspondente da Sociedade
Brasileira de Saúde Pública. Clínica de
Crianças
Rua Cons. Crispiniano, 53 11.º Andar —
Conjunto 112 — Tel. 36-0577



LOJA DO LIVRO ITALIANO

RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 140 — LOJA 4
FONE: 34-0739 — SÃO PAULO — CAIXA POSTAL, 2.113

★
TODAS AS REVISTAS ITALIANAS

Assinaturas e vendas avulsas

Livros técnicos, literários, de arte e ciências aplicadas

★
CINEMA, TEATRO, ARQUITETURA

Secção do artesanato italiano — Remessas pelo reembolso postal

A opinião de Bruno Giorgi

FERNANDO PEDREIRA

Encontramos Bruno Giorgi em seu atelier da rua Iguatemi. É uma rústica construção de madeira que ergue os seus dois andares no terreno de uma velha garagem. Bem ao lado, no rés-do-chão, trabalha o pintor Zanini agora também ceramista de sucesso.

— Nos dias quentes é uma estufa — queixa-se Bruno — mas é amplo e sossegado e um partido não pode esperar muito mais do que isso nos dias que correm... A maioria dos escultores consegue viver da própria profissão, e até enriquecer, mas desde que renuncie a qualquer aspiração artística.

E sugere:

— A meu ver, uma solução compatível com o estado atual da sociedade e com a dignidade do artista-escultor seria uma lei que estabelecesse a reserva obrigatória, nas verbas para construção de edifícios públicos, de uma percentagem para o seu embelezamento. Libertando assim os escultores da tirania dos particulares, ir-se-ia formando o terreno propício ao desenvolvimento da arte autêntica.

Trabalhador incansável, Bruno Giorgi fala com o jeito calmo e seguro de quem domina o seu assunto. E, enquanto fala, percorre com o olhar o mundo de figuras que surgiu das suas mãos.

— O imperativo categórico da arte é a sua integração no momento histórico em que vive. Quanto à compreensão que lhe é dispensada, cabe a elite, aos intelectuais, esclarecer o público. No fundo, a arte é uma linguagem universal assimilável por um processo semelhante ao de alfabetização.

Adversário do abstracionismo e de todo este esteticismo muito em voga nas rodas mundanas — "o abstracionismo reflete o vazio de uma classe em decadência", costuma repetir — Bruno Giorgi não admite, por outro lado, nenhuma concessão que vise o sucesso fácil. Sua arte atual, muito depurada (cada vez mais distante de um certo sensualismo "mestiço" que o encantou em determinado período) é o resultado de uma preocupação apaixonada pela qualidade técnica e formal da escultura.

— Tenho pelo povo uma consideração por demais elevada para amesquizar os seus dramas e as suas aspirações reduzindo a escultura, como meio de expressão, ao nível da demagogia barata. Ser digno dos ideais que surgem livremente, dos anseios humanos, eis a constante e os objetivos que tenho buscado sempre em minha arte.

Bruno Giorgi julga com severidade a arte brasileira contemporânea. Elogia Renato Gottuso, o mestre do realismo italiano, fala dos grandes problemas do mundo dos nossos dias, da

ameaça de guerra, do esforço dos povos pela paz, e conclui:

— Salvo as exceções, como os *programs* e os campos de concentração de Segall e pouca coisa mais, são lamentáveis as tentativas feitas para representar plasticamente o atual drama da humanidade. É isto por falta de capacidade artística.

Alguém lembra a enorme força de humanização de que dispõem os grandes perigos. E cita a posição de Sartre que se uniu entusiasticamente aos organizadores do Congresso dos Povos pela Paz, ao lado de Matisse, Aragon e tantos outros. Bruno Giorgi responde:

— Cada um tem sua maneira peculiar de sentir e de exprimir os problemas que lhe são apresentados. E este é o ponto-chave da sensibilidade artística. Por isso é que, em frente de um dilema tão dramático (paz ou guerra) homens de pensamento de linhas quase opostas, chegam a uma mesma resultante.

E, lembrando a participação humana destes e de outros intelectuais que, no passado, tiveram papel preponderante nas lutas de seu tempo:

— Aliás, a arte sempre apresenta um lado polémico vivo. Além das claras figurações heroicas no combate pela formação de determinados ideais, a arte sempre criticou de maneira às vezes sutil, às vezes violenta, os homens e as idéias de seu tempo. Sem dúvida nenhuma, o papel da arte é de grande eficácia na luta contra a estagnação e o conformismo em todos os setores.

Como artista, como profissional da sua arte, Bruno Giorgi preocupa-se seriamente com o problema. Discute as possibilidades da escultura, arte que pela grandiosidade que lhe é inerente, pela severidade que exigem os próprios materiais que emprega, não suporta o

vulgar. E fala da sua experiência pessoal:

— Nunca fui um acadêmico no sentido rígido do termo. Sofri as influências típicas da época e fui me libertando das que hoje reputo incompatíveis com a estrutura social de nosso tempo. Na medida em que tomei consciência da inutilidade de certas maneiras escolásticas de figuração, pude realizar a minha personalidade artística. A linha ascendente deste processo pode ser medida em relação à constante procura de uma densidade formal que pudesse exprimir concreta e dignamente os problemas, os pensamentos, as situações da nossa época.

Perguntamos então como considerava o problema de caráter nacional da escultura e quais dos seus trabalhos julgava mais importantes neste sentido.

— De maneira geral, empresto maior significação às produções em que procurei superar formas realçadas. Mas a verdade é que, para mim é difícil indicar as esculturas mais significativas em minha obra, pois sempre me apaixono pelo último trabalho... Não creio que se possa falar de uma escultura ou pintura tipicamente brasileira. O Aletjadinho é um caso isolado de uma forte personalidade que assimilou o barroco europeu e não deixou escola; os vários Meirelles, Almeida Junior, etc., foram buscar na França o que havia de pior na pintura de 800. Os "primitivos" se parecem todos, variando apenas nos temas. Portanto carecemos plasticamente de uma tradição autêntica, o que pode vir a ser uma felicidade. Atualmente existe um grupo de artistas que, apesar das dificuldades, procura adquirir uma consciência profissional que é o sedimento de toda formação cultural. Esta é a contribuição mais característica das nossas artes plásticas.

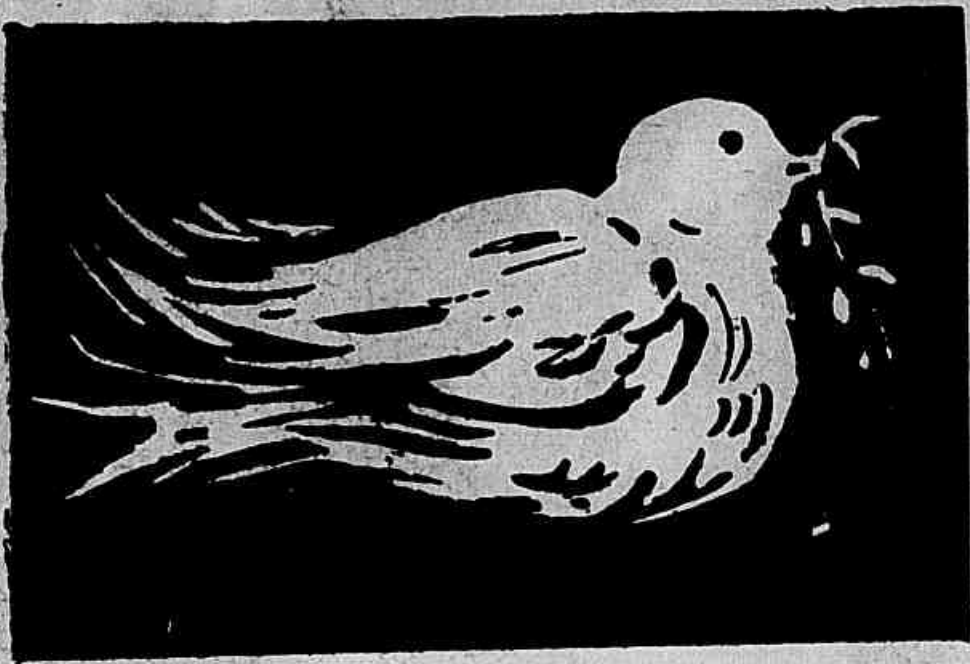


Bruno Giorgi trabalhando

O QUE EU VI EM VIENA - E' A PAZ



JEAN-PAUL SARTRE



Jean Paul Sartre, escritor francês de grande fama em todo mundo participou como delegado de seu país, do Congresso dos Povos pela Paz, realizado na cidade de Viena, capital da Austria, em dezembro de 1952. De regresso à sua patria, Sartre prestou seu depoimento franco, sincero, vigoroso, a respeito do memorável certame mundial. Neste suplemento, FUNDAMENTOS divulga as notas do escritor francês, por ele usadas para um discurso proferido em Paris. Juntamente com esse notável trabalho de Sartre nossa revista divulga os documentos aprovados pelo Congresso dos Povos pela Paz, compreendendo o APELO, as RECOMENDAÇÕES, a MENSAGEM AOS GOVERNOS DAS CINCO POTENCIAS, bem como as RESOLUÇÕES DOS 103 ESCRITORES presentes ao Congresso.

O QUE EU VI EM

Intervenção de JEAN-PAUL SARTRE pronunciada no Velódromo de Inverno, em Paris, no curso de uma reunião em que falaram sobre o Congresso dos Povos pela Paz, personalidades que haviam estado presentes em Viena. O texto do qual nos servimos para esta tradução, publicado em «Les Lettres Françaises», é a exata reprodução do manuscrito de Sartre, escrito para ser lido e não para ser impresso, conforme frisa o jornal francês a pedido do autor

Muitos dentre nós, eram delegados de grupos, de profissões, de organizações. Estes têm contas a prestar aos seus mandantes.

De minha parte, não fui delegado de ninguém e, entretanto, na qualidade de escritor, parece-me que há pessoas às quais devo o meu testemunho.

Àqueles que **como eu** não são membros do Movimento da Paz.

Mas que **como eu** pensam que é preciso tudo fazer para impedir a guerra.

E que, no entanto, não foram ao Congresso de Viena.

E' a eles que me dirijo, mais ainda do que aos meus camaradas do Movimento da Paz, pois é a eles que é necessário convencer.

Por que razão não foram a Viena?

O programa do Movimento da Paz os assustava? Achavam insuficientes as garantias oferecidas por Joliot-Curie? Não, nem mesmo isso.

Mas o rádio e os jornais lhes haviam inoculado a **desconfiança**. Durante meses, tinham sido **trabalhados**; a desconfiança entrava-lhes pelos olhos e pelos ouvidos em todas as horas do dia.

E eu pensei: se eles soubessem o que foi o Congresso de Viena, viriam a nós; mas não o sabem, e se nós não lhes dizemos, eles não o saberão jámais porque a imprensa os **mistifica**.

O sistema é muito simples:

1) Cada vez que um jornal conservador comenta uma resolução ou uma proposição do Movimento, traduz a palavra paz pela palavra guerra, em virtude do seguinte raciocínio: não há outra paz senão a que os americanos impõem pela superioridade das suas armas atômicas.

Toda proposição tendente a refrear a corrida armamentista ou a preparar o de-

sarmamento é pois contra a paz americana.

E' portanto uma proposição de guerra.

O Movimento da Paz quer ganhar os espíritos para a causa da paz. Na linguagem da imprensa reacionária, traduz-se: desmoralizar as populações para que os exércitos soviéticos nos vençam mais facilmente.

Etc., etc..

2) Cada vez que um jornal conservador comenta uma resolução ou uma proposição do Movimento, traduz as palavras **oferta** ou **proposta** ou **compromisso**, pela palavra **manobras**; se descreve um congresso ou uma manifestação, afirma que se desenvolveram **segundo um roteiro preestabelecido, uma comédia bem representada**.

Decorre daí, naturalmente, que as manifestações em questão «jámais trarão qualquer coisa de novo».

3) Em particular, a imprensa persegue um objetivo preciso: isolar o Partido Comunista e a classe operária do restante do país. Não pode pois suportar a idéia de que uma aliança se possa estabelecer sobre este ou aquele ponto — por exemplo, pela defesa da paz ou das liberdades — entre o proletariado, o Partido Comunista e outras camadas da população.

Quando o Movimento da Paz concebeu esta idéia **realmente nova** e que teria que provocar o entusiasmo de muitos e a curiosidade de todos: reunir em Viena pessoas de todas as opiniões e de todas as tendências, ligadas simplesmente pela vontade comum de paz, a imprensa conservadora criou para si mesma, de imediato, **uma palavra de ordem**:

Declarar que o Congresso de Viena não apresentava nada de novo em relação ao Congresso de Varsóvia.

O Congresso de Varsóvia representou uma formação mais estreita: o Movimento da Paz. Este Movimento, vós sabeis, com-

VIENA - E' A PAZ

preende comunistas, mas não-comunistas também. Na época de Varsóvia, a imprensa executou uma primeira operação: considerou desprezíveis os não-comunistas e reduziu o Movimento apenas aos comunistas. Depois do que, declarou estes últimos sob as ordens de Moscou. Assim, após esta elegante «neutralização» de vários milhões de homens, o que restava em Varsóvia? simplesmente a delegação soviética.

Desta vez, uma manobra a mais devia ser feita: pois se um número muito grande de convidados não pertenciam nem ao Partido Comunista nem ao Movimento da Paz, era preciso «atomizar» os recém-vindos.

Inúmeros processos.

1) Negar pura e simplesmente a sua existência.

Diz-se que há, mas certamente não haverá.

2) Atacá-los diretamente:

Ou são **tolos**, manobrados pelo Partido Comunista, e que se fará falar apenas o bastante para dar crédito à independência do Congresso;

Ou são **maus**, guiados pelo interesse ou levados pelo medo.

Por exemplo, o Sr. Penchenier, do «Le Monde», escreve: «O sr. Sartre que crê ou finje crer que não há senão uma minoria de comunistas nas delegações...»

Podeis vêr, deixam-me a escolha.

Ou eu creio: e sou um imbecil;

Ou eu finjo: e sou desonesto.

3) Transformá-los em abstração.

Dizeis a um jornalista de direita: havia lá um verdadeiro leque de opiniões. Ele sorri.

Dizeis: Sim! havia radicais. Ele sorri e levanta os ombros:

E' claro, os radicais «de serviço».

Havia socialistas do Partido Socialista.

Ele ri:

Há **sempre** socialistas nestas grandes máquinas...

Mas havia padres.

Sim, sim. E, **bem entendido**, o arcebispo de Cantuária.

Por que «bem entendido? Porque, enfim, não é assim tão natural, ao meu vêr, que um arcebispo inglês se encontre em Viena num Congresso dos Povos. Mas, compreendi: ele esteve em Varsóvia. Então, **bem entendido**...

O radical não é mais radical.

O socialista não é mais socialista.

O arcebispo não é mais arcebispo.

Assim, pois, tinha-se reduzido o Movimento da Paz em Varsovia apenas à delegação soviética.

Em Viena também os «convidados» são reduzidos. Encontram-se por toda parte os Soviets, como vêdes.

Dou um primeiro testemunho: os homens que encontrei em Viena podiam ser falsos radicais, mas eram homens verdadeiros que sabiam o que queriam, homens vivos, jamais homens manobrados.

Bem. Mas apesar de tudo, os meus amigos sabiam perfeitamente que eu não era o escritor «de serviço»; e me conheciam. Que me diziam, então?

Que eu ficaria sozinho.

Que não seria livre.

Que seria envolvido.

Digo-vos isso porque imagino a mesma pressão amigável sendo exercida sobre pessoas que talvez tivessem vindo.

Diziam-me: lá estarão falsos radicais, falsos arcebispos, e você. E o que poderá você fazer contra todos? Far-lhe-ão asinar não importa o que, e mesmo, se você recusar, estará sozinho, e nunca fará mais do que a unanimidade menos um voto.

Eu dizia: e as garantias?

E eles punham-se a rir:

As garantias? Elas são bonitas demais, não poderão ser cumpridas.

Fala-se de levar em conta todas as opiniões, sem recorrer ao sistema do voto da maioria. E' muito bonito demais, e há a desordem.

E depois, cá entre nós, vai você levantar questões sobre o regimen interno da URSS e das democracias do Leste?

Eu respondia que não. Que não via motivo. Há, entre nós, um certo número de pessoas que imaginam que o único laço que poderíamos ter com a URSS seria criticar diante dos seus delegados o seu regimen interno. Confesso que se se procura conciliar os dois grandes regimens econômicos e sociais de hoje, deve-se aceitar o princípio de buscar o que aproxima e não o que separa, e jamais se imiscuir no regimen interno de cada país.

Sim, dizem eles. E depois, **sobretudo** não deixariam você falar.

Eis aí, desgraçadamente, a sua idéia essencial: eu partia para falar de compreen-

são mútua e eles negavam-se a me acompanhar porque pensavam não poder lançar a desordem na assembleia.

Você será envolvido, diziam. Far-lhe-ão votar textos bem disfarçados, você não perceberá, acreditará que se trate de coisas inocentes, e depois, de repente, você verá que assinou um papel comprometedor e será tarde demais.

Em suma, eles tinham medo. E eis porque vimos pessoas que há anos pregam a ruptura do Pacto do Atlântico, a organização econômica da Europa Ocidental, o reatamento de relações comerciais com o Leste e a reabilitação do Pacto franco-soviético, recusarem-se a ir a Viena, quando, precisamente ali, podia-se encontrar outros europeus e tratar com os representantes da URSS e dos países do Leste.

Numa palavra: parti coberto de recomendações. E juro-vos que teria preferido ser delegado de dez mil pessoas de acordo entre si, do que ser o portador de esperanças e temores contraditórios de gente medrosa que quer a paz sem ter ainda compreendido que é preciso fazê-la.

E cheguei a Viena. Ali começou para mim uma experiência extraordinária. Desde que tenho idade de homem, três foram os acontecimentos que fizeram bruscamente nascer em mim a esperança: a Frente Popular de 1936, a Libertação, em 1945, e o Congresso de Viena.

Desta experiência extraordinária eu poderia vos falar longamente mas desejo limitar-me a um dos seus aspectos. Li em Viena esta frase que um dos nossos ministros pronunciou durante um banquete de jornalistas: a Verdade deve ser a regra de ouro da imprensa. Ora, no mesmo momento eu vivia minuciosamente, e por assim dizer, de hora em hora, a experiência das mentiras da imprensa.

Mentiras sistemáticas, absurdas, desavergonhadas, tanto mais nauseantes para nós quanto nós viamos, todos os dias, os rostos dos que as fabricavam, os correspondentes.

Julgar-me-eis talvez ingênuo; mas há muito tempo que sei que esta imprensa mente. Acontece mesmo que se possa ler abertamente a verdade através das mentiras. Mas, mesmo revoltados, mesmo protestando, não estamos no lugar, não assistimos, por assim dizer, ao nascimento da mentira. O que chocava, em Viena, era o contraste com a confiança dos delegados, sua amizade de que tornarei a falar, uma espécie de juventude que havia em todos estes homens e em todas estas mulheres, a juventude dos que acreditam no que fazem.

Uma palavra sobre Viena, antes de mais nada: uma bela cidade morta, de ruas desertas. A imprensa francesa: «O Congresso se desenrolou em meio à indiferença geral».

Indiferença geral? E essa Marcha da Paz que se realizou no terceiro dia?

Bah! Eram comunistas.

Talvez. Mas se os demais não apareceram foi porque — esqueceis de dizê-lo — a imprensa vienense sem uma exceção — sem falar nos jornais do Partido Comunista — não fez uma alusão sequer ao Congresso.

Vós me compreendeis: havia lá dois mil homens que representavam várias centenas de milhões de outros. Havia dezenas, vintenas de cientistas, de homens políticos, de artistas que Viena, em outros momentos, se orgulharia de receber; havia o conjunto mais pitoresco de costumes e de linguas. Nem uma palavra; nem uma linha sequer em qualquer jornal. O pequeno empregado vienense que lê uma folha social-democrata e que habita um bairro da periferia, pôde ignorar totalmente a existência do Congresso. Lembro-vos que a Austria é um país democrático-burguês, ocupado nos três quartos do seu território pelos exércitos das democracias burguesas, e que o princípio mais querido dessas democracias é a liberdade de imprensa.

Mas, se o governo e os jornais nos ignoravam, o Partido Social Democrata não nos ignorava e fazia-nos enviar ao hotel cartas mimiografadas para explicar-nos que éramos uns ingênuos e para nos dar conselhos. Que vos parece esta luta tão franca e limpa: o Partido Social Democrata que esconde dos seus simpatizantes a nossa existência e que nos envia subrepticamente bilhetinhos de propaganda?

Aliás, como sabiam dos nossos nomes? E dos endereços? Isto me lembra de vos dizer que também a polícia não nos esquecia. Andou mesmo revistando os nossos quartos.

Entretanto, os correspondentes descreviam os primeiros dias do Congresso. Eis como o fazia o correspondente de «Le Monde»:

- 1) «Não muitos franceses».
- 2) Más linguas: 80 % de comunistas.
3. Tinham anunciado Leger, Vildrac, etc. Eles não vieram.

Assim, faz-se desaparecer o convidado «de serviço». Era um ardil de guerra. Aliás, ele não veio. Vêde Leger, Vildrac: eles compreenderam.

E, entretanto...

- 1) Duzentos membros da delegação francesa.

Três comboios.

Setenta membros da delegação soviética. Se houvesse um reparo a fazer à delegação francesa, seria antes o de ser numerosa demais.

- 2) Tinhamos já aprendido a nos conhecer.

Na delegação discutia-se livremente e

6 que se evidenciava de imediato era a enorme proporção de cristãos (pastores, curas, ou simplesmente fiéis). Não creio enganar-me dizendo que as proporções deviam ser invertidas;

Cinquenta por cento do Movimento da Paz, dos quais apenas vinte por cento de comunistas.

Cinquenta por cento de convidados de tendências diversas.

E se verificava logo que o falso radical, o radical «de serviço», era um verdadeiro radical que conservava os princípios radicais e que se orgulhava do seu partido; que os falsos padres eram verdadeiros padres. E que verdadeiramente o laço profundo entre todas as pessoas era a comum vontade de paz, isto é, a boa vontade.

3) Quanto à Leger e Vildrac, eis aqui: o correspondente de «Le Monde» veio sentar-se ao meu lado e cochichou-me ao ouvido. Entre nós.

(Por que entre nós já que eu era um ingênuo ou um traidor? Isto queria dizer «entre ingênuos» ou «entre traidores»?)

Entre nós, por que não veio Vildrac? E Leger?

Estávamos na sala de refeições. Apon-tei-lhe Leger e Vildrac que almoçavam juntos. Ele pareceu embaraçado. Eu lhe disse: «Com certeza, o senhor vai retificar?».

«Sim, disse ele. Sim, sim.»

Não é preciso dizer que até hoje se espera esta retificação.

E então, eu vos pergunto:

Quem são os ingênuos?

Nós, os radicais, os curas, os escritores «de serviço» que, assim parece, servimos a manobras escusas, ou os leitores de «Le Monde» que engolem tranquilamente mentiras semelhantes e continuam repetindo que «Le Monde» é um jornal objetivo?

Mas, no relato das primeiras sessões, os franceses foram derrotados aos pontos pelos ingleses e pelos alemães.

Um jornal inglês descreve a abertura do Congresso. Bem sabeis que todo mundo estava presente. Ora, o que dizem os ingleses?

«O sr. Joliot-Curie falou para as cadeiras vazias. Ninguém, do ocidente, tinha vindo a Viena; não havia senão delegados do Leste que preferiam trocar pernas nas grandes avenidas, olhando as vitrinas».

No segundo dia o chanceler Wirth falou. Pude ler, alguns dias mais tarde, num jornal alemão:

«O chanceler Wirth lamentou-se em seu discurso de não poder falar livremente. Era preciso apresentar os discursos com cinco horas de antecedência. Em princípio, para os tradutores, mas de fato, para que fossem submetidos à censura soviética».

Desgraçadamente, sei um pouco de

alemão e ouvi o chanceler Wirth e não a tradução francesa do seu discurso. Ele não fez, é claro, alusão à liberdade de palavra e como teria podido queixar-se se redigiu o seu discurso antes de chegar ao Congresso? Quanto aos discursos, nada sei em relação aos dos outros, mas o meu, eu o remeti uma hora antes de pronunciá-lo, e foi preciso traduzi-lo enquanto eu falava. Aliás, os tradutores procuraram, desde o segundo dia, abreviar o tempo de tradução e foi possível entregar os discursos apenas dez minutos antes de ocupar a tribuna.

Chego ao discurso de d'Astier e ao de Mme. Piaggio. Era, como sabeis, uma tarde de domingo; a imprensa falou aqui de «golpe teatral», de «surpresa», de «sensação». E já vi não poucas pessoas que me falam com um ar divertido do «trovejar sobre Viena» — mesmo pessoas que pensam exatamente como eu — simplesmente porque não podem chegar a desconfiar por completo dos jornais. Que quereis, são ingênuos demais.

Mas, eis aqui como as coisas aconteceram. Isto vos mostrará a atmosfera de Viena.

Sim, no começo a coisa não funcionou muito bem. Mas, sabeis por que? Estávamos sufocados pela nossa liberdade.

Havia-se prometido que todos que quizessem falariam.

Vinham pessoas com discursos já pronunciados há muito tempo. Eram inscristas: compreendeis o que havia de comovente nestas pessoas que vinham às vezes do fim do mundo e que sentiam ou faziam qualquer coisa sobre a paz e que haviam empreendido esta longa viagem para vir dizê-lo a outros homens. O Congresso podia recursar-lhes a palavra?

Apenas, os seus discursos — sempre interessantes — inspiravam-se em idéias e teorias muito diferentes, e como retomavam tudo do começo não se podia encontrar entre eles uma base de acôrdo. Depois de ter ouvido numa mesma tarde um gandhista, um deputado peronista e o escritor soviético Ehrenburg, tínhamos a impressão de que nos perdíamos. O que faltava era a discussão.

Os «convidados» queriam discutir, e tinham pressa.

Os comunistas e os dirigentes do Movimento queriam a discussão. Temiam ser criticados, mais tarde, por nos ter feito palrar como crianças durante oito dias para fazer-nos votar às pressas, no último dia, as moções e resoluções que quizessem.

Eis o que se passou então: posso contá-lo porque o acaso quiz que eu testemunhasse tudo.

1) Yves Farge no domingo, na hora do almoço, esteve nas salas de refeição do Kur-salon e consultou um por um todos os che-

fes de delegação, que lhe disseram a mesma coisa. Encontrou Pierre Cot que pensava do mesmo modo. Subiu, acompanhado de algumas pessoas, procurou Ehrenburg que por sua parte, já dizia a Chambrun que era necessário fazer alguma coisa. Passou à sala do Secretariado, onde estavam d'Astier, Casanova, o pastor Boce e mais alguns, e todos puzeram-se de acordo sobre o que era necessário fazer para virar o leme do barco: pedir aos próprios congressistas que temperassem a liberdade anárquica com um pouco de disciplina. E, enfim, foi d'Astier que se incumbiu do trabalho.

Assim, foi a vontade de **todo o Congresso**, Leste e Oeste, Asia, Africa, Europa e América, que se exprimiu pela voz de d'Astier. E o resultado de sua intervenção não foi a surpresa, mas o entusiasmo e uma tempestade de aplausos. O Congresso tomou **unanimemente e democraticamente** uma decisão. Foi assim que todos o sentimos e, devo dizer, foi a partir desse dia que o Congresso passou a ter inteira confiança em seus dirigentes e em si mesmo, que sentiu, de um golpe, que constituía um só corpo. Escutando d'Astier, o Congresso descobriu a realidade da sua vontade comum ou, se preferís, a sua **soberania**.

Houve quem escrevesse nos jornais que os congressistas eram manobrados. Mas não teriam a coragem de dizê-lo ao mais cético, ao mais desconfiado dentre eles. Até então o Congresso era um grupo de pessoas de boa vontade convidadas por um grande movimento e que procuravam se entender. Depois, o Congresso **éramos nós**; sentiamo-nos profunda e totalmente responsáveis perante o **mundo** porque havíamos adquirido a certeza de que ele seria exatamente aquilo que nós o fizéssemos.

Quanto à intervenção de Mme. Piaggio, são necessários também alguns reparos. Representante de um movimento católico italiano, ela declarou que não estaria jamais contra o Partido Comunista e que o seu movimento trabalhava, as mais das vezes, de acordo com o Partido Comunista. Mas, acrescentou ela, há nos jornais conservadores alegações que nos perturbam, e passou a formular algumas questões sobre o regime interior das democracias do Leste, sobre a situação dos religiosos da Asia e, por fim, quiz saber porque o compromisso indú tinha sido rejeitado na ONU por Vishinsky.

Ora, é necessário observar o seguinte:

1) Em relação ao terceiro quesito, o próprio Ehrenburg me disse que a delegação soviética desejava que o problema fosse levantado. «Será a base de uma discussão sólida», disse ele. Sabeis que, dois dias mais tarde, chineses e indús o discutiram.

2) Em relação aos outros quesitos, parece-me ainda hoje que eles não deviam ser abordados no quadro escolhido para a

discussão. Já disse porque.

Mas, quando Mme. Piaggio terminou a sua oração, os delegados aplaudiram-na de pé e longamente. Todos, inclusive os soviéticos e os chineses. Estariam de acordo? A maior parte, de nenhum modo. Mas tinham gostado do tom de sinceridade com que ela tinha exprimido os seus escrúpulos e, sobretudo, estavam satisfeitos porque este episódio mostraria aos povos que a discussão era inteiramente livre. Sabeis que muitos outros delegados levantaram problemas semelhantes. Isto não espantava ninguém, asseguro-vos. O Congresso sentia-se perfeitamente livre e nunca lhe pareceu que fosse preciso coragem para abordar esta ou aquela questão, em seu recinto. As pessoas que falavam, mesmo se tinham opinião diversa da nossa, mesmo se eram gandhistas, eram **nós**, sempre **nós**.

E o famoso «golpe teatral», a «sensação», só existiu para a nossa imprensa reacionária. Foram os nossos minúsculos caluniadores que receberam o choque: o estupor foi para eles. Acabaram enredados nas próprias mentiras. Completamente desarmado, um desses jovens espertos, tão manhosos, tão cheios de experiência, e que não se deixam enrolar, terminou por escrever no seu jornal que o Congresso era «bastante extraordinário».

Eu teria dito, simplesmente, «extraordinário». Pois o que vi em Viena, naquele enorme edifício azulado, não foi somente um Congresso, foi a paz. Não nos limitamos a fazer conhecida dos nossos governos a nossa vontade de paz, **fizemos a paz**. Realizamos uma **experiência única** de amizade entre os homens. Vietnamitas e franceses, chineses e americanos puderam encontrar-se, conversar, sorrir uns para os outros sem trair os seus países, sem esquecer as guerras em curso nem os sofrimentos dos povos. Se houve esperança em Viena, foi porque nós vimos o que a paz poderia ser e o que ela não tem sido: uma **concordia**.

Mas, enfim, para um correspondente do «Le Monde», «bastante extraordinário» já representa um belo esforço.

Não sei se haveis notado, mas a partir daí, os artigos sobre Viena se fizeram cada vez mais raros nos jornais. Havia mudado qualquer coisa!

E «Le Monde», justamente o «Le Monde» da tarde de ontem, apressou-se a reestabelecer a situação num editorial.

O Congresso de Viena? Pois bem, e então? Falou-se muito dele, é verdade; algumas pessoas mostraram independência; mas, finalmente, o que é que se fez? Votaram-se as moções soviéticas, tomaram-se resoluções muito vagas e conhecidas antecipadamente.

Eis aí a **pior das mentiras**. A que não faz referência aos fatos de detalhe, mas é a deformação do acontecimento inteiro.

1) Por que reduzir o Congresso às resoluções finais? Então não é nada este acordo que se realizou pouco a pouco e que se exprimiu no último dia num frêmito de entusiasmo? Então não é nada esta vontade consolidada de prosseguir na luta, esta consciência por assim dizer **mundial** que cada um tomou das suas responsabilidades? Não é nada esta experiência de unidade? De nada serve, para nós, o termos tomado contacto com as delegações soviética e chinesa? Serão perfeitamente inúteis estes encontros e estas discussões intensas que tiveram lugar entre vietnamitas e franceses, entre franceses e alemães, entre chineses e indus? E dos trabalhos das comissões, não se diz nada? E das recomendações votadas? Será que elas também não contam? Havia em nossa delegação membros hostis aos colonialismo e outros que o admitiam mesmo reprovando os abusos: então nada significa o fato de se terem posto de acordo sobre a necessidade de pôr fim às guerras coloniais em curso? E este imenso trabalho de **assimilação da paz mundial** que foi feito em oito dias e que nos torna hoje mais firmes e mais fortes, então isto também não é nada?

2) Quanto às resoluções em si mesmas, é verdade que nós poderíamos tê-las assinado desde o primeiro dia. Poderíamos tê-las assinado ainda em França, antes da partida. Mas o que prova isto? Que elas exprimem o ponto de vista soviético? Não, mas justamente que elas são amplamente humanas e que ninguém pode recusá-las se está de boa vontade. E se realmente representam o ponto de vista soviético — no que, com efeito, eu acredito — então, tanto melhor, porque isto prova que os soviéticos querem a **verdadeira paz**.

Dizeis que são vagas? E que não as compreendeis. Acreditais que a precisão é o estudo minucioso dos mapas pelos diplomatas. E nós não recusamos aos diplomatas o **direito** de regulamentar as questões **diplomáticas**. Mas aqui trata-se de coisa diferente, de verdades perfeitamente precisas, mas amplas e simples. De verdades não dos técnicos, mas do povo. Verdades que nascem da própria situação no pensamento dos que sofrem com ela, verdades que têm a espécie de simplicidade dos provérbios.

A «cessação do fogo»? Ah! dizem: regulemos primeiro a questão da troca de prisioneiros.

Mas não. Sois vós que estais errados. Antes de tudo, cessar o fogo.

Eis aí onde se exprime a maneira de pensar do povo: enquanto se luta, se luta; não se fala. Se quereis falar, cessai primeiro de lutar.

«Já fizemos isto e o resultado...»

Pois bem, dizem os povos, recomeçai.

Os Cinco Grandes falam todos de paz.

Muito bem! encostêmo-los ao muro: que eles se comprometam a não resolver jamais os seus problemas em curso pelas armas.

E' o pacto Briand-Kellog?

Não quero saber. Será sobretudo a primeira coisa **clara** a ser dita desde 1945. Isto quer dizer simplesmente: se quereis a paz, provai-o.

Dizeis: é ineficaz? A ONU não levará em conta? Sem dúvida é verdade. Mas não são os povos os culpados, é a ONU. E supõe que a URSS e a China se declarem prontas a assinar um pacto como esse, a evacuar os territórios que ocupam, etc; será crível que uma tal declaração não tenha efeito? Não esquecei que os americanos estão **talvez** prontos a responder à guerra com a guerra, mas que não estão preparados para responder aos gestos de paz: se amanhã a URSS evacuasse Berlim Oriental, a «réplica» não estaria pronta e os Aliados ficariam desamparados.

Infantilidade, diz-me o brilhante diretor de um jornal neutralista que tira 20.000 exemplares. Que me interessa que um sapateiro tcheco encontre um empregado dos correios siciliano? O que eu quero é que Schuman encontre Molotov. Isto sim, é **sério**.

Eu respondo: «E como obrigar o vosso Schuman a se encontrar com Molotov? Fazendo a greve da fome, como Gandhi? Como aplicar a vossa política neutralista se os povos não a reclamam, se o povo francês não se une em torno de algumas exigências simples? E como poderia o povo francês unir-se se vós e o vosso jornal vos fazeis o eco enfraquecido das calúnias difundidas pelos outros jornais?»

De minha parte, como disse, não posso fazer outra coisa senão dar o meu testemunho. Faço-o justamente **porque** não pertenço ao Movimento da Paz, **porque** não assinei o apelo de Stokolmo. Faço-o **por todos aqueles** que se parecem comigo e que não vieram a Viena; testemunho pois que o Congresso de Viena é e permanecerá, apesar das calúnias, um acontecimento **histórico**; testemunho que representantes de mais de 70 nações encontraram-se ali e confrontaram os seus pontos de vista não sómente com toda a liberdade, mas com toda a amizade; testemunho que estes representantes se separaram com a vontade de prosseguir em sua ação e com a esperança de levá-la a bom termo; testemunho que a paz, cujo primeiro germen eu vi, é alguma coisa mais do que uma simples ausência de guerra, e que poderia ser uma nova honra e um laço a mais entre os homens. O germen, nós o vimos em Viena; cabe a nós e a vós que não viestes mas que vireis no ano próximo, a Viena ou a qualquer outra parte, impedir que ele seja esmagado.

DOCUMENTOS APROVADOS NO CONGRESSO DOS POVOS PELA PAZ

realizado em Dezembro de 1952, na cidade de Viena,
com a presença de 1647 delegados de 70 países

MENSAGEM AOS GOVERNOS DAS CINCO GRANDES POTÊNCIAS

A necessidade de renunciar ao recurso à força como meio de solucionar os conflitos internacionais torna-se cada dia mais imperiosa.

Já seiscentos milhões de homens e mulheres de todos os países — em um compromisso pessoal expresso por sua assinatura — pediram às cinco grandes potências

negociar e concluir um pacto de paz.

Representantes de correntes de opinião de grande importância também manifestaram o desejo de que seja abandonado o recurso à força em proveito da negociação.

O Congresso dos Povos pela Paz, reunido em Viena a 12 de dezembro de 1952, fazendo-se intérprete da vontade da humanidade con-

vida solenemente os governos dos Estados Unidos, da U.R.S.S., da Republica Popular da China, da Grã-Bretanha e da França a iniciarem essa negociação, da qual depende a paz.

O acôrdo entre as cinco grandes potências e a conclusão do pacto de paz porão fim à tensão internacional e preservação de maiores desgraças o mundo.

Os povos o exigem.

RELAÇÃO DOS MEMBROS ENCARGADOS DE PÔR EM EXECUÇÃO AS DECISÕES DO CONGRESSO CONCERNENTES À MENSAGEM ÀS CINCO GRANDES POTÊNCIAS

General Buxbaum (Brasil), Ehrenburg (URSS), Pastor Endicott (Canadá), Yves Farge (França), Pastor Forbeck (Noruega), If-

tikhar Ud-In (Paquistão), Iwaszkiewicz (Polónia), General Jara (México), Joliot-Curie (França), Goro Hani (Japão), Kitchlew (In-

dia), Ma-yin-Chu (China), Mao-Dun (China), snra. Nabarawi (Egito), Pietro Nenni (Italia), Giuseppe Nitti (Italia), Tikhonov (URSS), Chanceler Width (Alemanha), Chariat Zade (Irã), Isabelle Blume (Belgica).

A esta relação, a Comissão da Presidência propôs acrescentar representantes da Grã-Bretanha, Estados Unidos e Africa, que serão designados posteriormente pelas delegações desses países. As pessoas nomeadas nesta lista têm plenos poderes para decidir das medidas a serem tomadas com o fim de assegurar o êxito da missão que o Congresso confiou.

APÊLO DO CONGRESSO DOS POVOS PELA PAZ

Ao tomar a iniciativa de realizar o Congresso dos Povos pela Paz, o Conselho Mundial da Paz demonstrou seu desejo de unir os nobres esforços dos diversos movimentos, organizações e correntes que, possuindo embora divergências sobre várias questões, aspiram pelo entendimento entre os povos e querem lutar em comum para impedir a guerra e construir a paz.

Uma discussão livre revelou a vontade unânime de pôr fim à po-

litica de força que trouxe aos povos grandes e que ameaça arrastar a humanidade à catástrofe.

Consideramos que não existem entre os Estados divergências que não possam resolver-se por meio de negociações.

Basta de destruir cidades e países, basta de acumular armas assassinas, basta de pregar o ódio e apelar para as guerras! E' agora a ocasião oportuna para discutir, e a ocasião própria para o enten-

dimento!

Dirigimo-nos aos governos das cinco grandes potências: os Estados Unidos, a União das Republicas Socialistas Soviéticas, a Grã-Bretanha, a Republica Popular da China e a França, das quais depende em larga medida a paz no mundo; concitamo-los a iniciar imediatamente negociações com o objetivo de concluir um Pacto de Paz.

Imensa responsabilidade recai sobre os governos das cinco gran-

des potências. Os povos aguardarão sua resposta. Os povos tudo farão para que prevaleça o espírito do entendimento.

Exigimos a cessação imediata de todas as hostilidades na Coreia. Enquanto as cidades se desmoronam, enquanto o sangue corre, não há possibilidade de entendimento. Desde que as hostilidades tenham cessado, as partes beligerantes chegarão mais facilmente a um acordo sobre as questões em litígio.

Estamos convictos de que nossa exigência imparcial, justa e humana terá o apoio de todos os homens de boa vontade.

Insistimos igualmente na cessação imediata das hostilidades no Viet-Nam, em Laos, no Camboja e na Malásia, e no respeito ao direito absoluto dos povos interessados na independência.

Exigimos que cesse a violência empregada para sufocar as legítimas aspirações nacionais de independência, como na Tunísia e em Marrocos.

O Congresso dos Povos pela Paz proclama o direito de todos os povos a disporem de si mesmos, e a escolherem seu modo de vida, sem nenhuma ingerência em seus negócios internos sejam quais forem os motivos invocados para justificá-la. A independência nacional de todos os Estados constitui a suprema garantia da paz.

Protestamos contra toda discriminação racial que, insultando a consciência humana, agrave os perigos de guerra.

Estamos certos de que os pactos militares, através dos quais o mais forte arrasta o mais fraco, e a presença em território nacional de bases e militares estrangeiros, constituem ameaça grave à segurança de um país, que pode ver-se levado à guerra, contra sua vontade. Consideramos que um Estado que não participa de uma

coalisão e não recebe tropas estrangeiras em seu território deve ser garantido contra a ameaça de uma agressão declarada ou latente.

Os dois braseiros da última guerra ameaçam transformar-se novamente em fogueira na Europa e na Ásia.

Entretanto, é possível e se deve chegar pelas negociações à solução pacífica dos problemas alemão e japonês. Pensamos ser necessário concluir, o mais breve, um tratado de paz com uma Alemanha unificada e democrática, excluída sua participação em uma aliança militar dirigida contra qualquer país, uma Alemanha onde não haverá lugar para o nazismo nem o militarismo, que fizeram a desgraça da Europa. Propomos seja concluído um tratado de paz com o Japão, que ponha termo à sua ocupação e permita ao povo japonês reingressar na comunidade das nações pacíficas. Pensamos ser necessário retomar as negociações do tratado de Estado sobre a Áustria, o qual libertaria este país da ocupação estrangeira.

Ouvimos os relatórios sobre o emprego da arma bacteriológica, feitos por eminentes especialistas, de diversos países, que estiveram na Coreia e na China. Profundamente emocionados por esses relatórios, exigimos de maneira categórica a interdição imediata da guerra biológica e a adesão de todos os Estados ao Protocolo de Genebra de 1925. As grandes realizações da ciência não devem ser um meio de destruir milhões de seres humanos sem defesa. Exigimos ao mesmo tempo a interdição absoluta das armas atômicas, químicas e outras armas de extermínio das populações civis.

Estigmatizamos os homens pouco clarividentes que pretendem que a corrida armamentista é capaz de reforçar a segurança dos Estados. Estamos certos de que a

corrida aos armamentos reforça, ao contrário, a ameaça a todos os Estados, grandes e pequenos.

Interpretes da vontade dos povos, insistimos na abertura imediata de negociações a respeito do desarmamento, que deve ser justo e não unilateral. Estamos convictos de que um controle internacional eficaz permitirá pôr em prática o desarmamento geral, simultâneo, progressivo e proporcional.

Apoiamos os votos dos representantes de todos os povos, que insistem no sentido de que as trocas de valores materiais e culturais sejam mais rapidamente reiniciadas entre os Estados. Os obstáculos ao comércio internacional, ao intercâmbio das realizações da ciência, da literatura e da arte prejudicam o bem-estar e o progresso da humanidade.

Pensamos que a Carta da ONU oferece garantias de segurança a todos os Estados do mundo, mas essa Carta está sendo violada em seu espírito e em seu texto. Insistimos em que a República Popular da China ocupe o lugar que lhe cabe na ONU. Insistimos, igualmente, na admissão dos 14 países que não podem, até o momento, fazer ouvir sua voz.

Insistimos, enfim, em que a ONU volte a ser o terreno de entendimento entre os governos e não frustre por mais tempo as esperanças que todos os povos do mundo nela haviam depositado.

Os povos, sejam quais forem seus regimes e seu ideal supremo, querem viver em paz. A guerra é odiada por todos os povos, a guerra lança sua sombra sobre todos os berços. Está dentro da capacidade dos povos mudar o curso dos acontecimentos, restituir aos homens a confiança na tranquilidade do amanhã.

Concitemos os povos do mundo inteiro a lutar pelo espírito de entendimento e negociações, pelo direito dos homens à paz!

RECOMENDAÇÕES ADOTADAS PELA COMISSÃO DO CONGRESSO DOS POVOS PELA PAZ ENCARRREGADA DE EXAMINAR OS PROBLEMAS QUE SE REFEREM À INDEPENDÊNCIA E À SEGURANÇA

A Comissão encarregada de examinar os problemas de independência e de segurança proclamam unanimemente que o respeito ao direito de cada povo à livre escolha de seu modo de vida, a salvaguarda da independência nacional, e a garantia de segurança de todos os países, — grandes e pequenos, aparecem cada vez mais com as condições essenciais para a manutenção da paz.

A segurança e a independência nacionais de um país não pode-

riam ser garantidas quando esse país é arrastado a um pacto contrário ao espírito da Carta da ONU e dirigido contra uma ou várias potências, quando tropas, bases ou comandos militares estrangeiros se instalam em seu território, o que poderia ter como consequência lançá-lo em uma guerra sem que seu povo e suas instituições legais hajam para isso dado seu consentimento.

A Comissão assinala, particularmente, o perigo que trarão para a

paz geral, os empreendimentos militares coloniais que, ao mesmo tempo que agravam a opressão dos povos subjugados, criam focos de guerra que ameaçam ampliar-se.

A segurança e a independência nacionais de todos os países, — grandes e pequenos, não poderiam ser asseguradas se o espírito de negociação não substituisse, em todas as circunstâncias, o recurso à força para a solução das divergências internacionais.

O reconhecimento desses princi-

plos deve encontrar sua expressão em um Pacto de Paz entre as 5 grandes potências, condição indispensável para que a ONU tenha de novo a função pacífica que os povos lhe atribuíram na Carta de São Francisco. Ele permitirá às Nações Unidas escutar a voz dos povos tanto pela participação dos legítimos representantes do grande povo chinês, como pela admissão dos 14 países aos quais a própria ONU reconheceu o direito de participação. Ele assegurará efetivamente aos povos a possibilidade de proclamar e de fazer prevalecer sua vontade de paz.

É à luz de tais princípios que a Comissão estudou os problemas que submete à atenção dos homens amantes da paz: a situação atual da Alemanha, da Austria, do Japão e dos países coloniais, semi-coloniais ou dependentes.

A Comissão, em primeiro lugar, tomou conhecimento das propostas feitas pela Conferência Internacional realizada em Berlim de 8 a 10 de novembro de 1952, a fim de propiciar um desenvolvimento sadio e pacífico da Alemanha, garantindo, também, a segurança de seus vizinhos.

A Comissão as aprova e reconhece como suas. Essas propostas correspondem à vontade de camadas, cada vez mais amplas, da opinião pública. No entanto, os governos ocidentais se esforçam por integrar rapidamente a Alemanha Ocidental no Dispositivo Atlântico. Daí resulta maior perigo de guerra. Mas, ao mesmo tempo, a pressão da opinião pública conseguiu retardar a ratificação dos Acórdos de Bonn e de Paris. Está no poder dos povos impedir definitivamente sua execução.

A Comissão apela, assim, para os povos visados por esses Acórdos no sentido de reunir suas forças, a fim de se oporem à sua ratificação pelos Paramentos, assim como impedir sua aplicação sob qualquer forma com que se apresente.

A Comissão apela para todos os outros povos no sentido de que denunciem tais acórdos e joguem na luta todo o peso de sua ação.

Ela conclama os povos a que unam suas forças para obter que os governos das 4 grandes potências — que disso foram incumbidos pelos Acordos de Potsdam e pela Carta da ONU — se reúnam, sem mais tarda rem uma Conferência encarregada de preparar, também com a participação dos alemães, o tratado de paz que deve consagrar a reunificação da Alemanha sob uma base democrática e pacífica, e solucionar todos os problemas dentro do espírito dos Acordos de Potsdam.

Esse tratado deverá devolver à Alemanha sua independência e o direito nacional de dispôr de si mesma. Por um tal tratado que obrigará a Alemanha, assim unificada e independente, a não to-

mar parte em nenhuma aliança que possa ser dirigida contra outro Estado, serão igualmente garantidos aos povos vizinhos da Alemanha a segurança, a integridade territorial e a independência.

A Comissão aprova mais particularmente sobre esse ponto a Resolução da Conferência de Berlim na qual se pede que nenhum poder seja entregue na Alemanha às forças nefastas e aos homens que, no passado, tanto mal já fizeram a esse país e ao mundo, e que seja interdita toda atividade militarista ou néo-hitleriana.

A Comissão aprova a declaração da delegação de toda a Alemanha à Conferência de Berlim, na qual proclama que «o povo alemão, em sua grande maioria, recusa, no interesse de sua existência e independência nacional participar de alianças militares e de pactos que poderiam servir ao preparo da guerra», e que «uma Alemanha reunificada e pacífica apoiará todas as medidas que visem ao desarmamento geral de todos os povos.

A Comissão opina igualmente no sentido de que tenham reinício, o mais rapidamente possível, entre as 4 grandes potências as negociações concernentes ao tratado com a Austria. Com exceção de alguns pontos, já existe um acôrdo sobre esse tratado em geral.

A Comissão apoia todos os esforços, sejam quais forem, que tenham como objetivo concluir rapidamente essas negociações, a fim de assegurar ao povo austriaco, com o término da ocupação, os direitos democráticos e independência de seu país.

A Comissão depois de estudar a Resolução sobre a questão japonesa adotada em Pequim no dia 12 de outubro de 1952, pela Conferência de Paz dos Países da Ásia e do Pacífico, a aprova e reconhece plenamente como sua. Os principais dispositivos dessa Resolução se apresentam da seguinte maneira:

1. Em face da tensão existente nas regiões da Ásia e do Pacífico, provocada pela conclusão ilegal do tratado em separado firmado em São Francisco com o Japão, todos os países interessados devem firmar com ele um tratado de paz de caráter geral, de conformidade com os princípios e o espírito da Declaração de Potsdam e dos outros acórdos internacionais relacionados com a questão japonesa.

2. É indispensável se opôr à remilitarização do Japão, pôr fim à mesma e dar maior apôio ao povo japonês em seus esforços para construir um Japão novo, independente, democrático, livre e pacífico.

3. Todas as tropas estrangeiras devem ser imediatamente retiradas do território japonês. Nenhuma potência estrangeira pode ser

autorizada a nele conservar bases militares. Nenhuma potência estrangeira pode ser autorizada a se imiscuir nos assuntos do Japão.

4. Devem ser afastadas as restrições impostas por todo governo estrangeiro ao comércio exterior do Japão, assim como à edificação pacífica da economia japonesa. Deve assegurar-se ao Japão a liberdade de manter relações comerciais normais com todos os países interessados á base da igualdade e das vantagens mútuas, a fim de que, assim, melhorem as condições de vida do povo japonês, que dia a dia se agravam.

Esse povo é hoje cada vez mais levado, contra sua vontade, a preparativos militares acelerados tendo em vista principalmente o emprêgo de seus soldados na frente coreana, o que traz como consequência golpes cada dia mais graves à sua independência nacional e o risco da guerra generalizada.

Ao mesmo tempo, porém, a Conferência de Pequim deu um impulso considerável à causa da Paz nessa parte do mundo.

No que concerne aos países coloniais, semi-coloniais e dependentes, a Comissão constatou os seguintes pontos de acordo:

1. A política de preparação para a guerra, que ameaça levar os países coloniais e dependentes a um conflito generalizado, já teve como consequência o aumento da opressão colonial e da intervenção estrangeira, o que constitui a negação do direito dos povos a sua independência e à sua segurança.

2. Essa política já se traduziu pelas guerras impostas aos povos da Coreia, do Viet-Nam, Kmer, Laos, Malásia, e ao recurso à força e à repressão sangrenta para sufocar as legítimas aspirações nacionais de independência, como na Tunísia, em Marrocos, em Kenia, etc. A Comissão não pode deixar de condenar com veemência tais ações, como contrárias aos princípios de independência nacional e aos interesses da paz.

3. Essa política se traduz igualmente por uma pressão exercida sobre inumeros países, com o fim de lhes impôr tratados e pactos coletivos e bi-laterais, que incluem a ocupação estrangeira e a instalação de bases militares em seus territórios e de apossar-se de suas riquezas nacionais, pelo aviltamento de sua cultura nacional, pela supressão das liberdades democráticas, pelas discriminações raciais.

A Comissão reafirma solenemente o princípio do direito de todos os povos dispor livremente de sua sorte, sem qualquer interferência estrangeira.

(Adotado unânimemente, menos duas abstenções).

Viena, 19 de dezembro de 1952.

RECOMENDAÇÕES ADOTADAS PELA COMISSÃO DO CONGRESSO DOS POVOS PELA PAZ ENCARREGADA DE EXAMINAR OS PROBLEMAS QUE SE RELACIONAM COM A CESSAÇÃO DOS CONFLITOS EM CURSO

A Comissão, por unanimidade, tomou as seguintes decisões:

SÔBRE A CORÉIA

- a) Cessação imediata do fogo na Coréia.
- b) Adoção dos princípios existentes nos seguintes textos do Snr. Kuo-Mo-Jo e do Snr. Kitchlew.

«A questão do repatriamento dos prisioneiros de guerra deveria ser encaminhada de novo a

uma «Comissão encarregada da solução pacífica da guerra coreana», de conformidade com os princípios assentados pela Convenção de Genebra; tôdas as tropas estrangeiras, incluindo os voluntários chineses, deveriam ser retiradas e a questão coreana deveria ser solucionada de maneira pacífica».

SÔBRE A MALÁSIA

- a) Cessação imediata das hostilidades;
- b) Retirada imediata das tropas estrangeiras;

- c) O povo malaio decidirá livremente de sua sorte e disporá livremente de todos os recursos de seu futuro.

SÔBRE O VIET-NAM

- a) Cessação imediata das hostilidades, nos três países: Viet-Nam, Petath Lao e Kmer.
- b) Retirada imediata das tropas estrangeiras dos três países: Viet-Nam, Petath Lao e

Kmer.

As duas partes tomarão a seu cargo a responsabilidade de evitar toda nova perda de vidas humanas e todo novo prejuízo material, durante essa retirada; independência total e real dos 3 países.

(Texto das propostas do Sr. Kuo-Mo-Jon).

«E' necessário que todos os prisioneiros de guerra sejam repatriados de conformidade com o direito internacional. Não resta dúvida que existem várias maneiras de interpretar o Direito Internacional, mas é certo que uma vez cessado o fogo, depois de estabelecida a Paz, seria mais fácil vencer essas dificuldades». (Texto do Sr. Kitchlew).

- c) Depois da retirada das tropas estrangeiras dos três países — Viet-Nam, Petath Lao e Kmer — e o desenvolvimento de sua plena independência, o Congresso faz votos para que em atmosfera de Paz, esses países e a França estabeleçam acordos tendo em vista intercâmbios culturais e econômicos, sobre a base da igualmente e reciprocidade de interesses.

(Adotado por unanimidade).
Viena, 19 de dezembro de 1952.

RECOMENDAÇÕES ADOTADAS PELA COMISSÃO DO CONGRESSO DOS POVOS PELA PAZ ENCARREGADA DE EXAMINAR OS PROBLEMAS QUE SE RELACIONAM COM O ALÍVIO DA TENSÃO INTERNACIONAL

Os povos têm os meios de pôr termo à guerra-fria e impôr o alívio da tensão internacional ao qual todos, homens e mulheres, aspiram com tôdas suas forças.

Juntos, os povos podem e devem conseguir que o mundo se encaminhe pela senda feliz da Paz: unin-

do-se para derrubar as barreiras que impedem os intercâmbios internacionais; suscitando, por seus esforços, uma corrente de compreensão e de boa-vontade, empenhando-se resolutamente na luta que deve impôr a cessação da tão perigosa corrida armamentista.

PELO DESARMAMENTO

Os povos consideram com a maior das angústias a atual corrida armamentista, que pesa de modo insuportável sobre as diferentes economias nacionais, que exige sacrifícios cada vez maiores para centenas de milhões de homens de todos os países e que leva, em numerosos países, ao au-

mento de tempo do serviço militar.

A corrida armamentista, que é uma consequência da tensão internacional, não somente não diminui essa tensão, mas se torna, ao contrário, motivo de novos temores e desconfianças, criando-se, assim, novos perigos de guerra.

Os delegados dos povos do mundo inteiro, reunidos em Viena, consideram que na situação atual uma ação tendo em vista o desarmamento adquire uma importância decisiva para salvar a Paz. Essa ação, apoiada por todos aqueles que vislumbram o abismo para o qual o rearmamento desenfreado está arrastando os povos, força em primeiro lugar os governos das Cinco Grandes Potências, e depois as demais, a firmarem uma série de tratados com os seguintes objetivos:

- a) Redução imediata e substancial dos armamentos de toda espécie. Essa redução deveria ser proporcional e simultânea. Executada desde já em escada tão am-

pla quanto possível, embora respeitando as exigências reais de segurança nacional ela permitirá a redução do tempo do serviço militar, e abrirá perspectivas reais para um futuro desarmamento total.

b) Interdição incondicional das armas de destruição em massa e sobretudo das armas atômicas, químicas e biológicas. A execução dessas medidas será objeto de rigoroso controle internacional. A guerra biológica é abertamente preparada e mencionada nos acordos militares concluídos entre certas potências. Comissões inter-

nacionais qualificadas, constataram que armas biológicas foram empregadas na Coreia e na China. Pedimos que o Protocolo de Genebra de 17 de junho de 1925 seja ratificado por todos os países. Pedimos igualmente o respeito às outras Convenções Internacionais sobre os direitos dos prisioneiros de guerra e a garantia de vida e dos bens das populações civis.

Além dessas medidas deve obter-se a interdição efetiva de toda propaganda, que, pelos apelos diretos à guerra, pelas falsas notícias, pela incitação ao ódio racial

e pela criação de um espírito militarista na mocidade, suscita ou aumenta o descontentamento e a desconfiança entre os povos e provoca uma psicose de guerra.

A corrida armamentista torna cada vez mais claro para milhões de homens, o perigo da situação internacional. O potencial de resistência daqueles que querem o desarmamento cresce dia a dia.

Os delegados que vieram a Viena, saberão transformar esse potencial em uma força capaz de mudar o curso dos acontecimentos.

PELO INTERCÂMBIO ECONÔMICO

Os problemas econômicos encardados no interesse da paz estão ligados a todos os atos que visam, de um lado, a pôr um paradeiro à corrida armamentista, e, de outro, a levar ao desarmamento progressivo e simultâneo.

No esforço que desenvolvemos para levar todos os povos a se unirem na defesa da paz e para reencontrarem a prosperidade, o reinício dos intercâmbios comerciais entre todos os países, à base da igualdade e da garantia de reciprocidade, é indispensável.

Os países economicamente subdesenvolvidos deveriam integrar-

se no comércio mundial, e procurar sem obstáculo obter em troca de suas matérias-primas o equipamento industrial necessário ao desenvolvimento de sua economia nacional. E' de conveniência suprimir todos os impecilhos criados pelas economias de guerra. E, do mesmo modo, conveniente impedir que o investimento do capital estrangeiro possa ameaçar a independência nacional de qualquer país.

O livre intercâmbio de matérias-primas, respeitando-se o direito à independência nacional, torna-se igualmente uma das condições

essenciais de equilíbrio econômico mundial.

O reinício do intercâmbio entre o Oriente e o Ocidente seria o primeiro passo feliz a ser dado no estabelecimento e desenvolvimento normal das relações comerciais e ligações econômicas entre os diversos países. Isso contribuiria de maneira eficaz para a melhoria do nível de vida e do poder aquisitivo dos povos, o que atenuaria o desemprego nos países já atingidos ou ameaçados por ele.

Levando-se em conta as considerações expostas e as recomendações sugeridas, torna-se possível estabelecer uma economia de paz baseada na coexistência pacífica dos povos.

PELA DEFESA DA CULTURA

Profundamente alarmados pelas consequências da guerra-fria sobre a cultura, dirigimo-nos aos homens de ciência, aos escritores, aos artistas, aos professores, a todos os intelectuais e a todos os povos, para que juntos defendam seu patrimônio comum.

Esse apelo é dirigido particularmente:

- a) a todos os homens de cultura, para que se oponham à utilização da imprensa, do rádio e do cinema, para a propaganda de guerra.
- b) aos educadores, ou pais, a todos os homens e mulheres que têm a seu cargo a educação das crianças, para que se oponham ao incitamento ao crime, ao ódio, à discriminação racial, e à excitação guerreira, por meio de livros, jornais, filmes e rádio.
- c) aos músicos, aos pintores, aos escultores, aos artistas, em geral, para que suas obras sejam uma exaltação da paz e das alegrias da vida.

Ao nos dirigir aos intelectuais, aos artistas e entidades operárias, preconizamos os contatos, as exposições, os festivais e os encon-

tros de caráter internacional.

Desejamos que os grandes vultos da humanidade sejam celebrados e comemorados em todos os países do mundo.

Tencionamos quebrar todos os obstáculos que se opõem ao desenvolvimento normal dos laços culturais entre todas as nações. Para a compreensão internacional, a humanidade toda deve beneficiar-se dos resultados das pesquisas, dos frutos da ciência e das criações artísticas de cada povo.

Com o espírito de igualdade e reciprocidade, e o respeito a todas as culturas nacionais, os intercâmbios intelectuais e artísticos devem contribuir para a salvaguarda e a consolidação da paz.

Aspiramos a ver nossas universidades, nossas bibliotecas, nossos centros de pesquisa proceder a trocas de seus trabalhos e se comunicarem o resultado de seus estudos.

Queremos ver circular pelo mundo as obras de arte clássica e moderna (literatura, música, pintura, cinema, teatro, arquitetura, artes gráficas). Cada povo deve delegar junto aos outros povos seus melhores representantes da ciência, das letras e economistas,

das artes, seus professores, seus desportistas, seus operários e seus camponeses, dedicados a causa da paz.

Convidamos os cientistas, e sobretudo os economistas, juristas, psicólogos a elaborar os princípios e as regras sobre as quais devem basear-se a compreensão, a colaboração e a justiça internacionais.

Lançamos um apelo aos cientistas e aos povos no sentido de que defendam a livre circulação das idéias e dos resultados da pesquisa, e de que participem da mais ampla cooperação científica internacional, sem a qual a ciência perderia seu caráter universal.

Dirigimo-nos a todos os cientistas que trabalham no aperfeiçoamento e no desenvolvimento dos instrumentos de destruição e de morte. Concitamo-los a que se unam aos cientistas que, no mundo, para honra da ciência tomaram a si a resolução de colocá-la a serviço da humanidade.

Para salvar a civilização ou a cultura, sua mais alta expressão, saberemos impôr a Paz.

(Adotado por unanimidade).

Viena, 19 de dezembro de 1952.

OS VOTOS DO CONGRESSO

Sessão plenária de encerramento (19 de dezembro de 1952).

- 1o. — Voto sobre a Mensagem aos governos:
- delegados que tomaram parte na votação: 1.647
 - votos a favor: 1.637
 - abstenções: 7

observadores ou convidados.

- não tomaram parte na votação: 3 observadores.
- 2o — Voto sobre o Apêlo aos Povos:
- delegados que tomaram parte na votação: 1.647

- votos a favor 1.626
- abstenções: 10 observadores ou convidados.
- não tomaram parte na votação: 11 observadores.

OS DELEGADOS BRASILEIROS AO CONGRESSO DOS POVOS PELA PAZ

RIO GRANDE DO SUL:

Etelvino ZORZI, Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Caxias do Sul, Presidente do Conselho da Federação Estadual dos Metalúrgicos; membro do Partido Trabalhista Brasileiro.

João MODESTO DE SOUZA, prefeito da cidade de Alegrete, dirigente do Partido Trabalhista Brasileiro.

Orlando LOUREIRO, jornalista, Vice-Presidente da Associação Rio Grandense de Imprensa.

Sra. Virginia MODESTO DE SOUZA.

SÃO PAULO:

Edoardo de GUARNIERI, maestro, regente da Orquestra Sinfônica da capital de São Paulo.

Elisa BRANCO, Vice-Presidente do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz.

Emílio PERES, Presidente da Associação dos Espíritas do Ipiranga.

Fernando de OLIVEIRA COUTINHO, Juiz do Trabalho na capital.

Gracita MIRANDA, jornalista.

Cel. Joaquim BARBOSA DE MORAES, fazendeiro.

Joaquim TEIXEIRA, Presidente do Sindicato dos Textéis (falecido).

José CUCÊ, escultor, Presidente do Sindicato dos Compositores e Artistas Plásticos.

José GERALDO VIEIRA, médico, escritor.

Jovina PESSOA, Professora.

Milton MARCONDES, vereador na capital pela União Democrática

ca Nacional, Presidente do Sindicato dos Bancários.

Olimpio BONDESAN, camponês.

Romeu BARBOSA, campeão brasileiro de peso-leve (box).

Samuel PESSOA, professor da Universidade de São Paulo, membro da Comissão Internacional de Cientistas para inquérito sobre a guerra bacteriológica na Coréia e China.

GOIÁS:

Aluysio SAYOL DE SA PEIXOTO, Consultor Jurídico do Estado.

MINAS GERAIS

Irineu GUIMARÃES, professor do Colégio Grambery de Juiz de Fora.

Waldomiro LOBO, deputado Estadual do Partido Trabalhista Brasileiro, radialista.

DISTRITO FEDERAL:

Abel CHERMONT, Presidente do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz.

Adalberto PITTA PINHEIRO, Secretário do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz.

Branca FIALHO, membro do Bureau do Conselho Mundial da Paz, Vice-Presidente do Movimento Brasileiro.

Deodoro ARAUJO SILVA, Comandante da Marinha Mercante.

Edgar BUXBAUM, general do Exército, Presidente da Comissão Nacional contra o Acordo Militar Brasil-Estados Unidos, Vice-Presidente do Movimento Brasileiro.

Fued SAAD, membro do Conse-

lho Nacional do Movimento Brasileiro.

Geraldo SOARES, operário da Light.

Helena BOAVENTURA, da Federação de Mulheres do Brasil.

Jorge AMADO, Vice-Presidente do Movimento Brasileiro, membro do Conselho Mundial da Paz.

Maria DELLA COSTA, artista de cinema e teatro.

Palamede BORSARI, Secretário do Conselho Mundial da Paz.

Paulina D'AMBROSIO, musicista, professora da Universidade do Brasil (Escola Nacional de Música).

Sandro POLONIO, artista e empresário teatral.

PARA

Jocelyn BRASIL, coronel-aviador, Presidente do Centro Estadual de Estudos e Defesa do Petróleo e Economia Nacional.

NOTA: Da delegação brasileira ao Congresso dos Povos pela Paz, ainda fazia parte, como observadora, a ilustre escritora e jornalista de São Paulo, Exma. Snra. Maria de Lourdes TEIXEIRA.

Acompanharam a delegação brasileira, no desempenho de funções técnicas de secretaria, as seguintes pessoas:

Oswaldo PERALVA, jornalista.

Alberto CARMO, previdenciário.

Mario SCHEMBERG, físico.

Laura AUSTREGESILLO, escritora.

Francisco COSTA NETO, advogado.

Calil CHADE, professor.

RESOLUÇÕES DOS 103 ESCRITORES PRESENTES AO CONGRESSO DOS POVOS PELA PAZ

Estamos de acôrdo em mostrar, em nossas obras, o caminho da Paz e em afirmar nossa confiança no homem

Na sessão noturna do Congresso dos Povos de 17 de dezembro, Pablo Neruda subiu à tribuna e leu a seguinte resolução:

«Nós, escritores da Albânia, Alemanha, Argentina, Austrália, Bélgica, Birmânia, Bolívia, Brasil, Bulgária, Chile, China, Colômbia, Coréia, Cuba, Egito, Equador, Espanha, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Grécia, Holanda, Hungria, Haiti Itália, Jamaica, México, Mongólia, Filipinas, Polônia, Romênia, S. Domingos, Suécia, Suíça, Tailândia, URSS, Uruguai, Venezuela, reunidos em Viena para o Congresso dos Povos pela Paz,

DECLARAMOS:

Nós, que cremos no poder da palavra escrita, e cuja profissão é a de testemunhar para nós mesmos e para outros que nos cercam, de cidimos por nossas obras de acôrdo com a nossa vontade de paz e combate a guerra com os nossos trabalhos. Como e em que medida, cada um decidirá por si. Mas, acima das divergências religiosas, filosóficas, políticas e literárias, estamos de acôrdo em denunciar, em todos os seus disfarces e até na literatura, a guerra que se prepara, em testemunhar, em nome de todos aqueles que a sofrem, em mostrar o caminho da paz e afirmar nossa confiança no homem.

Esperamos, de todo o coração que es-

ta resolução encontrará éco entre outros escritores, no mundo inteiro.

Pelos 103 escritores presentes ao Congresso; Anna Seghers, Pablo Neruda, Jean-Paul Sartre, Louis Aragon, Elsa Triolet, Jorge Zalamea, Constatin Fedine, Mulk Raj Anand, Jorge Amado, Mao Dun, Iaroslav Iwaskiewicz, Artur Lundkvist».

GRUPOS DE INICIATIVAS

Após a leitura desta resolução, Henri-Pichette (França), em nome dos escritores, apresentou as seguintes propostas:

«PROPOMOS:

1.o) criar grupos de iniciativa nacionais visando um encontro internacional de escritores;

2.o) ter em vista a realização de viagens de escritores que possam suscitar obras que contribuam para a manutenção da paz;

3.o) facilitar os encontros entre escritores, que possam ajudar à compreensão entre as nações;

4.o) colaborar, na medida de nossas possibilidades, para o intercâmbio entre os países e a difusão de textos que sirvam à causa da paz, e em particular para a sua publicação nos órgãos literários de diversos países».